



ERNESTO BOZZANO

GUERRAS E PROFECIAS



FONDAZIONE
BIBLIOTECA
BOZZANO
DE BONI



ERNESTO BOZZANO
GUERRAS E PROFECIAS

Lançamento original em italiano:

ERNESTO BOZZANO – GUERRE E PROFEZIE

Editora Europa – Estradone S. Fermo, 28.

Verona – Itália – 1948.

Tradução: Carla Cristina Duarte Costa

Prefácio e Revisão: Dairson Azambuja Gonçalves

Formatação: Alexandre R. Distefano e Irmãos W.

Versão digitalizada:

© 2023

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



ERNESTO BOZZANO

GUERRAS E PROFECIAS

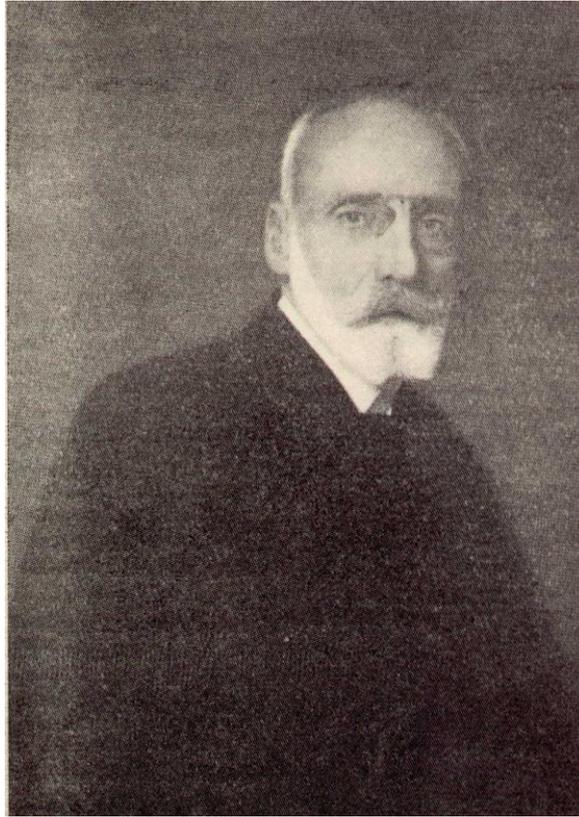
PRIMEIRA EDIÇÃO

SÉRIE DE ESTUDOS METAPSÍQUICOS
DIREÇÃO DOUTOR GASTONE DE BONI

PRIMEIRA EDIÇÃO
EDITORA EUROPA - ESTRADONE S. FERMO, 28
VERONA - ITÁLIA
1948



FONDAZIONE
BIBLIOTECA
BOZZANO
DE BONI



ERNESTO BOZZANO (1862 - 1943)

Ernesto Bozzano nasceu em Gênova, a 9 de janeiro de 1862, quarto filho de um total de cinco irmãos de uma família abastada.

Em 1948, escreveu Bozzano ao médico Dr. Humberto Torres “havendo nascido numa família espírita tive, à minha disposição, os numerosos livros que meu pai adquiriu e além disto, durante toda a minha vida, a ventura de presenciar vários dos interessantes fatos neles relatados”.

Sua primeira abordagem no estudo do Espiritismo foi a da negação do fenômeno. O estudo pormenorizado dos mesmos levou-o a tornar-se mais tarde um de seus mais importantes escritores. Era um pensador positivista. Suas primeiras incursões nos estudos do fenômeno espírita, através dos trabalhos de Alexander Aksakov em Animismo e Espiritismo e Os Fantasmas da Sala de Estar (Phantasms of the Living) de Edmund Gurney, converteram-no definitivamente em um pesquisador psíquico.

Ernesto Bozzano começou a escrever artigos sobre mediunidade a partir de 1900.

Em 1920 ele conheceu Gastone De Boni que, após a morte de Bozzano, herdou todo o seu material científico.

Foi Presidente de Honra do 5º Congresso Espírita Internacional, realizado de 1 a 10 de setembro de 1934, em Barcelona, Espanha. Por sua atuação e obra recebeu uma belíssima medalha de ouro dos espíritas ingleses, que continha a seguinte frase *"Ao grande Mestre da Alma, Ernesto Bozzano, que abriu novos horizontes radiosos à humanidade sofredora, de seus amigos e admiradores"*.

Ernesto Bozzano produziu mais de sessenta obras em toda a sua vida, estas obras estão disponíveis em português, na chamada "Obras completas de Bozzano", suas monografias foram colecionadas no livro Seleções da mesma série, Ed. Livraria Allan Kardec Editora, 1949. Traduções de Francisco Klors Werneck.

As suas obras mais importantes são Animismo ou Espiritismo, Metapsíquica Humana, Enigmas da Psicometria, Fenômenos Psíquicos entre muitas outras. Foi ele também um dos primeiros a estudar os fenômenos Metapsíquicos produzidos por 26 animais onde se destacam o caso dos cavalos de Elberfeld, onde um fazendeiro ensinou aos seus animais a fazerem operações matemáticas. Ainda hoje existem dúvidas quanto a estes feitos, porém àquela época os fatos foram estudados e considerados reais.

Ernesto Bozzano morreu em 24 de junho de 1943, em Savona, Itália. Ele nunca negligenciou nas suas pesquisas, tendo participado de inúmeras sessões com Eusapia Palladino, um dos maiores médiuns de efeitos físicos que se tem notícias até os dias de hoje.

Quando Bozzano morreu em 1943, Gastone de Boni herdou toda a sua biblioteca, todo este material e permitiu a Silvio Ravaldini elaborar uma extensa biografia de Ernesto Bozzano (Ernesto Bozzano e la Ricerca Psicica-Vita e opere di un pioniere della parapsicologia, ed. Mediterranee, Roma, 1993).

Gastone de Boni criou então uma sociedade chamada de Fondazione Biblioteca Bozzano De Boni e o Arquivo de Documentação Histórica da Pesquisa Psíquica, ambos baseados em Bolonha.

Com a morte de Gastone De Boni, em setembro de 1986, a direção da instituição foi confiada a Silvio Ravaldini, que ao mesmo tempo herdara todo o patrimônio bibliográfico e documental acumulado por Gastone De Boni.

O pesquisador Silvio Ravaldini assumiu a sociedade em 1987, e leva adiante a publicação da revista centenária Luce e Ombra que foi fundado por Ernesto Bozzano no ano de 1900, e que se torna o órgão oficial do Arquivo de Documentação Histórica de Pesquisa Psíquica.

Silvio Ravaldini faleceu em 2015 com noventa anos de idade. Sempre acreditando que o estudo dos trabalhos de Ernesto Bozzano permita ao espírita acostumar-se à análise metódica dos fatos, separando-os das suposições. Além disto, esta pessoa terá a grande oportunidade de ampliar o seu conhecimento.

Desde 2016 Paola Giovetti é diretora atual da revista Luce e Ombra e presidente atual da Fundação da Biblioteca Bozzano De Boni.

Fondazione Biblioteca Bozzano De Boni

Sumário

Prefácio — pág. 08

Introdução — pág. 14

PRIMEIRA PARTE – PROFECIAS DE GUERRAS

Capítulo I – A “Grande Guerra Mundial” de 1914-1918 e as “Profecias” — pág. 15

Capítulo II – Notáveis intuições proféticas acerca da Segunda ‘Grande Guerra Mundial’ — pág. 94

SEGUNDA PARTE – PRECOGNIÇÃO E PREMONIÇÃO

Capítulo III – Curiosas experiências de paranormais «A cadeira vazia» — pág. 112

Capítulo IV – Precoguição e Premonição Diversas — pág. 134

Prefácio

A crença na imortalidade e sobrevivência do Espírito sempre estiveram presentes na história da humanidade. Ao longo do tempo, essa crença é assimilada pela intuição, constituindo-se, desde a infância, pelas tradições repassadas de geração a geração. Concepção esta, encontrada nos dias atuais, consolidada em razão de existir menos espaço para a fé cega.

Para o homem moderno não basta apenas crer, faz-se mister compreender, caminhando assim ao encontro das comprovações não apenas filosóficas, mas também das características dadas pela ciência Espírita. Essas práticas e conceitos sobre a alma e a reencarnação são tratadas pela metodologia científica dos pesquisadores. Dentre esses Ernesto Bozzano, (1862-1943) último grande cientista europeu, Professor de Filosofia da Ciência na Universidade de Turim e pesquisador espírita italiano. Destacando-se como um contribuinte ativo na literatura italiana e francesa sobre fenômenos paranormais a partir da virada do século XIX até o início dos anos 1940. Foi um dos poucos pesquisadores italianos nomeados membros honorários da Society for Psychical Research (SPR), American Society for Psychical Research (ASPR) e Institut Métapsychique International (IMI).

Inicialmente passou a dedicar à filosofia da ciência, despertando interesse sobretudo pelas ideias do inglês Herbert Spencer (1820-1903). E em 1891 começou a se ocupar da telepatia e principalmente do Espiritismo, assuntos à época que interessavam tanto estudiosos da Europa quanto da América.

Desde então, Bozzano dedicou-se inteiramente, em completa solidão e até sua morte, ao estudo da Metafísica e Metapsíquica.

Porém, não apenas pesquisador, como também experimentador, organizando e comentando todo e qualquer fenômeno relativo à riquíssima literatura Metapsíquica, na qual a relação dos visionários, dos crédulos, dos mitômanos e dos charlatães era, por larga margem, mais numerosa que a dos estudiosos sérios, levando-o a publicar trinta e duas obras em vida e outras vinte obras pós morte, por Gastone de Boni, que, após sua morte herdou todo material científico.

Tratando de cada área e de cada aspecto da Metapsíquica: telepatia, psicocinese, mediunidade em geral, etc..., e trocando dessa forma, uma variedade enorme de correspondências com os maiores representantes da Metapsíquica, como valorosos cientistas, dentre eles; físicos ingleses William Crookes e Oliver Lodge e o fisiologista francês Charles Richet.

Além desta Obra: Guerras e profecias de 1948, publicação póstuma, pois foi a prelo cinco anos após sua morte, citamos outras que tem profunda correlação, tais como: Metapsíquica Humana, 1927; A Crise da Morte, 1930; Investigação sobre as manifestações supranormais, 1931; dos fenômenos de telestesia, 1942, e a precursora de Guerras e Profecias, que é a sua continuação lógica, publicado em dois volumes; Luzes no futuro, em 1947.

Até sua morte, dedicando grande parte da sua vida procurando dar ao Espiritismo um caráter científico, deixou uma biblioteca de Metapsíquica das mais ricas da Europa e do mundo. Hoje conservada pela "Fondazione Biblioteca Bozzano - De Boni", de Bologna. Gastone de Boni, publicou assim obras pós morte do Cientista. Em Gênova, sua cidade natal, há uma rua com seu nome.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação de sua mãe, que o levou indubitavelmente, a constatação da sobrevivência da alma. Bozzano realizava nessa época sessões semanais com um reduzido grupo e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se dava o transcurso do primeiro ano da desencarnação de sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixara assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Enquanto no livro Luzes no futuro foram apresentados casos de previsões individuais, em Guerras e Profecias se apresentam de forma quase exclusiva as previsões coletivas, fatos que não se podiam mais considerar "premonição" no verdadeiro sentido do termo, mas "profecias", visto que não se referiam aos eventos futuros particulares de indivíduos, mas sim a eventos de ordem geral, no coletivo, aos quais resultam as guerras e as revoluções.

Naturalmente, como são as guerras, os fenômenos coletivos mais trágicos e que chamam atenção, a maior parte das profecias expostas referem-se a este gênero de evento.

Dos valorosos relatos e casos, arrolados e submetidos a pesquisa de campo, destacamos alguns poucos que nos deixam um vislumbre parcial da riqueza

científica desta obra, convidamos assim os leitores; não a apresentar armas aos fatos, mas empreender o esforço para compreender por fim, que nada ocorre ao acaso, porém, são detalhes de uma programação a um fim providencial.

No capítulo introdutório, vinte e quatro casos vêm nos somar ao conhecimento:

A "GRANDE GUERRA MUNDIAL" DE 1914-1918, que descarta as vidências pobres e sensacionalmente falsas e traz informes sobre os clarividentes autênticos famosos justamente por outras profecias formuladas por eles em circunstâncias análogas à guerra, as quais foram realizadas nos mais minuciosos particulares.

Disciplina Metapsíquica e é nisso que consiste a causa do bom sucesso das profecias formuladas sobre a guerra antes que a guerra se desencadeasse, assim como o fracasso daqueles formulados durante a guerra. Reside na circunstância que, nas vidências pobres e sensacionalmente falsas, os profetas se encontravam imersos em tormentas de sangue, e de consequência, incapazes de manter as condições favoráveis a passividade mental; com isso impedindo o surgimento das faculdades proféticas inerentes às suas subconsciências, e abrindo a passagem à cada tipo de visão subjetiva ou de mensagens psicografadas repletas de material onírico da subconsciência subliminar; visões e mensagens que naturalmente não poderiam não resultar em plena harmonia com as ardentes aspirações, ou as opiniões particulares dos videntes em questão. Já os clarividentes autênticos, se encontravam em condições de ânimo sereno e tranquilo, e de consequência, podiam manter-se em condições de passividade mental, que é o estado receptivo indispensável ao surgimento das faculdades paranormais subconscientes.

Dentre eles:

Caso I – Michele Nostradamus, século XVI, doutor em medicina oficializado junto à corte do rei da França. um homem de ciência em toda a expressão do termo, além de ser profundamente religioso e católico fervoroso.

Ele é o autor das famosas Centúrias, em quadras rimadas, nas quais se exibem as visões que ele teve em relação aos eventos da história da Europa: Centúrias por ele publicada em Lyon em 1555, e depois reimpressas numerosas vezes, assim como explicadas e ilustradas por uma multidão de comentaristas pertencentes a toda a nação.

Dentre tantas outras previsões, previu que a grande revolução francesa teria início no ano de 1789. Que o rei e a rainha da França seriam justicados. Que um

novo calendário seria adotado no ano de 1792. Que as perseguições às instituições religiosas teriam durado “um pouco menos que onze anos”, e de fato ela durou precisamente onze anos, menos três dias;

Caso II – "mensagem" mediúnica que a Srta. Lilian Whiting, junto ao Dr. Hodgson, em 17 de outubro de 1897. Sobre guerra apavorante em várias partes do mundo, daqui decorre que hodiernamente, se assiste de fato o difundir e o intensificar-se de um movimento metapsíquico-espiritual imponente, surgido após a guerra e em consequência da guerra; a qual, segundo, era necessária para preparar o ambiente indispensável para a espiritualização dos povos;

Caso III – Nesta outra "mensagem" mediúnica com conteúdo profético publicado na revista espiritualista australiana: *The Harbinger of Light*, na edição de julho de 1909. “Meus irmãos, um grande cataclisma de sangue cobrirá o mundo nos próximos tempos; [...] Não tardará muito a Alemanha, França, Áustria, Itália, Inglaterra e Rússia se confundirão em um enorme conflito geral”;

Caso IV – o dia das papoulas vermelhas;

Caso VI – a sonâmbula-médium "Reine", longamente estudada por Pierre Cornillier;

Caso VIII – vivíssima e persistente visão premonitória do professor Flournoy;

Caso IX – o famoso romancista inglês Sir Conan Doyle - transferência da guerra para o rio Piave. 17 de junho de 1918;

Caso X - assassinato do arquiduque Ferdinand em Sarajevo (28 de junho de 1914); isto é, à causa que desencadeou a Grande Guerra dos Quatro Anos; “a multidão rodeava o carro do Arquiduque, e da multidão surgiram dois jovens que dispararam no Arquiduque”. O professor Richet destaca que se trata de uma premonição em que os detalhes resultam extremamente precisos e verdadeiros, exceto pela circunstância de que não houve tiros, mas sim o lançamento de uma bomba;

Caso XII – previsão de uma camponesa. «Num futuro próximo, a França será invadida por um exército inimigo, que entrará nela pelo lado noroeste.”.

No capítulo segundo vamos nos surpreender com mais oito casos.

As profecias relativas à segunda "Grande Guerra Mundial" que ainda hoje aflige a humanidade (1942), vai conter em sua maior parte resumos de intuições notáveis neste sentido e de considerações de ordem geral, "Uma coisa positiva: que com base em minhas próprias experiências mediúnicas, sou informado sobre o advento iminente de um tremendo choque que deverá

atingir toda a humanidade, um choque necessário para despertá-la da apatia moral em que se encontra...”

E passados setenta e quatro anos, Carla Cristina Duarte Costa, empreende a tradução desta obra para o português, brindando-nos com a riqueza da pena meticulosa de Bozzano, que com certeza a nós faltava, não apenas nas prateleiras físicas, mas também nas prateleiras do nosso entendimento, fortalecendo ainda mais o conhecimento tanto científico quanto espiritual.

Outra tradução de Carla Cristina Duarte Costa; Discursos pronunciados no aniversário de morte de Allan Kardec, na inauguração do monumento; nos agracia pelo empenho e dedicação da mesma; com Guerras e profecias, fortalece-nos ainda mais, não apenas o conhecimento, como também o entendimento sobre a solicitude divina que nesta presente obra, permite um pequeno vislumbre da programação adrede elaborada para os destinos da humanidade.

Dairson Azambuja Gonçalves
Porto Alegre, 03 de janeiro de 2023.

Fontes:

- [Site Dairson Gonçalves Espírita](#)
- [Site Folha Espírita](#)

*Este livro de Ernesto Bozzano é a continuação lógica de outra obra (publicado em dois volumes) com o título: **Luzes no Futuro**. Enquanto no livro apenas citado foram apresentados casos de previsões individuais, neste se apresentam de forma quase exclusiva as previsões coletivas, ou seja, as profecias. Naturalmente, como são as guerras que mais representam os fenômenos coletivos mais trágicos e que chamam atenção, a maior parte das profecias expostas referem-se a este gênero de evento.*

Um lugar à parte apresenta os casos da assim chamada “premonição da cadeira vazia”.

Esta monografia de Ernesto Bozzano representa, junto a anterior, a prova e a apresentação mais completas que nunca se fez antes acerca da clarividência no futuro.

Introdução

Desde o dia em que meu livro sobre “Fenômenos Premonitórios” foi publicado (1912) (1), foram se acumulando nas minhas classificações outros numerosíssimos casos do tipo; isto me induziu a escolher os melhores com o propósito de reunir-lhes aos outros já publicados, em uma segunda edição do livro. Somente que, assim procedendo, me dei conta de que os casos selecionados também eram muitos para serem contidos em um volume de formato normal. Eu precisei, portanto, retirar uma parte a ser publicada separadamente em outra monografia complementar. O que parecia também aconselhável por motivos técnicos de classificação, isso enquanto um grupo considerável dos casos discutidos não se podiam mais considerar “premonição” no verdadeiro sentido do termo, mas “profecias”, visto que não se referiam aos eventos futuros particulares de indivíduos, mas sim a eventos de ordem geral, no coletivo, aos quais resultam as guerras e as revoluções.

Fica por isso entendido o tema fundamental da presente monografia resulta aquele das “profecias” que dizem respeito as duas “Grandes Guerras Mundiais”, às quais foram assistidas pela nossa geração.

A seguir, alguns capítulos dedicados as diversas categorias de fenômenos premonitórios que, como já dito, não poderiam ser incluídos na primeira monografia por razões editoriais.

Havendo explicado isso, entremos no argumento.

(1). Publicado com o título de **Luzes no Futuro**, em dois volumes. [G.D.B.]

PRIMEIRA PARTE

PROFECIAS DE GUERRAS

Capítulo I

A “Grande Guerra Mundial” de 1914-1918 e as “Profecias”

Em qualquer momento sejam analisadas e comparadas entre si as numerosas profecias publicadas na ocasião da primeira “Grande Guerra”, surge claro e sem dúvida, uma circunstância de fato interessante, a que a grande maioria das profecias formuladas pelos “videntes” antes da guerra, quando ninguém pensava em guerra, resultaram maravilhosamente verdadeiras, enquanto as profecias formuladas pelos mesmos “videntes” durante a tempestade do cataclismo de sangue, e referindo-se à sucessão dos eventos nos quatro anos de guerra, resultaram em sua grande maioria pobres e sensacionalmente falsas. De fato, em base ao mesmo, se aprende que o Kaiser deveria acabar assassinado pelo seu povo, que o rei da Grécia deveria reinar sobre Constantinopla, e que os exércitos que mantinham alianças deveriam lançar uma grandiosa batalha decisiva sob os muros de Berlim; enquanto a cada início de ano surgiam profecias segundo as quais a guerra deveria terminar naquele mesmo ano, e

assim como isto aconteceu em 1914, em 1915, em 1916, em 1917 e em 1918, os últimos profetas terminaram por adivinhar.

No entanto, entre os profetas que faliram miseravelmente à prova, existiam os clarividentes autênticos, famosos justamente por outras profecias formuladas por eles em circunstâncias análogas à guerra, as quais foram realizadas nos mais minuciosos particulares.

Como entender tão grande contraste nos resultados conseguidos? Respondo observando que a explicação é óbvia para qualquer um que seja hábil na disciplina da Metapsíquica, e é nisso que consiste a causa do bom sucesso das profecias formuladas sobre a guerra antes que a guerra se desencadeasse, assim como o fracasso daqueles formulados durante a guerra. Reside na circunstância que, no primeiro caso, os videntes se encontravam em condições de ânimo sereno e tranquilo, e de consequência, podiam manter-se em condições de passividade mental, que é o estado receptivo indispensável ao surgimento das faculdades paranormais subconscientes. Já no segundo caso, os profetas se encontravam imersos em tormentas de sangue, e de consequência, incapazes de manter as condições favoráveis a passividade mental; com isso impedindo o surgimento das faculdades proféticas inerentes às suas subconsciências, e abrindo a passagem à cada tipo de visão subjetiva ou de mensagens psicografadas repletas de material onírico da subconsciência subliminar; visões e mensagens que naturalmente não poderiam não resultar em plena harmonia com as ardentes aspirações, ou as opiniões particulares dos videntes em questão.

Tudo isso, *à priori*, parecia psicologicamente inevitável; em tal modo que não é certo surpreender-se ao relevar-lhe *à posteriori*, como também os propósitos das manifestações em exame, se tiveram a confirmação eloquente de uma lei da Metapsíquica fundamental.

De qualquer forma, querendo ser imparcial, deve-se observar que, se pela maioria dos casos descritos se encontra nos videntes um eclipse total da faculdade profética, nota-se também que em algumas circunstâncias o eclipse aparece apenas parcial, em quanto se encontram em várias profecias com descrições verdadeiras de situações futuras as quais resultam muito complexas e muito inesperadas para serem consideradas dissolúveis com a cômoda hipótese das “coincidências fortuitas”. Mas já se compreende que se tais notáveis acidentes verídicos valem como ótimas provas em favor de uma provável emergência esporádica da faculdade paranormal que autenticam

também nas circunstâncias expostas, os acidentes mesmo, porém, não podem ser considerados do ponto de vista científico. Assim sendo, não me deterei, condenando inexoravelmente ao ostracismo todas as profecias formuladas durante a guerra, com exceção para algumas resultadas integralmente verídicas.

* * *

CASO I – Passando às classificações dos episódios, não posso deixar de prestar a devida homenagem, sobre o tema “profecias”, a um antiquíssimo e famosíssimo “vidente”, que viveu a três séculos atrás: o doutor em medicina **Michele Nostradamus**. Para abreviar, me limito a citar um resumo de uma de suas profecias sobre a hodierna grande guerra europeia, resumo escrito pelo Conde Chedo Mijatovich, ex-ministro plenipotenciário do reino da Sérvia em Londres. Ele escreveu:

«**Michele Nostradamus**, que viveu na primeira metade do século XVI, era um famoso doutor em medicina oficializado junto à corte do rei da França. Ele era judeu de nascimento, francês de nacionalidade, um homem de ciência em toda a expressão do termo, além de ser profundamente religioso e católico fervoroso.

“Ele é o autor das famosas Centúrias, em quadras rimadas, nas quais se exibem as visões que ele teve em relação aos eventos da história da Europa: Centúrias por ele publicada em Lyon em 1555, e depois reimpressas numerosas vezes, assim como explicadas e ilustradas por uma multidão de comentaristas pertencentes a toda a nação.

“Supondo que em favor da existência da faculdade profética no homem, não existem outras provas que aquelas emergentes da obra de **Michele Nostradamus**, estas provas bastariam por si a demonstrarem a existência. Há trezentos e setenta anos atrás, ele previu esses eventos que hoje em dia se realizam sob nossos olhos, descrevendo-os frequentemente de maneira tão detalhada a nos induzir ao espanto. Como por exemplo, eis uma estrofe sobre o reinado de Luís Felipe:

“Eu vejo um príncipe real dirigindo uma carruagem. Vejo os cavalos se empinarem mediante a visão de alguma coisa, e saírem correndo em disparada. Em um determinado momento o príncipe tenta saltar, mas o esporão de uma das botas agarra ao ferro do estribo, e ele é projetado com força contra o chão, morrendo na batida”.

“Pois bem: esse incidente mortal se realizou em cada particularidade descrita, na pessoa designada; ou seja, pelo Duque de Bordeaux, príncipe hereditário sob o reino de Luiz Filipe, no ano de 1846.

“Vou referir em resumo alguma outra profecia:

“Ele previu que a grande revolução francesa teria início no ano de 1789. Que o rei e a rainha da França seriam justicados. Que um novo calendário seria adotado no ano de 1792. Que as perseguições às instituições religiosas teriam durado “um pouco menos que onze anos”, e de fato ela durou precisamente onze anos, menos três dias!

“Ele previu o surgimento do primeiro Napoleão na cena política da França, e o descreveu em pormenores, designando-o com o título de “Grande Imperador”.

“E subindo o curso dos eventos sempre à frente no tempo, ele previu que a França teria conquistado a Algéria, acrescentando que a façanha seria realizada quando a França tivesse reinado com um rei de nome “Filipe”. Bem, como todos sabemos, a conquista da Algéria foi realizada durante o reinado de Luiz Filipe da casa dos D’Orleans.

“Ele também previu a carreira de Napoleão III, até a capitulação de Sedan.

“Chegando a tudo o que ele profetiza em relação à atual grande guerra europeia, já é o suficiente para nos espantar.

“Ele disse que a grande guerra seria cruel e assustadora; que não aconteceria somente em terra, mas nos mares e no céu, referindo-se evidentemente aos submarinos e aos aviões. Estes últimos acima de tudo o embarçam; e ele narra que vê muito alto no ar o que lhe parece um bando de falcões, os quais atiram foco sobre as cidades e sobre os exércitos abaixo!

“Ele previu que a Rússia seria mergulhada no caos, acrescentando que as suas fronteiras ocidentais seriam transportadas de volta em direção ao oriente.

“Nada menos notável resultam suas profecias em relação ao rei da Bulgária, ao qual informa o nome, chamando-o “o loiro Ferdinando”. Enquanto informa que ele desconheceria os laços de sangue que os unia à França, que pelas próprias cobiças pela Macedônia, ele entraria em guerra contra a Sérvia e a Grécia, e que no que próprio no momento em que ele deveria ser prudente em suas deliberações, prenderia um caminho errado, provocando o fim do seu reinado.

Ele, em 1555, viu e declarou que a Palestina e a Síria seriam estados liberados do jugo dos turcos, que o império turco teria desmoronado, que a Áustria seria

reduzida a um pequeno estado com esse nome, que a Hungria teria conquistado a independência, assim como também ficariam livres e independentes a Boêmia e a Polônia, enquanto a Romênia cresceria: que tais estados estreitariam relações de amizade com a Inglaterra, e que um novo estado eslavo se formaria, ao quais os confins se estenderiam da Suíça ao Danúbio; com isso aludia evidentemente à formação da Iugoslávia..

“E agora não vamos nos esquecer que todos esses eventos, os quais estarão acontecendo sob nossos olhos, foram descritos em uma obra publicada no ano de 1555, por um doutor em medicina e um homem da ciência, o qual possuía o dom paranormal das faculdades proféticas...” (**Light**, 1920. Pág. 34).

Este é o resumo mais recentes entre as profecias de Nostradamus feita pelo conde Mijatovich. Da minha parte, me recuso a comentá-las já que não tive nunca a ocasião de estudar no texto as profecias em questão, que conheço somente em base aos numerosos sábios analíticos que sobre elas pblicaram. Observo, no entanto, que, como os comentaristas reproduzem as “quadras rimadas” as quais contêm as profecias discutidas, imagina-se que o leitor é colocado em lugar de asseverar por sua própria conta se os comentaristas interpretaram exatamente o pensamento do profeta. Sendo assim, então não se pode desconhecer o caso de **Michele Nostradamus**, que diante da sua visão subjetiva, viu passar como uma representação cinematográfica, os eventos futuros da história da Europa. Voltando no curso do tempo há três séculos longínquos, resulta ser o caso mais extraordinário que se conheça em matéria de profecias. Quanto ao ponto de vista psicológico e filosófico não se pode ignorar como essa inquietante possibilidade desorienta a razão humana, à qual não se sabe mais o que pensar a respeito da natureza do espírito, a respeito da relatividade do tempo e do espaço, em volta ao mistério do universo, em volta ao problema filosófico do “livre arbítrio” comparados com o “fatalismo”. Conseguirá a pequena ciência humana penetrar o grandioso mistério que se esconde sob o véu das visões proféticas? Infelizmente, tudo contribui a demonstrar que o mistério transcende os estreitos limites atribuídos à nossa inteligência finita, assim como acontece com o outro mistério perturbador do “espaço infinito”, cuja razão é forçada a admitir sem conseguir compreender.

Do mesmo modo, os fatos forçam a razão a admitir a existência de clarividência no futuro, sem conseguir compreendê-la, nem agora, nem nunca. Nosso pensamento permanece consolado com o simples fato da existência de permanecemos consolados com o pensamento de que o mero fato da existência

de tais antinomias imperiosas do raciocínio estão demonstrando a vastidão potencial da inteligência humana, a qual se demonstra bastante elevada para conceber condições espaciais e temporais que é forçada a admitir por um imperativo categórico da razão, sem conseguir compreendê-la, deve a partir disso, inferir logicamente que a inteligência que as concebe contém em si a capacidade **virtual** de compenetrá-los, mas em um ambiente diferente que não seja o ambiente terreno.

* * *

CASO II – Passando ao tema da "Grande Guerra" ao nosso tempo, me refiro a uma "mensagem" mediúmica que a Srta. Lilian Whiting, junto ao Dr. Hodgson, obteve em uma sessão com a médium Sra. Piper; sessão ocorrida em 17 de outubro de 1897. Srta. Lilian Whiting explica que copiou apenas as respostas da personalidade mediúmica comunicante ("Imperador"), e que, além disto, não tendo importância do nosso ponto de vista, a Sra. Sidgwick se refere de forma resumida a mensagem profética em questão, no volume XXVIII, p. 90, das «Proceedings of the S.P.R.».

Eis a mensagem do "Imperador":

“Nós exercitamos perenemente a nossa influência sobre ao mundo, embora isso ocorra de maneiras que não podem ser discernidas pela mentalidade humana. Toda a humanidade é mais ou menos influenciada pela ação de alguns dos nossos; e em determinadas circunstâncias, a totalidade dos grupos espirituais com essa tarefa, agem no mundo dos vivos onde desenvolvem a intelectualidade. Nunca antes, desde a época em que Melquisedeque viveu, a humanidade se demonstrara tão suscetível as influências espirituais. Isso se tornará evidente, de modo assombroso, no próximo século. (Vale dizer, após o ano de 1900).

“E agora me preparo a formular uma profecia, que vocês mesmos não tardarão a comprovar a veracidade. Antes que as comunicações com o mundo espiritual se executem claramente, deve desencadear uma guerra apavorante em várias partes do mundo. Isso, repito, deve preceder a realização das comunicações espíritas claramente expressas. É necessário que o mundo venha purificado e limpo, caso se deseje que os homens venham a ver seus amigos do “além” por meio das visões claridentes; e tais provas são indispensáveis para se alcançar um estado de maior perfeição. Amigo, medite sobre o que eu disse”. (Light, 1941. Pág. 349).

Do ponto de vista científico, o valor demonstrativo dos fenômenos paranormais não pode certamente fundamentar-se sobre eventos de ordens gerais, em mérito aos quais permanecem sempre a dúvida que foram previstos em base a inferências racionais derivadas das situações no presente. Daí ocorre que seu valor demonstrativo deve fundamentar-se exclusivamente sobre os detalhes secundários que constituem o "contexto" do evento principal; particulares que não podem normalmente inferir-se da situação no presente; o que leva a concluir que a profecia em questão não apresenta grande valor teórico, enquanto que dela se alude unicamente a eventos de ordens gerais, como seriam os prenúncios do próximo desencadeamento de uma grande guerra entre os povos, e o consecutivo intensificar-se das manifestações do mundo espiritual em ambiente terreno.

No entanto, é útil observar que, se a primeira parte da profecia – há 17 anos de distância - talvez fosse normalmente previsível para aqueles que acompanharam atentamente o desenvolvimento dos assuntos políticos europeus, o mesmo não se poderia afirmar em relação a segunda parte da mesma profecia, devido ao fato de que o evento preconizado resulta em via de plena realização, visto que depois da guerra, as investigações em torno das manifestações mediúnicas se intensificaram por toda parte de maneira extraordinária; de modo particularmente grandioso na Inglaterra, na América do Norte, na América do Sul, na Austrália, na Alemanha, na Itália, na Espanha e em Portugal. Enquanto se fundavam novos Institutos para pesquisas psíquicas, publicavam novas revistas de Metapsíquica e Espiritistas em vários estados que, antes da guerra, não se interessavam por nada, como a Grécia, a Sérvia, a Bulgária, a Romênia, a Polônia e até a Turquia. Daqui decorre que hodiernamente, se assiste de fato o difundir e o intensificar-se de um movimento metapsíquico-espiritual imponente, surgido após a guerra e em consequência da guerra; a qual, segundo o "Imperador", era necessária para preparar o ambiente indispensável para a espiritualização dos povos.

* * *

CASO III – Nesta outra "mensagem" mediúnica com conteúdo profético, já são detectados detalhes secundários suficientes para fornecer ao mesmo um notável valor teórico. Foi publicado na revista espiritualista australiana: **The Harbinger of Light**, na edição de julho de 1909. Observe as datas, que no nosso caso são de importância decisiva. Trata-se da relação de uma sessão

mediúncia com extrinsecação psicográfica na qual era médium um italiano, chamado Candiotti. Naquela noite, se manifestou uma personalidade mediúncia afirmando-se Ernesto Renan, com a finalidade de comunicar ao mundo a seguinte mensagem:

“Meus irmãos, um grande cataclisma de sangue cobrirá o mundo nos próximos tempos; o luto e a desolação serão universais, pois que milhões de jovens criaturas - boas e más - serão sacrificados sobre o altar de Marte, para satisfazer a ambição do Imperador da Alemanha. Não tardará muito a Alemanha, França, Áustria, Itália, Inglaterra e Rússia se confundirão em um enorme conflito geral. Com tudo isso, vocês não devem temer que a injustiça prevaleça: não, meus caros irmãos; alegrem-se no propósito, pois que a justiça prevalecerá. Dos Chefes de Estado pacíficos dentre os quais Edoardo VII, Vittorio Emanuele e o Presidente da República Francesa sairão vitoriosos da terrível luta, e logo depois será um período de governos socialistas, precursores de um outro governo mais perfeito. Este é o surgimento de tempos melhores que me foi concedido de lhes relatar. Não me é possível fornecer datas precisas, mas posso garantir que a sucessão dos eventos preconizados se iniciará durante a vossa geração, e que vocês assistirão ainda o amanhecer de uma nova aurora.”

Esta interessante mensagem profética recebido em Melbourne, cinco anos e dois meses antes do início da guerra. Há uma ligeira imprecisão, mas sem importância; é que a mensagem faz alusão ao rei Edoardo VII da Inglaterra como se ele fosse estar vivo em 1914. Fora isso, deve-se concordar que a profecia em questão foi cumprida de forma impressionante, e que não pode não ser de natureza paranormal, (não importa se subconsciente ou extrínseca); isso se nela forem relevados detalhes secundários muito importantes e inexplicáveis com a hipótese de inferências normais de situações no presente. Isso se aplica à passagem em que o "espírito" comunicante coloca o rei Vittorio Emanuele entre os vitoriosos, juntamente com o rei Eduardo da Inglaterra e o presidente da República Francesa; que contrasta fortemente com as alianças políticas em vigor em 1909. De fato, quem poderia imaginar naquela época que, apesar da existência da Tríplice Aliança, a Itália se uniria à França e à Inglaterra?

Nota-se, além disso, que a guerra realmente terminou com a derrota da Alemanha, que talvez pudesse ter sido prevista após a batalha do Marne e a intervenção da Itália, mas isso não parecia possível em 1909, quando vinha

reconhecido universalmente o primado militar da Alemanha. Por fim, parece muito notável a circunstância de que o profeta, após ter elencado a Rússia entre os povos bélicos, não pôr a Rússia entre as nações vitoriosas; com isso, demonstrando saber muito mais do quanto julgou conveniente revelar. O que mais se poderia pretender para reconhecer a gênese genuinamente profética da mensagem em questão?

Falta ainda citar o conteúdo do último parágrafo da mesma mensagem, na qual se preconiza que após a guerra viria um período de governos socialistas, precursores de uma outra forma de governo mais perfeita. Relevo que o médium havia opiniões socialistas, de modo que poderia supor-se que o último parágrafo pudesse ter tido “uma pincelada” subconsciente na transmissão telepática da mensagem espiritualista: mas, de qualquer maneira, não se pode negar que muito de verdadeiro se contenha nos parágrafos transmitidos, a começar pela queda da Rússia sob um governo mais extremista ainda do que o socialista, para passar a influência que os partidos extremos exercitavam no pós-guerra sobre os governos da França e da Inglaterra, e acabar nos tristes eventos aos qual a Itália foi o teatro nos anos nefastos que aconteceram a guerra.

* * *

CASO IV – Essas outras citações proféticas ainda extraídas de mensagens mediúnicas, embora não resultem teoricamente importantes quanto ao referido caso, parecem merecedoras de serem consideradas, não apenas pela fonte irrepreensível da qual emanam, mas pela circunstância de que das próprias citações, consideradas em união a tantas outras analogias, surge um dado de fato interessante. É que nos anos anteriores à guerra foram muitas as personalidades mediúnicas que profetizaram aos viventes a terrível calamidade que pairava sobre o mundo civil; fato mais interessante pois que sempre acontecia espontaneamente; vale a pena dizer que os experimentadores nem sequer pensavam em interrogar as personalidades comunicantes acerca do futuro, e muito menos pensavam na possibilidade de guerras iminentes.

As mensagens mediúnicas em questão foram obtidas entre 1909 e 1912, pelo prof. F. Bligh Bond, o arqueólogo que alcançou fama por ter felizmente se valido das faculdades mediúnicas de um amigo para resolver questões arqueológicas inutilmente investigadas por sessenta anos.

Observo que Bligh Bond, membro da **Society for Psychical Research (SPR)** de Londres, teve o cuidado, na época, de enviar à essa sociedade cópia das mensagens proféticas obtidas, a fim que fossem devidamente registradas e passadas aos arquivos sociais, munidas da data em que foram obtidas. Ele escreve:

“Em outubro de 1909, quando foi ditada uma mensagem que se referia às fundações da capela de Loreto (ainda não descobertas naquela época), em Glastonbury, veio repentina e inesperadamente transmitida a seguinte mensagem, no costumeiro latim do convento:

“Fortuna fuit; Coelum ruit; Labor fruit in aeternum”.

«Eu perguntei: O que nos ameaça? A resposta me foi dada em inglês:

«Guerra; uma guerra horrível, na qual Marte governará, na qual um mar de sangue fraterno será derramado... Pelas quais os fracos sofrerão e os fortes morrerão... Caos... Trevas... Tão novo o amanhecer no céu púrpura... O mundo enrubescerá... As papoulas vermelhas do esquecimento crescem nos túmulos de um passado que nunca mais volta... Papoulas vermelhas nos cemitérios, papoulas vermelhas entre as plantações férteis fecundadas pelo sol. Leia, medite e não tema: tudo isso é para melhor, e o que vai acontecer foi decretado que aconteceria... ».

O Bligh Bond continua:

“Três anos depois, nos vem novamente transmitido um prenúncio solene no mesmo sentido, e deve-se notar que nele insiste ainda mais no misterioso tema das papoulas vermelhas. Vem ditado em 26 de outubro de 1912 e tem a seguinte redação:

«A festa das "Papoulas" ocorrerá antes da festa de Cristo... Observe o que dizemos. Pobreza, fome e desejo de guerra invadirão todas as nações sobre as quais repousa a sombra da Cruz. Aqueles que gostariam de permanecer em paz não poderão, pois, a paz desaparecerá do mundo. No entanto, a guerra contra seu vizinho ainda é preferível à guerra civil; portanto melhor fomentar a guerra entre vizinhos. E quando a Europa estiver no fim de suas forças, começará o reinado da Ásia, já que o sol do futuro está surgindo sobre aquele continente. Esta é a nossa mensagem». (**Light**, 1925, p. 537).

Finalmente, no ano de 1918, as mesmas personalidades mediúnicas predisseram que o destino da guerra mudaria abruptamente, e continuaram a predizer, de tempos em tempos, a sucessão dos eventos bélicos, até a conclusão

da paz. Tais prenúncios, obtidos logo após os eventos, não contêm o valor teórico dos demais mencionados, por isso me limito a referir ao primeiro deles:

“Na primavera de 1918, em 29 de março (Sexta Feira Santa), foi ditado: - “Estejam vigilantes! A partir do dia da Páscoa, a maré intrusiva voltará rápida, decisiva, constantemente. Os mesmos elementos lutarão a favor da Justiça, pois serão usados para preparar a armadilha na qual os adversários deverão cair.

«Já na segunda-feira a seguir à Páscoa os jornais da tarde sairão pela primeira vez com uma grande manchete, assim concebida: “Volta a maré invasora”; e numa carta publicada na terça-feira, 2 de abril, no "Daily Chronicle", o correspondente de guerra informou o seguinte: A fúria dos elementos, pela primeira vez, nas minhas memórias desde que estamos em guerra, declarou-se a nosso favor, açoitando totalmente a frente inimiga”. (**Journal of the S.P.R.**, p. 235).

Observo também que Bligh Bond chama a atenção para o fato da insistência com que personalidades mediúnicas se referiram ao símbolo das papoulas vermelhas, acrescentando a esse respeito a frase: “Tenham em consideração o que dizemos”; essa insistência justificava-se pelo fato de uma informação premonitória estar escondida no símbolo da "papoula vermelha". Aconteceu de fato que as pessoas que voltavam dos cemitérios de guerra em Flandres e França, impressionadas pela circunstância de terem observado por toda parte os túmulos dos soldados cobertos por uma camada compacta de papoulas vermelhas crescidas com o sangue de seus mortos, propuseram que para a comemoração dos mortos na guerra foi adotado o símbolo da "papoula vermelha"; de modo que por consenso geral da nação, o dia do armistício passou a ser designado na Inglaterra com o apelido: “O dia das papoulas vermelhas”.

Eu disse no início que as passagens proféticas mencionadas acima não pareciam teoricamente muito importantes, pois se referiam aos eventos de natureza geral. E é bom para as profecias de guerra adequadas; exceto que este último **detalhe secundário** é agora adicionado a eles em torno do significado simbólico que as papoulas vermelhas teriam assumido depois da guerra, um detalhe que assume um valor teórico muito considerável, já que certamente não poderia ser inferido de causas existentes no presente; e sendo assim, então as profecias de guerra, sendo incapazes de separar o particular referido, que está em relação direta com a guerra, adquirem o valor de mensagens genuinamente paranormais.

Dito isso, não se pode deixar de voltar a atenção para as seguintes frases da primeira mensagem:

“Tudo é para o melhor; o que vai acontecer foi decretado que aconteça..., no entanto, a guerra contra o seu vizinho ainda é preferível à guerra civil. Portanto, é melhor fomentar queixas entre vizinhos. E quando a Europa chegar ao fim de suas forças, começará o reinado da Ásia, pois o sol do futuro está nascendo sobre aquele continente”.

O que significa tudo isso? A força do destino? A intervenção de uma fatalidade no desenrolar dos negócios humanos? Queixas entre os povos seriam, portanto, fomentadas pelo além, com a finalidade de poupar a civilização europeia de um fim ainda pior, qual seria a decadência provocada pelas guerras civis? No entanto, o declínio da civilização europeia seria decretado em favor do ressurgimento de uma civilização asiática?

Já vimos que em uma comunicação anterior da personalidade mediúnicamente do "Imperador", esta foi expressa da seguinte forma:

"Antes que as comunicações com o mundo espiritual ocorram claramente, uma guerra assustadora deve estourar em várias partes do mundo... Essas provas são indispensáveis para se chegar a um estado de maior perfeição."

Observo que as passagens fatalistas da natureza exposta são frequentes nas comunicações mediúnicas com o Além; e que quando se questionam as personalidades comunicantes sobre isso, elas respondem que o que chamamos de "Destino" realmente existe, embora temperado por uma dose adequada de "Livre arbítrio" na humanidade; livre arbítrio que vai aumentando gradualmente à medida que os povos se elevam intelectualmente.

Nesse ponto, pôde-se observar que não é o caso de dar importância às afirmações inverificáveis de personalidades mediúnicas. Eu respondo que não deve ser esquecido que as profecias que as próprias personalidades emitiram em conjunção com tais afirmações são rigorosamente cumpridas; o que logicamente não pode deixar de conferir certo valor probatório aos enunciados de outra natureza por eles formulados; tanto mais que a própria existência de profecias político-sociais de longo prazo, por si só, tende a provar a crença greco-romana em uma fatalidade pairando sobre os destinos dos povos.

Já discuti isso em profundidade no volume anterior sobre "Fenômenos Premonitórios" e me reservo o direito de retornar ao assunto em um capítulo especial de conclusão.

CASO V – Este outro episódio merece ser lembrado pela fonte impecável de que emana, bem como pelo fato de o profeta ser um chefe da tribo dos Maoris, que são os indígenas da Nova Zelândia.

No dramático volume publicado sobre a "Batalha da Jutlândia" pelo comandante do cruzador da batalha "Nova Zelândia", este último narra que o cruzador em questão, encontrando-se nas águas da Nova Zelândia no inverno de 1913, um chefe maori apresentou ao comandante um estandarte de batalha, recomendando que ele invariavelmente o içasse no dia da ação. O orador continua:

“Com a apresentação do estandarte, também foi formulada uma profecia, segundo a qual o cruzador entraria em combate e seria atingido em três locais: acima da torre de popa, no convés de proa e na torre de comando, mas sem danos graves. (Na Batalha da Jutlândia, nós realmente fomos baleados na torre de popa, e sem danos graves; mas apenas naquele ponto).

“Salientei ao chefe Maori que o que ele previa podia muito bem ser realizado, mas que nem o comando, nem os oficiais, nem a tripulação interessavam, pois no dia primeiro de setembro de 1914 todos tínhamos que desembarcar, e uma nova tripulação, com novos oficiais e outro comando, deveria nos substituir. Mas o chefe Maori sustentou enfaticamente que ele via na batalha os mesmos homens, os mesmos oficiais e o mesmo comando. Pois bem: os acontecimentos provaram que ele tinha razão, e fomos nós que erguemos a bandeira a qual ele nos presenteou ao cruzador na batalha”. (**Light**, 1921, p. 637). No incidente exposto, o **detalhe secundário** teoricamente importante consiste no fato do chefe Maori que afirma positivamente que a mesma tripulação que viu naquele momento no cruzador participará da batalha que ele previu; e isso ao contrário da opinião do comandante, que positivamente sabia a não muito distante data em que deveria desembarcar do cruzador junto com toda a tripulação; mas, é claro, ele não poderia imaginar que um mês antes dessa data, a guerra prevista pelo líder Maori iria estourar.

Segue-se que esse **detalhe secundário**, certamente não previsível com base em inferências existentes no presente, nos leva a admitir a origem genuinamente sobrenatural do episódio exposto.

Quanto à informação, apenas parcialmente realizada, sobre os futuros danos de guerra que teriam afetado o cruzador, o erro não é de molde a prejudicar o

valor da profecia; e, de fato, presumivelmente, neste tipo de erros bastante frequentes em profecias, um quesito metapsíquico do mais alto significado teórico é obscurecido, já que com base na análise comparativa dos fatos, emerge que certos erros, como os encontrados nas visões subjetivas de "médiuns" não dependem em absoluto de interferências ou deficiências no agente transmissor de visões proféticas (que podem ser, dependendo do caso, a personalidade subconsciente integral do psíquico, ou uma personalidade espiritual), mas sim, da circunstância teoricamente muito importante, que os eventos futuros visualizados pelos "videntes", quando resultam de primordial importância, tanto para o indivíduo designado quanto para a comunidade, podem ser fatais para o seu propósito, mas de forma alguma devido às formas como eles se manifestam; de modo que frequentemente acontecem mudanças radicais ocorrem no desenrolar dos eventos preditos. Repito que, ao afirmar isso, não estou formulando induções puras gratuitas, mas o afirmo com base em circunstâncias que de fato o demonstram, como já relatei em minha monografia sobre "Fenômenos Premonitórios" no que diz respeito aos "elementos de variabilidade" que são encontrados em alguns episódios desse tipo, bem como no que diz respeito às chamadas "pistas falsas" para as quais os "videntes" às vezes vão; "Falsas pistas" as quais não se revelam erros, mas sim "possibilidade de vida" que seriam concretizadas se o consultor não tivesse voluntariamente, e abruptamente mudado as diretrizes da sua própria vida. Voltarei a essa circunstância factual no capítulo final, ainda que sendo repetitivo, pois essa observação tem um enorme valor teórico, levando em consideração que, quando as variações sofridas pelos eventos dependem da vontade humana, elas efetivamente concorrem para demonstrar a existência de um "livre arbítrio" relativo, que é de fato relativo, mas ao mesmo tempo conserva uma eficiência especial, e é moralmente adequado.

* * *

CASO VI – Os episódios seguintes têm uma origem positivamente mediúnicamente, como tantos outros do gênero, e apresentam a característica encontrada no episódio que acabamos de expor; isto é, contêm incidentes que não ocorreram, embora não digam respeito à guerra, mas às condições políticas e sociais internas da França como resultado da guerra.

Trata-se das visões proféticas manifestadas subjetivamente a hoje reconhecida como célebre, a sonâmbula-médium "Reine", longamente estudada

por Pierre Cornillier. Este último publicou recentemente um livro intitulado: **La Prédiction de l'Avenir**, (A previsão do futuro) no qual ele analisa as profecias formuladas em condições de sonambulismo mediúnico e profundo, pela sensitiva em questão. Profecias que resultaram teoricamente instrutivas, tanto as que se cumpriram, quanto as outras que não se realizaram.

Aqui os trechos relevantes da principal visão profética que apareceu a médium:

«**SESSÃO DE 1º DE FEVEREIRO DE 1913.** Assim que adormeceu, e sem nada sugerir o que se preparava, Reine se endireitou subitamente na alta cadeira, como que invadida pelo terror, e erguendo os braços, exclamou: Ah! Ah! Mas é horrível! É assustador! Que horror! Como eles lutam! Soldados... Cavaleiros... Que matança horrível! Fogo, sangue por toda parte..., mas é assustador! Se massacram entre eles! Que carnificina! Existem pilhas de cadáveres; feridos aos milhares.... As cidades desabam... Até do céu chovem clamas e metralhas!...

“Passam trens lotados de soldados... Cavalos aos milhares, que os soldados empurram para carregá-los nos furgões. E os trens que passam são inúmeros... Mais uma vez, trens ainda sobrecarregados de soldados enfurnados nos vagões... E tudo isso para irem a matar!

«Onde quer olhe incêndios... Tudo é devastação! Os campos, as florestas, as cidades inteiras... Morte, ruína, desolação por toda parte! Oh! Espetáculo hediondo, repulsivo, horroroso! ».

E a pobre Reine treme e se contorce desesperada na cadeira alta na qual está imersa em sono mediúnico.

Mas as imagens da guerra continuam a se desenrolar sem interrupção mediante de sua visão subjetiva. Ela observa:

“A guerra se estende por um horizonte sem limites... Províncias inteiras são invadidas... Na terra, no céu, por toda parte, se assassina, se saqueia e se destrói!... A Europa... Todas as nações europeias estão em delírio!”.

Depois muda o cenário. Alguns meses se passaram, e os mesmos regimentos que a médium tinha visto partindo gloriosos e aclamados, voltam do campo de batalha... Muito dizimados, com uniformes esfarrapados, cobertos de lama, em condições deploráveis... Entre eles, Reine vê regimentos de soldados estrangeiros; e descrevendo-me a sua visão, ela observa:

“Como não conheço os uniformes, não posso saber a que nação pertencem... Será que são ingleses? Não sei, mas sem dúvida pertencem a outra nação...”.

Na **SESSÃO DE 1º DE DEZEMBRO DE 1913**, Reine exclamou:

«Um grande império vizinho entra em seu destino. O mais poderoso dos monarcas deverá cair. Isso está escrito nos sinais astrais que antecedem os eventos.... Sim: é fatal... O império se transformará em república”.

Então, quando a guerra está em pleno andamento, a médium anuncia ainda alguma rara, profecia, que se realiza, como todas as outras.

Em 21 de janeiro de 1916, época da formação do "Exército do Oriente", que, segundo a norma de quem a criou, deveria obrigar a Alemanha a suspender a guerra na Europa, ela, falando em nome do "guia espiritual Vetellini", observou:

"Não; a derrota dos alemães acontecerá na fronteira francesa, e **não será Joffre** que a determinará. Os exércitos franceses não invadirão a Alemanha... Eles alcançarão até o Rio Reno... ».

Em 12 de dezembro de 1916, Joffre foi de fato substituído pelo General Nivelle. Nesta profecia, a médium sonambúlica havia observado com precisão:

"**Não será este** o general que salvará a situação. Um outro, no seu devido tempo, irá surgir”.

Finalmente, em 13 de dezembro de 1918, quando chegou a notícia de que Wilson, o Presidente dos Estados Unidos, havia embarcado para a França, "Vetellini", o "guia espiritual" de Reine, assim comentou: "**A discórdia está a caminho!**". E, infelizmente, esta última profecia também se cumpriu, especialmente os danos da Itália.

Não é de se ignorar esta outra profecia ainda a cumprir-se. Em 29 de dezembro de 1913, Reine observa:

"Chegará o dia em que os povos do Islã despertarão expulsando os elementos estrangeiros de suas terras. Então o centro da futura potência mundial passará da Europa para a Ásia”.

Esta última profecia deve ser comparada com a outra análoga referida acima, na qual a personalidade mediúnica comunicante nas experiências do Bligh Bond, se expressou da seguinte forma:

"...Quando a Europa chegar ao fim de suas forças, começará o reinado da Ásia, pois o sol do futuro está nascendo sobre aquele continente”.

E existem várias outras profecias afirmando o mesmo evento. Fica para a posteridade o árduo julgamento; embora desde já tudo colabora a presumir que a profecia em questão seja fatalmente destinada a se cumprir em um tempo não tão distante.

Passando a mencionar as profecias que não se cumpriram, repito que as mesmas não dizem respeito diretamente à guerra, mas aos acontecimentos internos da França durante a guerra e após a guerra. Neles, se pressagia a revolução em Paris e a queda da república; enquanto Reine vê diante dela os novos personagens elevados ao poder, e os descreve com uma precisão meticulosa e maravilhosa.

O que pensar? Já escrevi a esse respeito nos comentários do Caso V, a propósito das chamadas "pistas falsas" e, as quais se lançam às vezes os videntes, as quais não resultariam fantasias oníricas-subconscientes, mas bem sim sucessões verídicas de causas e efeito existentes **em potência**, mas que não se realizaram como acontecimentos, chegando ao ponto crítico da "bifurcação" (que no nosso caso implicava a derrota ou a vitória), tiveram um começo diferente daquele visualizado pelo sensitivo, determinando uma sucessão diferente de causas e efeitos. Portanto, dever-se-ia inferir que, em nosso caso, a médium Reine teve a visão do que teria acontecido se a França fosse derrotada.

Repito que me expressando assim, não estou formulando uma indução livre, mas proponho uma hipótese legítima porque fundada sobre a análise comparada de uma longa série de fatos, dos quais forneci um ensaio adequado e comentado no capítulo do livro "Fenômenos Premonitórios" intitulado: «Premonições em que se detecta um elemento de variabilidade teoricamente importante».

* * *

CASO VII – Desejando ser o mais completo possível na exposição das verdadeiras profecias em torno da grande guerra, não posso deixar de me referir aos três outros episódios que não têm grande valor teórico, mas que por outro lado tiveram como protagonistas indivíduos que sob outros pontos de vista, são personalidades eminentes; sem falar que se os próprios episódios forem analisados com a devida sagacidade, e se considerados em conjunto com os demais, adquirem o necessário valor probatório, no sentido de que não pode haver motivo para não considerá-los por sua vez de natureza genuinamente sobrenatural.

O protagonista deste primeiro episódio é o célebre "*curato d'Ars*": Jean Baptiste Vianney, canonizado recentemente pela Igreja. Maurizio Maeterlinck o cita em seu livro "**Les Débris de la Guerre**" - "**Os escombros da guerra**". Ele escreve:

«... A profecia em questão foi conhecida em 1872, três anos após a morte do taumaturgo, e confirmada por uma carta de Monsenhor Perriot, endereçada em 24 de fevereiro de 1872 ao padre Don Grès. Ela foi publicada em 1872 em uma coleção de previsões intitulada: **Voix prophetiques ou Signes; Apparitions et predictions modernes. (Vozes ou sinais proféticos; Aparições e predições modernas)**».

A data da profecia em questão era certa. Ignoro os detalhes relativos à guerra de 1870, visto que não ofereceriam garantias semelhantes, e passo ao que se refere à guerra atual. Cito o texto de 1872.

“Os inimigos não irão embora para sempre. Eles ainda voltarão, destruindo tudo em seu caminho. Eles não sofrerão resistência, e lhes será permitido avançar. Porém seus mantimentos serão cortados, e lhes serão impostas enormes perdas. Se retirarão gradualmente para seus distritos, sempre seguidos de perto pelos nossos; e serão poucos os que tornarão as suas casas. Então tomaremos de volta do inimigo tudo aquilo do qual ele se apossou, e aliás ainda mais».

Quanto a data do acontecimento, foi designada pelo vidente de uma forma verdadeiramente impressionante, com estas palavras: “Eles vão querer canonizar-me, mas não terão tempo”. Aconteceu que os preliminares para a canonização do curato *d’Ars*, **foram iniciadas em julho de 1914, e foram abandonados forçosamente à causa da guerra”**.

Como eu já havia advertido antes, a profecia relatada resultaria em si mesma muito vaga, muito genérica para ser levada em consideração; mas, em compensação, contém nela uma segunda profecia, complementar à primeira, referindo a um tempo e a data na qual deveria ter estourado a guerra, e a data em que a Igreja teria iniciado o processo de canonização do próprio vidente; e esta segunda profecia por si só é suficiente para conferir valor teórico às frases muito gerais da primeira entre eles. Isso porque a segunda profecia certamente não poderia ser inferida das causas existentes no presente. Em outras palavras: dado que a segunda profecia é, sem dúvida, da ordem sobrenatural, então também a primeira, que está em relação direta com a segunda, deve ser da ordem sobrenatural.

* * *

CASO VIII – Este segundo dentre os episódios em questão, teve como protagonista um grande psicólogo: o professor Theodore Flournoy, de Genebra.

Ele, escrevendo ao professor Hyslop (que publicou sua carta no "**Journal of the American SPR**" (1915, p. 238-240), solicitou não ser mencionado, unicamente por razões políticas e administrativas de índole local, razões que já não existem. Deste modo, considerando que a visão que estou prestes a relatar adquire uma grande parte do seu valor dado o nome do eminente psicólogo que foi o protagonista, não hesito em publicá-la.

Ele, em 15 dezembro de 1914, escreveu nestes termos ao Prof. Hyslop:

“Tenho o prazer de relatar a experiência pela qual passei antes da guerra, embora, no momento, preferirei não ser mencionado...

“Quando tive a experiência em questão, estava na companhia do doutor Roberto Assagioli, diretor da Revista **Psiche**, que dividia a mesma sala comigo... Lhes transmito aqui junto, o seu testemunho:

“Cerca de três semanas antes do início da guerra, e antes que houvesse o menor indício ou suspeita de que algo assim poderia acontecer na Europa; quando todos ainda acreditavam que o esforço persistente da Áustria para subjugar a Sérvia se esgotaria sem consequências, como tantas vezes no passado, eu estava em Zurique, hospedado com um amigo, junto com o doutor Assagioli de Florença.

«Uma noite, quando ia para a cama, de repente me vi a olhar, não para o teto do quarto, que tinha desaparecido, mas diretamente para o espaço, onde vi desenrolar-se uma terrível batalha, que rapidamente pareceu estender-se ao mundo inteiro. Acho muito difícil colocar em palavras o que estava acontecendo antes de mim. Eu podia ver fileiras imensas de homens armados avançando uns contra os outros. Foi um espetáculo que tinha em si do Titânico e do Cósmico. Os dois exércitos lutadores pareciam-me tão vastos que pareciam se estender para cercar o mundo inteiro, e um deles parecia representar a potência benéfica da Luz, o outro, a potência maléfica das Trevas. Embora eu não percebesse com o sentido físico da audição, ainda sentia um tremendo estrondo de batalha que parecia invadir o universo, e trovejava com tanta veemência em meus ouvidos que me causava um atordoamento geral. Essa visão assustadora da guerra persistiu no céu por toda a noite, e o barulho que me atingiu teve uma influência poderosa em minha alma. Tentei por todos os meios impedir que os olhos vissem e os ouvidos ouvissem, mas sem sucesso. Levantei-me literalmente exausto, tentando fixar minha atenção sobre qualquer outra coisa, mas era impossível para mim. Por quarenta e oito horas seguidas, vivi vendo e ouvindo essa tremenda conflagração mundial, enquanto as coisas concretas que

me cercavam pareciam efêmeras, como sombras. Paralelamente conversei com amigos e, nas duas tardes do mesmo período, participei em dois almoços para os quais fui convidado; e, no entanto, apesar disso, por quarenta e oito horas seguidas fui um espectador daquela visão terrível, que me deixou tão exausto que em mim parecia apagada toda vitalidade.

“Não atribuí significado terreno ao que vira; e muito menos me ocorreu que poderia ser uma premonição de eventos que aconteceriam neste mundo. Em vez disso, presumi que pudesse ser algo simbólico no sentido espiritual, ou as consequências em meu sistema nervoso de uma grande dor pela qual havia passado, causada pela morte de minha esposa. Depois de ter testemunhado aquela visão por 36 horas, fui persuadido de que havia realmente algo anormal nas funções de meu órgão cerebral, e decidi consultar um especialista eminente; mas como depois de 48 horas tudo acabou, não pensei mais no que me acontecera e logo me esqueci.

'Mas quando a guerra estourou na velocidade de um relâmpago, de repente me lembrei; e, lembrando-me, disse a mim mesmo: - Foi isso que eu vi! E se for assim, então certamente deve ser uma guerra muito mais universal, muito mais longa, muito mais terrível em suas consequências mundiais, do que os governos das nações bélicas estão assumindo neste momento.

"Eu relatei minha visão para você porque você me perguntou, mas eu duvido que possa ter valor do ponto de vista metapsíquico. Nada disso é revelado que possa ser considerado teoricamente "probatório", embora eu acredite não ter conseguido descrever efetivamente o que vi; uma vez que essas são impressões literalmente inexprimíveis em palavras. No entanto, acho que para você, pessoalmente, minha visão pode ter algum valor; e, portanto, estou enviando-o junto com o certificado assinado pelo Dr. Assagioli".

(Segue o depoimento do médico Roberto Assagioli a respeito da exatidão escrupulosa da narração exposta).

Em relação à última observação do professor Flournoy sobre o baixo valor teórico da visão que ele teve, o prof. Hyslop observa:

“É a massa cumulativa de tais experiências que contribui para a criação do elemento probatório, do ponto de vista científico; e o objetivo que buscamos publicando narrativas como a anterior não é precisamente e principalmente demonstrar uma teoria, mas registrar e classificar experiências ocorridas com pessoas inteligentes. Não é nossa tarefa proceder à escolha dos incidentes que resultam boas evidências em apoio a uma teoria, eliminando as deficientes

nesse sentido. Somos colecionadores de eventos metapsíquicos e deixamos ao leitor o dever de que os julgue ...».

Assim é, de fato. A visão do prof. Flournoy, se alguém quisesse considerá-la isoladamente, poderia, estritamente falando, ser explicada com a mesma teoria alucinatória após um período de depressão moral no paciente; mas se, em vez disso, fosse considerada cumulativamente a tantas outras análogas que ocorreram durante o período anterior à guerra, então não há razão para separá-la das demais, considerando-a de origem puramente alucinatória, no sentido patológico da palavra. Ainda mais se levarmos em conta que o professor Flournoy declara que não pensou absolutamente na possibilidade de uma guerra; e sendo assim, ele não poderia se autossugestionar quanto ao sentido da visão que teve. Acrescenta-se que nela si revelam detalhes proféticos sobre a extensão mundial que a guerra levaria, os quais que não estavam na mente de ninguém naqueles dias.

Além disso, não haveria razão para separá-la das demais do mesmo gênero, por considerá-la de origem alucinatória, se observarmos as interessantes analogias de manifestação que apresenta como a referida no caso VI, em que o médium Reine havia saltado subitamente, como que invadida pelo terror, exclamando: «Ah! Ah! Mas é horrível! É assustador! Que horror! Como eles lutam! Soldados... Cavaleiros.... Que matança horrível! De fogo, de sangue por toda parte... Mas é assustador! Eles se massacram! Que carnificina! Existem pilhas de cadáveres; feridos, aos milhares... Incêndio por toda parte Tudo está arrasado! O campo, as florestas, as cidades inteiras... Morte, ruína, desolação por toda parte! Oh! Espetáculo feio, repulsivo, hediondo!... ».

Quanto às causas que determinaram, ou possibilitaram esta vivíssima e persistente visão premonitória do professor Flournoy, noto como ele observa que durante o período da visão, as coisas concretas que o cercavam lhe pareciam sombras efêmeras; o que demonstra que ele se encontrava em condições mais ou menos disfarçadas de **sonambulismo vigilante**; o que vem a contribuir para provar que se tratava de uma visão verdadeira simbólica-mediúnic, e nunca de alucinação patológica.

Permanece não resolvido e insolúvel o mistério fundamental implícito a todas visões proféticas: mistério que pode ser formulado na seguinte pergunta: Quem foi o agente transmissor das visões verdadeiras em questão? Eram visões transmitidas telepaticamente por uma personalidade espiritual, a fim de avisar o vidente, e para ele um meio para avisar a humanidade, na iminência de um

cataclisma de sangue; ou foi a personalidade subconsciente integral do próprio vidente, que, tendo aprendido sobre a iminência da grande guerra em virtude das faculdades premonitórias inerentes a todas as personalidades subconscientes, aproveitou a ocasião do estado de depressão moral em que sua própria personalidade consciente se encontrava - estado favorável à transmissão de visões alucinatórias - verídicas - para alertá-la sobre o que estava para acontecer?

A este propósito, pode-se afirmar: que pela explicação dos fenômenos das visões proféticas, não pode haver outra alternativa senão as duas citadas, ambas possíveis, ambas legítimas, ambas confirmadas pela análise comparativa dos fatos, assim como ambas necessárias para se ter razão do complexo dos mesmos. Mais do que isso não é lícito afirmar em relação ao caso em questão.

* * *

CASO IX - Este terceiro e último episódio pertencente ao grupo de que estamos falando, teve como protagonista o famoso romancista inglês Sir Conan Doyle, que também é um profundo amante da pesquisa da Metapsíquica, além de notável vidente muitas vezes favorecido pelas manifestações premonitórias. No livro: **Memorie ed avventure, (Memórias e aventuras)**, ele observa a esse respeito:

"Várias vezes na minha vida acordei com a vívida impressão de um conhecimento adquirido por mim durante o sono, e que ainda me sentia persistente no limiar da consciência. Na última dessas circunstâncias, fiquei com a lembrança da palavra "Nalderu", e a vivacidade da impressão foi tanta que resolvi tomar nota do fato e da palavra. Um mês depois, ocorreu-me subitamente que tinha de partir para a Austrália, e o vapor em que embarquei chamava-se "Naldera", um nome cuja existência eu absolutamente desconhecia".

Durante a guerra, e precisamente no mês de abril de 1917, Conan Doyle teve outra dessas manifestações premonitórias em sono, da qual não se lembrava mais quando acordado, exceto por uma vaga ideia geral de vitórias, e uma palavra que se tornou muito vívida em sua memória. Teve o cuidado de enviar uma nota sobre o assunto à "Society for Psychical Research", para que o incidente que considerou premonitório fosse devidamente registrado antes dos acontecimentos que deviam confirmá-lo; e quando os fatos ocorreram, enviou a seguinte carta ao próprio secretário da Sociedade, que a publicou na edição de

janeiro de 1919 (p. 10-12) do **Journal of the S.P.R.**, juntamente com a nota enviada anteriormente por Conan Doyle:

"Caro Secretariado do S.P.R.,

«Na manhã de 4 de abril de 1917, acordei com a impressão muito viva de ter aprendido uma notícia muito importante durante o sono. Também tive a sensação de que eram as informações que traziam grande consolo à minha alma; mas, infelizmente, lembrei-me apenas de uma palavra da mensagem sobrenatural obtida, e a palavra era esta: "Piave! Piave!". Eu tinha certeza de que era uma palavra fundamental da mensagem esquecida; no sentido de que, tomando nota disso, eu teria possuído a "pedra angular" da própria mensagem.

"Em minhas leituras devo, sem dúvida, ter conhecimento dessa palavra, e durante minha visita à frente italiana, devo ter cruzado o rio que leva seu nome; mas não retive o nome de nenhum curso de água atravessado, exceto o do rio Isonzo, em que a batalha se travava naqueles dias. Seguiu-se que a palavra "Piave" literalmente nada sugeria em meu pensamento. No entanto, a nítida impressão que me ficou na memória levou-me a ir ao estúdio consultar o índice de um Atlas europeu; e então descobri que essa palavra era o nome de um rio italiano, a mais de cinquenta milhas atrás da frente de batalha, no qual o exército italiano avançava vitoriosamente por toda parte. Nada mais absurdo para mim do que pensar na possibilidade de uma transferência da guerra para o Piave. No entanto, fiquei tão impressionado com o sonho que fiz uma nota imediata do incidente que me ocorreu, na presença de duas testemunhas, colocando nela a data de 4 de abril de 1917, e relevando nela que eu tinha sido avisado por meios sobrenaturais, que um grande acontecimento de guerra se desenrolaria no rio Piave; acrescentando que, com base na sensação de conforto que ficou em mim, deduzia que deveria tratar-se um grande acontecimento favorável aos Aliados; embora eu não pudesse entender como um grande evento de guerra, favorável a nós, ocorreria cinquenta milhas na retaguarda.

"Agora, no entanto, é uma questão de história que seis meses depois o exército italiano foi desalojado de suas posições. No momento em que aconteceu a grande retirada, enviei um envelope lacrado a S.P.R., no qual continha o relato do sonho que tive. O exército italiano cruzou vários cursos de água, incluindo o rio Tagliamento, onde parecia provável uma parada para descansar, e finalmente parou bem no Piave, embora os técnicos tivessem

declarado que aquele rio não poderia se defender, porquanto era exposto aos ataques da ala esquerda inimiga.

“Quando terminei de escrever meu livro *The New Revelation*, o exército italiano havia se posicionado sobre o Piave, e ao relatar o incidente de meu sonho, me expressei assim: “Se nada mais acontecer de notável importância, a alusão a um tal nome já se justificaria plenamente na hipótese de que uma entidade espiritual tinha pretendido transmitir-me notícias sobre os acontecimentos que estavam amadurecendo; no entanto, creio que com a alusão ao Piave se intentava ainda mais, e que uma vitória decisiva naquele rio justificará mais e admiravelmente a modalidade paranormal pela qual veio ao meu conhecimento.” Este parágrafo foi publicado em abril de 1918.

«Pois bem: todos recordam que no dia 17 de junho de 1918, travou-se a primeira grande batalha sobre o Piave; que embora não tenha sido uma grande vitória, foi uma vitória importante; e é muito notável o fato de que a mesma data marcou o ponto de reversão no destino da guerra. Até aquele dia, e apenas naquele ano, os Aliados tinham sofrido três derrotas severas: a segunda batalha do Somme, a batalha de Lys e a segunda batalha do Aisne. Em 17 de junho, a perspectiva sobre o destino da guerra parecia muito obscura; mas desde o dia da batalha do Piave os exércitos aliados não mais recuaram em nenhuma das frentes, e em todas as frentes começou uma sucessão de vitórias, que culminou na italiana, a segunda no Piave; vitória que foi a mais completa e decisiva de toda a guerra. Segue-se que, ao transmitir-me a palavra "Piave", a entidade espiritual comunicante transmitiu-me a "pedra angular" de toda a situação.

“Certamente ninguém pensará em explicar os fatos a partir da hipótese de 'coincidências fortuitas'; especialmente porque mesmo que meu subconsciente soubesse da existência de um rio chamado "Piave", isso certamente não foi suficiente para fazer o exército italiano recuar para suas margens. Poderia ter sido telepatia então? Menos do que nunca, já que ninguém no mundo poderia telepatizar tal sucessão de eventos futuros. Sendo esse o caso, como resolver a questão? De minha parte, defendo que a única explicação possível consiste em supor que uma entidade espiritual que é minha amiga, sabendo que eu estava muito desmoralizado naquele momento pelo destino constantemente adverso que tocava nossas armas, se apressou a me trazer o conforto moral de que precisava, informando-me sobre os próximos eventos decisivos que estavam madurando em favor dos aliados. É verdade que, com base em minha própria experiência, fui informado de que os espíritos dos mortos mais próximos de

nós demonstram faculdades premonitórias muito limitadas e incertas; mas devo acrescentar que há razões para supor que a mensagem obtida teve origens muito mais elevadas. Ao mesmo tempo, confesso que não consigo justificar o fato de eu, e mais ninguém, gozar deste privilégio».

Embora o valor premonitório do episódio exposto acabe por depender de uma única palavra, há que concordar também que isso não impede que se tenha de classificar o próprio episódio entre os mais notáveis do gênero, tendo em conta que não seria possível encontrar outra palavra mais compreensiva do que esta, na qual vem a sintetizar a história do glorioso período resolutivo da guerra.

Se entre os leitores tiver alguém, querendo sofisticar, que fosse atrás de alguma outra palavra para sinalizar um acontecimento com armas igualmente expressivo do período histórico, em que o destino da guerra mudou repentina e definitivamente em favor dos aliados, não encontraria. As duas grandes batalhas capazes de caracterizar este período são apenas as travadas e vencidas no Piave, sendo a última delas também a única derrota real infligida ao inimigo ao longo da guerra. Há, portanto, motivos para melhor avaliar o valor teórico do fenômeno premonitório em questão, justamente por se tratar de uma única palavra, graças à qual, no entanto, foi admiravelmente aludido à história substancial de um longo período de vitórias decisivas, começada com a primeira do Piave e conclusa com a segunda.

* * *

CASO X – Passo a mencionar um fenômeno premonitório que se refere ao assassinato do arquiduque Ferdinand em Sarajevo (28 de junho de 1914); isto é, à causa que desencadeou a Grande Guerra dos Quatro Anos.

O caso foi investigado exhaustivamente por M. Grabinski, que publicou a documentação relacionada na revista de metapsíquica alemã *Psychische Studien* (1918, p. 324 e 465). Não possuindo o relatório original, remeto o caso no resumo apresentado pelo professor Charles Richet em seu **Traité de Métapsychique** (p. 496).

"Monsenhor Giuseppe De Lanji, bispo de Grosswarden, narra que por volta das quatro da manhã de 28 de junho de 1914, sonhou em ver em seu escritório uma carta listrada de preto, adornada com as nobres armas do arquiduque Ferdinand (Monsenhor De Lanji havia sido Professor do Arquiduque de língua húngara). Em sonho, Monsenhor De Lanji abriu a carta, no início da qual

observou o traçado de uma estrada, que conduzia a outra pequena estrada. Na rua, ele viu o Arquiduque com sua esposa sentados em seu automóvel. A frente deles sentava-se um general, e mais a frente, ao lado do "chofer", um oficial. A multidão rodeava o carro do Arquiduque, e da multidão surgiram dois jovens que dispararam no Arquiduque. O texto da carta era o seguinte:

"Vossa Eminência e caro Doutor De Lanji,

"Comunico-lhe que eu e minha esposa fomos vítimas de um crime político. Nós dois precisamos de suas orações.

Sarajevo, 28 de junho de 1914.

Às 4 horas da manhã".

"Monsenhor De Lanji continua:" Acordei tremendo e olhei a hora: eram quatro e meia. Fiz anotações do sonho feito, reproduzindo em esboço o formato da carta do Arquiduque que me apareceu em sonho. Às 6 horas, quando o meu criado bateu à porta, encontrou-me sentado no escritório, ainda tremendo, recitando o Santo Rosário. Disse a ele: - Chama minha mãe e o hóspede que temos conosco, pois pretendo contar a eles sobre o sonho muito triste que tive.

«"Durante o dia recebi um telegrama em que me foi transmitida a terrível notícia".

"As citações apresentadas são retiradas da carta que Monsenhor De Lanji escreveu a seu irmão Edoardo De Lanji, um jesuíta e professor em Laufkirchen".

O professor Richet destaca que se trata de uma premonição em que os detalhes resultam extremamente precisos e verdadeiros, exceto pela circunstância de que não houve tiros, mas sim o lançamento de uma bomba.

O caso é interessante, pois o assassino de Sarajevo foi a causa, ou melhor, o pretexto para que a grande guerra se desencadeasse. Além disso, não seria possível dizer com certeza se o episódio em questão deve ser considerado premonitório ou telepático. Como vimos, o sonho de Monsenhor De Lanji ocorreu por volta das quatro e meia da manhã, quando o crime foi perpetrado, e na carta simbólica que apareceu ao destinatário, a hora do crime foi indicada às 4 da manhã. Se fosse esse o caso, então seria um fenômeno telepático. No entanto, não parece provável que o Arquiduque e sua esposa já estivessem caminhando pelas ruas de Sarajevo às quatro da manhã. No entanto, é óbvio que só com a condição de que o sonho de Monsenhor De Lanji ocorresse algum tempo antes do assassinato, poderia falar-se em premonição.

* * *

CASO XI – Esta outra profecia data de 1868 e se refere ao reino da Sérvia, onde é bem conhecida, desde o dia em que foi formulada; e isso devido ao fato de que o governo do país ordenou uma investigação sobre o assunto.

O conde Chedo Mijatovich, ex-ministro plenipotenciário da Sérvia em Londres, relata isso em dois artigos publicados no **Light** (1920, p. 34 e 1921, p. 326). Ele escreve:

"Quando, em 13 de março de 1903, a famosa vidente Sra. Burchell, de Bradford, viu e descreveu o assassinato do Rei Alexandre e da Regina da Sérvia, e o descreveu nos detalhes mais meticulosos que aconteceriam em 11 de junho do mesmo ano, o secretário da Society for Psychical Research perguntou-me se eu sabia de alguma outra profecia em que os eventos preditos ainda não se cumprissem. Tendo respondido afirmativamente, ficou acordado entre nós que eu teria transcrito esta profecia, teria cuidadosamente lacrado em um envelope, e entregue à empresa em questão, que não o teria aberto até que eu mesmo o convidasse a fazê-lo. Nele eu transcrevi o que um camponês sérvio, chamado Matha, natural da aldeia de Kremma, no distrito de Ujitza, profetizou no ano de 1868 sobre o que aconteceria na Sérvia, quando o Pretendente Príncipe Peter Karageorgevich se tornasse rei da Sérvia. Agora convido publicamente a **Society for Psychical Research** a abrir meu envelope e relatar a primeira parte do relatório nele contido (ainda não a segunda). Ver-se-á que o agricultor Matha predisse os acontecimentos que deveriam realizar-se 47 anos depois, eventos aos quais todos nós fomos espectadores... ».

Esta é o relato em torno da profecia:

«Em 29 de maio de 1868, um camponês sérvio chamado Matha, residente na pequena aldeia de Kremma (no sudeste da Sérvia), correu para a cidade vizinha de Ojitse, capital do distrito, e caminhou pelas ruas principais gritando: Irmãos, ajudem! Eles assassinaram nosso príncipe. A polícia, considerando-o bêbado ou louco, prendeu-o. Mas duas ou três horas depois, um telegrama oficial chegou de Belgrado anunciando que o príncipe reinante Michael Obrenovich havia sido assassinado. Os policiais então suspeitaram que o homem preso tivesse relações com os conspiradores; por isso, pediram que lhes explicasse por que soubera do assassinato do príncipe. Matha respondeu que ele sofria de uma enfermidade especial e que, quando essa enfermidade o dominou, ele se deu conta de eventos futuros na forma de visões. Ele foi então questionado se poderia descrever qualquer outro evento futuro que se referisse à Sérvia; e ele,

em resposta, ditou a um secretário, na presença do prefeito e do Presidente do Tribunal de Justiça do distrito, uma sucessão de eventos futuros por ele visualizados, que ocorreram nos próximos quarenta anos da história do reino da Sérvia. O documento original da profecia ainda está preservado nos Arquivos do Estado de Belgrado. A última das visões nele contidas é a seguinte:

“O pretendente ao trono, Príncipe Peter Karageorgevich, tornar-se-á rei da Sérvia. Durante seu reinado vejo exércitos inimigos invadindo o país, ocupando-o por algum tempo. Como resultado desta invasão, o povo sérvio passará por um período de privação e sofrimento tão terrível que os homens que passam perto de um cemitério exclamam: Felizes vocês que morreram e não precisam sofrer tanto quanto nós! Mas depois de algum tempo, um homem aparecerá em cena que montará um cavalo branco, e reunirá ao seu redor o povo em armas, expulsando o inimigo de nosso país, e trazendo-os todos em um estado. Isso aconteceu, uma era de grande prosperidade começará para a Sérvia, e os homens que passam por um cemitério exclamam: Que desgraça para vocês que estão mortos e vocês não podem compartilhar nossa felicidade!”

«Como podemos ver, pelo parágrafo citado parece que um humilde camponês sérvio previu acontecimentos que aconteceram em nosso tempo, isto é, meio século depois! Note que o detalhe do cavalo branco também foi confirmado, já que o marechal Mishish, generalíssimo do exército sérvio, montou constantemente um cavalo branco durante toda a guerra dos Bálcãs”.

Esta é a profecia enviada pelo Conde Chedo Mijatovich à «**Society for Psychical Research**» para ser devidamente registrada e depositada nos arquivos da Sociedade em questão; e isso em 1903, ou seja, onze anos antes dos eventos nele previstos acontecerem.

No entanto, eu observo como o princípio parece muito geral para ser considerado probatório no sentido paranormal. Mesmo o detalhe verídico do homem que teve que expulsar o inimigo do país, que teria montado um cavalo branco, não tem grande valor teórico, visto que cavalos brancos são muito comuns, e em consequência que a realização do acidente episódico poderia atribuir-se com razão a mera coincidência. Mas não se deve esquecer que o vidente previu tais eventos de guerra meio século antes; e esta é uma circunstância factual muito importante em favor da gênese sobrenatural da profecia; a qual circunstância deve ser adicionada esta outra ainda mais importante, que é que o vidente designou exatamente o tempo em que os eventos previstos aconteceriam, explicando que a invasão dos exércitos

inimigos ocorreria quando o pretendente ao trono, Peter Karageorgevich, se tornaria rei da Sérvia. Agora, tudo isso implica uma convergência de eventos muito complicada, que normalmente não pode ser prevista cinquenta anos depois, em virtude de inferências derivadas de causas existentes no presente. Como resultado, não poderia haver dúvida sobre a natureza genuinamente sobrenatural da profecia em consideração.

* * *

CASO XII – Após a profecia que teve um agricultor como protagonista, passo a relatar outra em que a protagonista é uma camponesa. Foi investigada pelo Abade J. A. Petit, que o transcreveu diretamente da boca da vidente, no ano de 1913, e publicou no jornal **La Vie Nouvelle**, de Beauvais, em fevereiro de 1914. O Abade Petit observa:

“Aquela humilde camponesa não tinha ideia do que pode ser uma relação destinada ao público, e expôs suas ideias da melhor maneira que pôde, abundando em repetições e, muitas vezes, usando um estilo pouco compreensível.

Diante dela, passavam cenas de visões subjetivas, continuamente, de quadros, todavia muito complexos representando eventos futuros, quadros que a vidente se esforçava para descrever com os seus limitados recursos linguísticos de camponesa.

Acabou que o texto da profecia ficou muito extenso, muito prolixo, com descrições intermináveis de batalhas sangrentas; do qual, no entanto, seria injusto imputar exclusivamente a vidente, uma vez que ela não poderia deixar de descrever o que via se desenrolar ininterruptamente à sua frente”.

Limito-me a referir as passagens essenciais da profecia em questão; trechos que extraí de um estudo publicado sobre ele por Léon Chevreuil (**Revista Espírita**, março-abril de 1917). A vidente começa assim:

«Num futuro próximo, a França será invadida por um exército inimigo, que entrará nela pelo lado noroeste. A marcha deste exército será triunfal, em consequência do número interminável de invasores, agravado pela ignorância em que permanecerá a França acerca de suas intenções. Predigo que esta guerra vai encher de horror tudo o que foi visto até hoje na França.... Um matadouro de carne humana...

“Mas a França não está mais sozinha. A violação de um território neutro vai irritar outras potências, as quais agora se unirão à França, deixando claro que

essa violação tinha por objetivo tomar posse de um território que permitiria a passagem direta dos exércitos inimigos na fronteira francesa. Passavam em sua frente visões subjetivas, A voz das potências será ouvida, mas o inimigo não a levará em conta... e persistirá em atuar como conquistador em território neutro. A partir deste momento a luta a luta continuará no território deste pequeno povo e será terrível.

“Irmãos, meus amigos... Com a ajuda dos vossos guias espirituais, vocês verão, de repente, a situação que considerais desesperadora mudar para melhor; e isso acontecerá como resultado de uma batalha muito sangrenta.

“No entanto, apesar da resistência heroica oposta às fileiras inimigas, eles continuarão a despejar e avançar sobre o solo da França como um rio que transborda. Um mar de sangue se espalhará por toda a frente de combate, na direção norte-sul.

“Enquanto essa penetração em massa nas fileiras inimigas persistir, vocês lutarão intrepidamente para prendê-la, enquanto outros generais manobrarão com suas tropas, não na frente onde a luta está sendo travada, mas na retaguarda, a fim de se preparar um grande círculo de homens e canhões.

“Os habitantes dos bairros invadidos ficarão consternados, pois terão que fugir abandonando tudo, e o que abandonaram ficará totalmente destruído, sem poder remediar...

“Então o inimigo descerá em linha reta paralela à fronteira, marcando os sulcos profundos de sua passagem no solo; mas colidirá com uma praça forte, na qual a França terá concentrado grandes forças e inúmeros instrumentos de guerra. Lá, em um pequeno espaço, vejo uma enorme massa de homens reunidos de todos os lados pelas rotas mais rápidas. O inimigo vai atacar, sem muita consciência da situação, e só vai acordar quando descobrir que aquela fortaleza estava pronta para recebê-lo e que era três vezes mais forte do quanto ele imaginava. Entorno dela sucediam lutas terrificantes; mas para aqueles que, com a ajuda divina, deram provas de tanta energia física e tanta coragem moral, aquela vitória se tornará gloriosa e eles terão cumprido sua missão providencial na terra.

“Amigos, meus irmãos, nem tudo terá terminado com essas lutas terríveis. Ai de mim! Não, por mais que um rio de sangue tenha sido derramado, e pelo quanto a vila ao redor ficará devastada a tal ponto que os habitantes exclamarão: “Esses escombros eram moradias humanas!”. E mais adiante: “Olhem, aqui só sobraram montes de cinzas!”.

No entanto, apesar de tanta desolação, vozes auspiciosas se levantarão para gritar para você: “Amigos, coragem e perseverança; tenham fé no amanhã, pois a última palavra ainda não foi dita! A luta terá que recomeçar em outro setor...”.

«Os franceses e seus aliados se unem para negociar a paz em bases muito justas, com o objetivo de unir todas as nações em um único sentimento de justiça e fraternidade. As potências concordam neste ponto: que a França tem o direito de exigir garantias e uma forte indenização de guerra. Longe de querer esmagar o inimigo derrotado, tratamo-lo com humanidade... ».

Essas são as principais passagens da profecia que do nome da cidade em que ocorreu, tomou o nome de "profecia de Beauvais" ». Léon Chevreuil comenta o seguinte:

"Isso parece estar bem estabelecido a esse respeito, e é que, desde 1913, uma humilde camponesa predisse os seguintes eventos sem quaisquer restrições: A iminência de uma grande guerra, a declaração repentina, como um raio, da própria guerra, quando ninguém esperava; as condições da invasão inimiga, por meio de dois departamentos do norte; a marcha rápida do inimigo, que seria interrompida e contida dentro de um imenso círculo de homens e canhões; a grande luta gloriosa em torno de Verdun, e a descrição da nova tática que a guerra tomaria... ».

Essas são as considerações de Léon Chevreuil. Observo que com base no mesmo é demonstrado como o vidente descreveu as fases essenciais pelas qual a guerra teve que passar, até a conclusão de uma paz muito equitativa, com clara alusão à tentativa de estabelecer uma "Liga das Nações". Cumpre acrescentar que, na enumeração acima referida, a Chevreuil esqueceu um dos detalhes mais verdadeiros e surpreendentes, e é aquele em que se prevê que o **exército inimigo teria invadido um pequeno país neutro, nomeadamente a Bélgica, para tomar posse de um território que permitiria a passagem direta de exércitos inimigos na fronteira francesa; o que teria irritado outras potências, que teriam se aliado com a França.** Nesses períodos surpreendentes, se resume a verdadeira história da causa que conquistou novas alianças para a França, transformando uma guerra de povos em guerra mundial.

Tudo isso é muito notável, e me parece que é suficiente para provar a gênese genuinamente sobrenatural da profecia de Beauvais.

No que diz respeito ao parágrafo profético exposto, cabe notar um curioso erro de inversão na época em que o vidente o aceitou; e é que em vez de

começar a história da invasão inimiga a partir da violação da neutralidade da Bélgica, aludiu a esse evento como se fosse uma segunda fase pela qual a guerra deveria passar. Já se compreende que este curioso erro de inversão dos acontecimentos não diminui o valor teórico da profecia, valor baseado no fato de as terem previsto; mas, em qualquer caso, aparece um erro interessante, a ser estudado e comparado com o outro erro bastante frequente em que os sujeitos descrevem eventos no futuro da vida do consulente, confundindo-os com eventos de seu passado. Nessas circunstâncias, os visionários explicam como tais erros derivam do fato de que, para julgar se os eventos exibidos pertencem ao passado ou ao futuro do consulente, eles não têm outro critério senão os dados simbólicos emergentes da localização no espaço das imagens exibidas (dependendo de como se apresentam mais ou menos longe ou perto, à direita ou à esquerda do consulente), dados que requerem uma longa prática para serem corretamente interpretados; especialmente porque variam de um vidente para outro. Esta explicação é satisfatória em relação aos erros em questão, mas ainda não resolve a questão da reversão dos acontecimentos de guerra no caso em questão; e isso para a consideração de que nesta circunstância foram as imagens visualizadas que apareceram para o vidente em sucessão reversa; portanto, deve-se concluir que quem errou foi o agente transmissor das imagens proféticas; isto é, devido às condições imaturas da clarividência sobrenatural na camponesa, as imagens simbólicas emergiam de seu subconsciente de maneira tumultuada, ou mesmo simultânea; o que apresentou a desvantagem de poder ser interpretados em sucessão reversa.

Como relator, tenho o dever de terminar informando que o agente transmissor do caso em questão não teria sido outro senão o espírito de Joanna D'Arc, que, lembrando-se de ter sido camponesa, quis manifestar-se por intermédio de uma camponesa, a fim de anunciar ao seu povo a terrível calamidade que se abateria sobre eles. Observo a esse respeito que quando no início foi profetizado que o exército inimigo invadiria a França pelo Noroeste, isso deveria ser entendido com relação à aldeia de Domrémy, que foi o local de nascimento da heroína-mártire. O abade J. A. Petit termina observando: "Quem viver verá". Infelizmente, aqueles que viveram viram que Joana d'Arc ou quem seja - havia escrupulosamente profetizado a verdade.

* * *

CASO XIII – O seguinte caso, publicado pelo doutor Eugène Osty na edição de novembro de 1925 da **Revue Métapsychique**, merece ser lembrado em conjunto com os demais, visto que foi publicado por um jornal de Atenas antes dos acontecimentos nele previstos.

Quanto ao valor intrínseco da profecia, observarei que os detalhes nela contidos parecem interessantes, sem serem extraordinários; embora não estivessem imunes a erros conspícuos, erros que o doutor Osty explica de maneira semelhante àquela formulada por mim no início deste trabalho. Esta é a gênese da profecia:

"Em 1912, o Dr. Antoniou de Atenas tratou uma jovem de uma família distinta, chamada Sofia X., a quem frequentemente colocava sob condições hipnóticas para fins terapêuticos. Em uma dessas circunstâncias, o médico ficou surpreso ao ouvi-la aludir espontaneamente a uma guerra dos Balcãs que se aproximava e a uma nova sucessão de eventos. Ele presumiu que fosse uma espécie de delírio auto hipnótico.

«No dia 2 de novembro de 1913, o doutor Antoniou teve novamente a oportunidade de colocar a jovem em hipnose, novamente para fins terapêuticos. Enquanto isso, a Primeira Guerra dos Balcãs; desencadeado em outubro de 1912, acabou; e para espanto do médico em questão, as previsões formuladas sobre a jovem Sophia tornaram-se realidade.

"Naquela data de 2 de novembro de 1913, todo o povo grego esperava que um longo período de paz se sucedesse à guerra no Oriente. A Grécia assinou uma paz gloriosa e o Dr. Antoniou sentiu-se totalmente satisfeito e lisonjeado com seus sentimentos patrióticos. O visionário em hipnose percebeu esse estado de espírito e, de repente, comentou: "Doutor, você está errado em ficar totalmente confiante. Nada do que você acredita se tornará realidade. Observe o que estou para lhe declarar.... Não teremos paz. A Albânia não se tornará autônoma (naquela época o príncipe Wied havia chegado à Albânia com a missão de fundar um estado independente). Uma grande guerra europeia está iminente. Aquele que glorificou a Grécia (o rei Constantino) estará perdido se não ouvir as minhas exortações...".

"Em 6 de junho de 1914, o doutor Antoniou, agora interessado na clarividência de Sofia, colocou-a em um sono hipnótico, expressando suas dúvidas sobre a veracidade da última profecia. Respondeu, confirmando nestes termos: "Haverá a incursão dos bárbaros na terra da sabedoria, do amor e da civilização... com enormes sacrifícios de homens e coisas... Os helenos perderão

sua glória, e..." (A essa altura, a profecia, que ganhou destaque em um jornal de Atenas, foi truncada pela censura).

"O médico perguntou novamente: 'Quando todos esses eventos acontecerão?' A vidente respondeu: "Em dois meses".

«As profecias relatadas foram publicadas pelo Doutor Antoniou no jornal Eonikh, em 29 de maio de 1916. São, portanto, retrospectivas; mas ele seguiu com outros relatórios de sessões que publicou no jornal To Aety de Atenas, nos dias 11, 12, 13, 14 de agosto de 1914 (calendário grego, correspondendo aos dias 24, 25, 26, 27 de agosto), que continham outras profecias de acontecimentos que se cumpriram vários anos depois ».

Limito-me a referir-me a eles no resumo que o Dr. Osty fez deles nas conclusões de seu artigo. Ele observa:

«Para formar um conceito claro em torno do valor dos detalhes fornecidos pelo jovem vidente, será útil equilibrá-los com base nestes três títulos: Omissões, Erros, Realizações.

"Duas conspícuas **omissões** se realizam neles: a entrada na guerra dos Estados Unidos, e a crise interna da Rússia, que a consegue eliminar, como fator de guerra ...

" Três **erros** notáveis ocorreram.

"A Albânia desaparecerá e seus vizinhos compartilharão seus despojos."

"Depois de vários acontecimentos, a Grécia acabará por se tornar a amante de Constantinopla".

"Haverá estados que deixarão de existir nos Bálcãs; onde só uma grande Grécia e uma grande Sérvia permanecerão".

"No que diz respeito a esses erros, é imediatamente evidente que são 'erros patrióticos'; isto é, em conformidade com as aspirações conscientes e subconscientes de todo bom grego.

"Também vale a pena considerar que alguns anos depois da profecia, a divisão da Albânia foi deliberada, enquanto as tropas gregas alcançaram os arredores de Constantinopla, e a Bulgária estava totalmente ocupada; todos os acontecimentos que, na época em que ocorreram, fizeram com que o povo grego tivesse esperança de obter uma parte da Albânia, de ver a Bulgária, seu inimigo mortal, e de se estabelecer definitivamente em Constantinopla mais uma vez a capital do antigo Império Bizantino reconstituída.

"Formulo essas considerações com os estudos das premonições referentes ao futuro individual do consulente que tem me mostrado que os paranormais às

vezes também percebem as **puras realidades mentais**, quando são erroneamente pensadas e consideradas por todos como seguras, bem como realização iminente. Isso nos leva a supor que a gênese dos erros em questão não é apenas atribuível a puras fantasias subscientes, mas também pode derivar de uma premonição das esperanças patrióticas que em um determinado período do futuro teriam formado a convicção coletiva de um povo.

“E agora vamos comparar o pequeno número das **omissões** e dos **erros**, com esta longa lista de **realizações**:

« “... O fogo que consome a Europa se espalhará de um extremo ao outro dos Balcãs.”

« “... Não é a Grécia que será a causa da propagação da guerra nos Balcãs.”

« “... Enquanto a Grécia permanecer calma, os turcos e búlgaros a invadirão pela Macedônia.”

« “... A Itália permanecerá neutra e, posteriormente, sairá da neutralidade”.

« “... Durante a guerra acontecerão grandes revoluções internas entre os povos...”.

« “... A Grécia vai ficar ao lado da Tríplice Entente, a tempo de aproveitar a vitória...”.

« “... Milhões de homens morrerão...”.

« “... Uma devastação indescritível acontecerá...”.

« “... Todos os exércitos se encontrarão em Vardar. Lá acontecerá uma grande batalha, que será decisiva. Talvez seja a última guerra nos Balcãs. Isso resultará em uma grande vitória para o Helenismo e seus amigos. É assim que se dará o fim da guerra europeia”.

« “... A tríplice Entente será finalmente vitoriosa”.

« “... As festas de Natal serão celebradas com alegria”.

« “... O fim da guerra será seguido de um longo período de conferências”.

« “... No momento da conclusão da paz, a Inglaterra se tornará o árbitro geral das questões a serem resolvidas.”

« “... Os tronos serão derrubados. Estados muito antigos se dissolverão e outros surgirão”.

« “... Acontecerão grandes mudanças políticas, porque os sofrimentos da guerra terão aberto os olhos ao povo”.

« “... O Império Austríaco se decomporá em seus elementos”.

« “... A Alemanha não será demolida. Apenas seus elementos heterogêneos serão removidos; cada um deles será reintegrado aos povos aos quais pertence”.

« “... A Alemanha deixará de ser um império. Será proclamada a república alemã; e isso encontrará imediatamente uma estrada, que a conduzirá a um novo apogeu, e a um novo progresso...”.

“Na leitura de hoje dos preconceitos particulares expostos, que parecem um resumo conciso dos acontecimentos que todos nós testemunhamos nos últimos onze anos; é natural que não se deva sentir surpresa, e isso porque se verifica que são um resumo fragmentário do que todos sabem hoje. Mas se, por outro lado, o critério do leitor se refere a 15 de agosto de 1914, tentando lembrar quais eram as presunções gerais sobre o quanto o futuro estava reservado, então as coisas mudam.”

«Do lado francês, foi o desenrolar vertiginoso de um drama cujas catastróficas conclusões foram consideradas por todos como próximas.

“Do lado da Alemanha, a guerra estava virtualmente e gloriosamente terminada.

“Do lado grego estava a firme convicção de uma guerra curta; e quando o jornal **To Aety** publicou a profecia da vidente Sophia, Atenas fez uma ironia a respeito, maravilhando-se com o fato do doutor Antoniou ter se mostrado tão ingênuo a ponto de dar importância a esse improvável devaneio.

«Resumindo: o que pensar da profecia em questão? Os documentos existem, e tornam incontestáveis o texto e a data. Devemos, portanto, presumir que uma chance de sorte brotou na imaginação de uma jovencinha, um vasto complexo de acontecimentos futuros verdadeiros que nenhuma mente de um homem do Estado teria sabido prever, tanto no geral quanto nos detalhes particulares?...”.

Assim o doutor Osty. Da nossa parte, observaremos que na enumeração acima mencionada dos eventos preditos como resultados verdadeiros, vários são encontrados que, embora de natureza geral, referem-se a eventos que são muito inesperados para serem explicados pelas hipóteses naturalísticas usuais. É o caso, por exemplo, da predição: da Grécia, que teria ficado ao lado da Tríplice Entente a tempo de aproveitar a vitória; sobre os exércitos balcânicos, que se concentrariam todos no rio Vardar, onde uma grande batalha decisiva aconteceria; no fato de que as férias de Natal de 1918 seriam celebradas com júbilo; no império austríaco, que teria se decomposto em seus elementos, e na Alemanha, da qual os elementos heterogêneos teriam sido removidos.

Deve-se acrescentar que mesmo que não se queira levar tudo isso em consideração, permaneceria o fato de que, no caso em questão, os eventos gerais ocorridos parecem numerosos demais para serem explicados cumulativamente, ambos com a hipótese de "inferências de causas existentes no presente e com coincidências fortuitas". Parece-me, portanto, que nenhuma dúvida pode ser razoavelmente sustentada quanto à natureza genuinamente sobrenatural da profecia apresentada.

* * *

CASO XIV – O advogado M. C. M. Ciocazan, de Craiowa (Romênia) comunica ao editor-chefe da **Revista Espírita**, professor Pascal Forthuny, o relato de uma sessão mediúnicamente em que o médium, dormindo, traçou o mapa topográfico das futuras fronteiras do reino da Romênia; e isso maravilhosamente em conformidade com o que deveria ser realizado. A sessão ocorreu em dezembro de 1915, e o relatório do auspicioso evento foi imediatamente tornado público. O advogado Ciocazan enviou a Pascal Forthuny os documentos que os comprovavam; e este último afirma tê-los depositado nos arquivos da "Maison des Spirites" de Paris, onde permanecem à disposição de qualquer pessoa que deseje consultá-los. O advogado em questão também enviou uma cópia desta mensagem profética a vários cientistas franceses, cujos nomes ele transmitiu a Pascal Forthuny. Sendo relacionado à documentação da profecia, eis a narração do advogado Ciocazan a esse respeito:

“Em nosso círculo experimental de Craiowa, muitas vezes recebemos mensagens mediúnicas altamente interessantes; mas o mais extraordinário talvez seja o que alcançamos em 1915, em plena guerra mundial, pela qual se definiram claramente as futuras fronteiras de uma grande Romênia, que teria surgido a partir dos tratados das grandes potências.

«No dia 11 (24) de dezembro de 1915, o nosso médium, em condições de sono, tomou a pena e traçou rápida e muito claramente a configuração de uma futura grande Romênia; e isso em uma época da guerra em que se estava amarga e profundamente longe de se imaginar um engrandecimento territorial tão vasto de nossa pátria. Da costa do Mar Negro, a rota se expandiu para o norte, incluindo a Bessarábia, a Bucovina e a Transilvânia; todas as regiões que hoje, e por direito de vitória, foram efetivamente incorporadas ao antigo núcleo do reino da Romênia. Há apenas uma ligeira variação em direção ao lado oeste da fronteira, no qual o esboço gráfico do médium não resultou perfeitamente

conforme a configuração atual. O traçado mediúnico conduzia a nossa fronteira até o rio Tisa. E de fato esse era o confim que em base aos tratados nos deveriam conceder, mas que foi levemente modificado devido às insistências da Sérvia a este respeito. Fora isso, existe o fato de que em dezembro de 1915 o nosso médium traçou exatamente a configuração do reino da Romênia como ele se apresenta atualmente.

"Essa mensagem profética foi imediatamente publicada e divulgada por todo o país; e aqui estou anexando uma cópia desta publicação. Na mensagem que estava junto ao desenho, anunciava-se a vitória final, descreviam-se as planícies semeadas de cadáveres, as feridas não tratadas nas quais o sangue se coagulava, o aparecimento de carros de guerra (com os quais se pronunciavam os "tanques", dos quais nós estávamos longe de falar naquela época), as faixas ondulando sob os disparos da metralhadora; enquanto no alto estava escrito em letras grandes: "Por uma Romênia maior"».

No episódio exposto, o detalhe mais interessante, do ponto de vista teórico, consiste no ligeiro erro existente entre a fronteira ocidental traçada pelo médium e aquela efetivamente concedida pelos representantes das grandes potências. O relator observa:

«O caminho mediúnico conduziu à nossa fronteira ao rio Tisa; **e tal era de fato o confim que de acordo com os tratados nos deveriam conceder, mas que foi ligeiramente modificado devido à insistência do governo Sérvio a este respeito** ».

Do que se nota que o pressuposto erro em que o médium caiu, não foi um erro em relação a uma determinada época no futuro, mas bem sim uma **realidade amadurecida no pensamento dos diplomatas** encarregados de delimitar as fronteiras da nova Romênia. Ora, tal fato é ainda válido para confirmar a teoria segundo a qual os alegados erros em que os visionários às vezes caem, longe de sempre terem de ser atribuídos a interferências subconscientes de natureza auto sugestiva e onírica, muitas vezes têm origem em causas inerentes as maneiras pelas quais eles se manifestam, as faculdades paranormais de uma ordem precognitiva; e assim sendo, esses tipos de erros são valiosos para o investigador, pois o ajudam a penetrar na natureza de tais causas. Na circunstância em consideração, duas possibilidades aparecem, cada uma diferente, mas igualmente válida, para a explicação do erro em que o vidente caiu; e a primeira consistiria no fato de que tudo contribui para a presunção de que erros dessa natureza muitas vezes decorrem da circunstância de que

embora os grandes acontecimentos dos povos apareçam predeterminados em seus contornos gerais, não o seriam devido às suas modalidades de manifestação, em torno da qual a vontade dos homens exerceria sua influência modificadora (o que demonstraria a existência no homem de um "livre arbítrio relativo"); Nesse caso, deve-se dizer que na circunstância considerada aqui, o médium, ou quem quer que seja, percebeu os eventos futuros como eles deveriam ocorrer, uma vez que foram predeterminados em suas linhas gerais, mas que a vontade dos homens exerceu sua influência sobre eles, modificando-os ligeiramente. A esse respeito, repito o que disse no início, e é que essa hipótese não é livre, mas baseada em fatos irrepreensíveis, como já indiquei em meus outros trabalhos, mas especialmente em um longo capítulo do meu livro sobre "Fenômenos Premonitórios".

A segunda dessas presumíveis causas, por sua vez baseada em dados factuais positivos, seria aquela apontada pelo Doutor Osty, segundo a qual os médiuns às vezes percebem a "realidade mental" existente em um determinado momento no futuro na forma de uma ideia coletiva, ao invés de perceber a "realidade mental", como ela será posteriormente fixada definitivamente na história dos acontecimentos de um povo, ou de uma determinada pessoa. Nesse caso, deve-se dizer que o médium adormecido, ou quem quer que por ele, percebeu as futuras intenções dos diplomatas reunidos no congresso para a delimitação das fronteiras da Romênia, e traduziu esta "realidade mental" no papel, em vez de traçar a "realidade concreta" e definitiva que isso tinha que acontecer.

Esta hipótese, aparentemente audaciosa, gratuita e bastante improvável, foi formulada pelo doutor Osty com base em suas experiências de vinte anos com numerosos clarividentes. Portanto, será útil para mim relatar outro incidente do mesmo gênero que o torne compreensível e aceitável para aqueles que não são familiarizados com as investigações magistrais do médico em questão.

* * *

CASO XV – O que se segue é um incidente que, embora análogo ao anterior, é muito mais surpreendente e teoricamente perturbador. Relatórios do Dr. Osty:

“No início de 1915, precisando passar por Paris, fui consultar a Sra. Morel, clarividente em estados profundos de hipnose, pedindo a esta excelente vidente que "visse" o curso posterior da guerra.

“Após repetidos pedidos nesse sentido, ela observou: “Não me vem nenhuma imagem”. Eu respondi: “Quando for esse o caso, transporte-se para o futuro, quando a guerra acabar. Eu estarei aqui novamente com você, e conhecerei os eventos posteriores com os quais isso aconteceu. Aja como se eu estivesse aqui para consultar o fim da guerra e extraia da minha mentalidade o que está contido nela”. Ela exclamou: “Ah! Eu finalmente vejo! Agora posso ver!”. E ela começou a me descrever os acontecimentos relativos à Grécia durante a guerra, quando o rei Constantino manifestamente favorável à Alemanha, ameaçou da noite para o dia tomar partido contra nossa coligação. Tudo isso não foi o que eu presumi que deveria me revelar, já que estava interessado em saber os acontecimentos com os quais a guerra havia ocorrido e terminado nos 16 meses que ainda faltavam.

“Quando a guerra acabou, comecei a verificar a sequência de eventos que a visionária me revelou, indo aos arquivos de um grande jornal parisiense e lendo para o arquivista o texto das profecias, frase por frase. A certa altura, tanto o arquivista quanto eu fomos tomados por uma sensação de profundo espanto, pois havíamos descoberto que um dos eventos pronunciados pela Senhora Morel (ferimento do Rei pela Rainha durante uma discussão animada), tinha de fato sido publicado nos jornais, e precisamente na ordem de sucessão indicada pela vidente, e tinha de fato sido lido na época por mim, mas **em seguida foi considerado falso!** Vale dizer que a **vidente**, em 1915, comportou-se comigo como se extraísse da **minha futura memória de 1918**, verdade e erros! ». (*Revue Métapsychique*, 1936, p. 501).

Concordemos: no episódio exposto tudo é espantoso, mas o incidente mais espantoso de todos é o da falsa notícia relatada pelo "vidente", e isto em relação ao fato de que o doutor Osty, dezesseis meses depois, o teria lido nos jornais **considerando-a verdadeira!** Isso confirma de forma inesperada a hipótese segundo a qual a vidente teria obtido os fatos verídicos relativos à guerra do subconsciente do Doutor Osty, na qual, inversamente, eles não poderiam existir, mas nos quais, no entanto, deveriam ser encontrados na data futura em que o vidente foi transportado por sugestão do consultante! E isso parece ser uma complicação teórica surpreendente. O que poderia ser mais contraditório e desconcertante do que ser forçado a admitir que a vidente derivou do subconsciente do consulente os eventos futuros relatados, e ao mesmo tempo ser obrigado a reconhecer, logicamente, que no subconsciente do Dr. Osty não poderiam rastrear-se eventos políticos que ainda não tinham acontecido?

E com isso me rendo, por ser inútil se esforçar para compreender; mas o episódio exposto torna racional e legítima a hipótese acima mencionada do doutor Osty, destinada a explicar de algum modo os fenômenos do tipo exposto, aos quais também pertence o precedente, embora seja muito menos surpreendente.

E aqui, reinvocando uma célebre frase do professor Richet, termino exclamando: “Tudo isto é absurdo e impossível: **mas ainda assim é verdade!!!**”

* * *

CASO XVI – O seguinte caso foi publicado pelo Doutor Gustavo Geley na **Revue Métapsychique** (1921, p. 380 - 383), e está entre os mais notáveis da presente coleção, seja pela cópia e pela importância dos detalhes proféticos obtidos e integralmente realizados, que por sua documentação impecável. A esse respeito, deve-se considerar o fato de que a primeira das mensagens mediúnicas na qual a profecia está contida, foi enviada pelo Dr. Geley, também como a Jules Roche, **cerca de dois meses antes que se realizassem os eventos preconizados.**

Dr. Geley o relaciona nestes termos:

“O que se segue é um caso verdadeiramente extraordinário de previsões feitas por uma médium, particular a Sra. Prszybylska - durante a guerra russo-polonesa. É uma médium "auditiva", ou seja, "escuta a voz" de quem transmite as mensagens mediúnicas, repetindo-as em voz alta, enquanto os experimentadores tomam notas enquanto ela fala. Todas as comunicações que se seguem foram lidas e assinadas pelos membros do comitê central da "Sociedade de Estudos Psíquicos" em Varsóvia, à medida em que eram obtidas junto a médium em questão, **e sempre muito tempo antes das realizações dos acontecimentos previstos.**

Assim, por exemplo, a primeira dessas mensagens, obtida em 10 de junho de 1920, foi lida na reunião do Comitê Central, em 16 de junho de 1920, com a presença do presidente M. P. Lebidzinski e os demais membros do comitê gestor; incluindo o Coronel Okolowicz e o Doutor Guirard, enquanto os eventos previstos ocorreram entre 8 de julho e o final de agosto.

“O mesmo se aplica a todas as mensagens subsequentes, sempre validadas pelos depoimentos das mesmas pessoas, que ocuparam cargo oficial e foram competentes no argumento. Essas previsões nunca foram vagas ou equívocas.

Ao contrário, surgem com precisão extraordinária nos detalhes, nos nomes dos lugares, nos nomes das pessoas e às vezes até nas datas. Os eventos preditos, tanto os auspiciosos quanto os desfavoráveis, quase sempre foram contrários às expectativas de todos os presentes. Como já foi observado em circunstâncias análogas de clarividência no futuro, os eventos são quase sempre relatados no tempo presente, como se o vidente fosse uma testemunha.

«A primeira das mensagens que se segue foi obtida a **10 de junho de 1920** na presença das condessas Maria e Giovanna De Walewska; e, como já foi dito, foi lida na reunião do “Comitê Central” da “Sociedade de Estudos Psíquicos”, no dia 16 de junho; uma época em que o exército polonês foi vitorioso em todas as áreas. Ele ocupou uma importante região do oeste da Rússia e entrou com sucesso em Kew. Os bolcheviques estavam em toda parte em plena retirada. Em 9 de junho, a linha bolchevique no rio Socha foi rompida e em 10 de junho a grande vitória polonesa sobre Berezina foi anunciada oficialmente. Aconteceu que a mensagem recebida produziu em todos um verdadeiro estupor, combinado com um sentimento geral de descrença absoluta.

“Esta, a mensagem, a qual faremos seguir - entre parênteses - a história dos eventos correspondentes (relembro que a mensagem foi enviada ao Dr. Geley e Jules Roche, **muito tempo antes que se realizassem os eventos preconizados**).

«**MENSAGEM DE 10 DE JUNHO DE 1920.** O Conselho de Ministros ainda não se formou; mas você vai, mais cedo ou mais tarde, conhecer Witos.

«Que desgraça! Que derrota! Quantas mortes no campo de batalha! É um verdadeiro desastre para o seu exército.

«Este mês haverá uma grande mudança no Conselho de Ministros. Witos será o primeiro-ministro.

«Um homem maior que os vossos ministros vos oferece a sua amizade e a sua ajuda. Mudança radical da situação em agosto. A chegada à Polônia de um estrangeiro, com quem Pilsudski mantém conselho, exerce grande influência sobre a situação.

“Os ataques sistemáticos cessaram. Vocês descobrirão que seus infortúnios terminarão por volta da **metade de agosto; mas, até lá, infortúnios acontecerão por toda parte.**

«(História dos acontecimentos). Infelizmente, o desastre previsto, que foi absolutamente inesperado, não demorou muito para se realizar.

Em 28 de junho, os bolcheviques começaram a ofensiva na frente norte. Em 8 de julho, nossa linha da alta Berezina foi rompida (550 quilômetros de Varsóvia) e Minsk foi tirada de nós no dia 12 (480 quilômetros de distância). Perdemos Wilna no dia 16 (a 400 quilômetros) e Lida no dia 18 (a 350 quilômetros). Finalmente, em 13 e 14 de agosto, o ataque a Varsóvia começou. No dia 15, o destino da batalha começou a virar a nosso favor. No dia 18, nossa vitória sobre o Vístula foi completa e as hordas asiáticas recuaram a todo vapor. **A profecia foi totalmente cumprida, e até 15 de agosto o exército polonês não conheceu outra coisa além de infortúnios.**

“A chegada de um estrangeiro (General Weigand); seu entendimento com Pilsudski teve, como foi predito na mensagem, uma grande importância para a salvação da Polônia.

“Do ponto de vista da política interna, **Witos, até então um homem quase desconhecido, chegou a ser nomeado primeiro-ministro**, e isso em 24 de julho de 1920.

«**(MENSAGEM DE 6 DE JULHO, LIDA PELA COMISSÃO CENTRAL, 12 DE JULHO)**. Grande infortúnio; logo eles vão mandar você abandonar a margem direita da Vístula.

“Todo este mês, desastres. O poder de Lenin aumenta. Uma grande onda de soldados invade seu país e você deve abandonar seus campos. Não tenha medo: eu abençoo sua cidade. O infortúnio está confinado à margem direita do Vístula e tudo mudará para melhor.

«Alguém pergunta: 'Os bolcheviques entrarão em Varsóvia?'

«A resposta é: 'Varsóvia não fica na margem direita do Vístula.

Eles não entrarão em Varsóvia”.

« **(História dos acontecimentos)**. Não adianta se espalhar: tudo aconteceu exatamente como foi previsto.

A invasão da Polônia pelas hordas bolcheviques ocorreu e continuou até o Vístula sem interrupção.

« **(MENSAGEM DE 12 DE JULHO, LIDA À COMISSÃO CENTRAL, DE 21 DE JULHO)**. “Minsk e Wilna estão perdidos. Nos arredores de Kowel, muitas pessoas ricas são baleadas. Relatórios assustadores chegam da província; mas tudo vai mudar em um mês. As fileiras de seus soldados aumentam. No final de julho, suas forças excederão as dos bolcheviques. Eles invadiram suas terras e isso é uma calamidade terrível, mas as tropas de Lenin serão dispersadas no mês de agosto. **A grande mudança acontecerá no dia 15 de agosto**”.

« **(História dos acontecimentos)**. Minsk, Kowel, Wilna foram perdidos por nós nas semanas que se seguiram; e como já foi dito, foi precisamente no dia 15 de agosto que o destino da batalha mudou a nosso favor, salvando Varsóvia.)

« **(MENSAGEM DE 21 DE JULHO)**. “Um visitante de Paris vos traz uma mudança inesperada. Vosso patriotismo e vosso heroísmo exercem uma grande influência sobre ele.

« “Grandes mudanças no mês de agosto. As forças de vocês serão as vitórias de Kowel e Kowno. A discórdia entre os líderes bolcheviques está se espalhando e uma grande mudança inesperada ocorre.

““Você não apenas retomará o território invadido do inimigo, mas também levará suas armas e uma enorme multidão de prisioneiros. Vocês conquistarão uma grande vitória ao lado de Wilna e Lida. Wilna será recuperada por suas tropas antes mesmo de ser abandonada”.

« **(História dos acontecimentos)**. Todos os eventos preditos se tornaram realidade. Após a vitória sobre o Vístula, seguiram-se as vitórias de Kowel e Kowno, Wilna e Lida. A derrota dos bolcheviques foi completa; e eles perderam a maior parte de sua artilharia, deixando mais de 100.000 prisioneiros em nossas mãos).

«No dia 1 de agosto o médium partiu para Zakopane, uma pequena estância termal na região montanhosa; e as comunicações mediúnicas eram enviadas por correio para a "Society of Psychic Studies", lidas e referendadas pelos seus membros.

“As cinco mensagens seguintes, recebidas pela médium em Zakopane, foram expressas na presença do Doutor Sochacki, M. Cienski e sua esposa, Sra. Abgarowicz, Conde Dzieduzycki e sua esposa.

« **(MENSAGEM RECEBIDA A 6 DE AGOSTO DE 1920, EM ZAKOPANE)**. “A Rússia é vitoriosa e as suas maiores forças estão concentradas ao lado de Minsk e Terespol. O exército polonês está em fuga em toda a linha.

« “A França envia socorro, e um grande júbilo se prepara para 15 de agosto. Varsóvia não será tomada. Seu exército disperso se concentra rapidamente. Segue-se uma grande vitória polonesa. Soldados soviéticos são derrotados e postos em fuga.

« “Varsóvia está em desespero. Seus arredores são todos ocupados pelo inimigo; mais e mais notícias terríveis chegam a cada momento. Todos esperam ansiosamente os bolcheviques para entrar em Varsóvia. Logo, porém, o medo se transformará em uma explosão de júbilo”.

« **(História dos acontecimentos)**. Eles foram realizados exatamente da maneira prevista.

« **(MENSAGEM DE 13 DE AGOSTO DE 1920)**. (No momento de maior perigo, chegaram a Zakopane a notícia de que Varsóvia havia sido ocupada pelo inimigo).

“Grandes mudanças. A França vem em seu auxílio. Os bolcheviques foram expulsos da cidade de Prznyss. Seu antigo líder pega em armas para conduzir-vos à vitória. Estamos na segunda-feira depois de 15 de agosto. O inimigo não vai tomar a cidade: vocês são fortes. Esperem até segunda-feira. Não se desesperem. Mais sete dias e depois vocês terão grandes vitórias. O vosso amor pela pátria, o vosso heroísmo e o milagre da Virgem Santa salvaram Varsóvia. Rezem a Nossa Senhora para que lhes dê a força para esperar por mais sete dias”.

« **(História dos acontecimentos)**. Tudo aconteceu da maneira prevista.

« **(MENSAGEM DE 14 DE AGOSTO DE 1920)**. “Que alegria! O exército inimigo está derrotado!”.

« **(História dos acontecimentos)**. A derrota ainda não havia acontecido, mas aconteceu pouco depois.

« **(MENSAGEM DE 15 DE AGOSTO DE 1920)**. “Há uma provocação e uma desgraça em Dzialdowo (Soldau). Houve cumplicidade por parte dos prussianos com os bolcheviques.

« “Hoje Varsóvia brilha de glória. Se regenerou e se ergueu rapidamente. Sua força se tornou milagrosa. Como combatem! O mundo inteiro observa admirado a sua vitória!

« “Hoje é o dia da grande mudança: uma ponte é conquistada do lado de Modlin. Amanhã outro raio de esperança e depois de amanhã a alegria do triunfo. O vosso país se livrou do inimigo muito mais facilmente do quanto se poderia supor.

“Agora os bolcheviques tentam cercar Lemberg e cruzam o rio Stripa; mas eles não a tomarão. Os bolcheviques juraram que na próxima terça-feira estarão de posse de Lemberg, mas se enganam; o exército de Budienni será desfeito nas adjacências da cidade”.

« **(História dos acontecimentos)**. Impossível ser mais preciso na descrição do ocorrido. Tudo, absolutamente tudo, resultou verídico: os detalhes fornecidos, as etapas da batalha no Vístula, o alarme do desvio em Lemberg, a cumplicidade dos prussianos em Soldau, que deixaram passar as hordas em

retirada pela Prússia Oriental. Observe a ordem inversa em que este último episódio foi colocado, descrevendo-o para o primeiro.

« **(Mensagem de 19 de agosto de 1920)**. “Em um mês outras grandes vitórias, e um novo desastre para o exército bolchevique, que será derrotado definitivamente”.

« **(História dos acontecimentos)**. Na verdade, depois de um mês ocorreu a grande vitória decisiva de Kovno ».

Este é o interessante caso profético publicado pelo Dr. Geley, em relação ao qual se observa acima de tudo que o conteúdo das numerosas mensagens mediúnicas que o constituem, são ilustrações mais e mais detalhadas dos eventos de guerra previstos integralmente na primeira mensagem (exceto para a última mensagem curta em que outra vitória decisiva é predita e que não havia sido aludida antes). Do ponto de vista teórico, a observação acima daria razão ao Dr. Osty, que, com base em uma longa experiência a esse respeito, observa como os videntes passam a fornecer informações mais e mais precisas e minuciosas sobre um evento previsto, à medida que se aproxima o momento de sua realização; como se houvesse algo semelhante entre a visão normal no espaço e a visão paranormal no tempo.

Também observo que a circunstância das mensagens em questão, que são todas uma ilustração da primeira, reforça ainda mais o valor probatório de todo o episódio, e isso porque a primeira das mensagens relatadas, que é também a mais distante no tempo dos acontecimentos – vêm enviadas ao Dr. Geley e Jules Roche assim que foram recebidas.

De outro ponto de vista, deve-se notar que as mensagens em questão parecem contradizer o que o escritor havia observado anteriormente, com base em que as profecias formuladas antes da guerra se revelaram esmagadoramente verdadeiras, enquanto as formuladas durante a guerra resultaram erradas em sua maioria; o que logicamente levou a induzir que o curioso fato deve ser atribuído à circunstância de que, no primeiro caso, os videntes estavam em condições de serenidade e paz de espírito, e conseqüentemente se mantiveram em condições de passividade mental, que é o estado receptivo indispensável à emergência das faculdades subscientes paranormais; enquanto, no segundo caso, os videntes se viram imersos na tempestade de sangue e, conseqüentemente, incapazes de se manter nas condições exigidas de passividade mental; evitando assim o surgimento das faculdades de profecia inerentes ao subsciente; visão e mensagens que obviamente não poderiam

deixar de estar em plena harmonia com as ardentes aspirações ou opiniões pessoais dos visionários.

Essas são as induções do escritor para explicar o contraste que existe entre as profecias verdadeiras do período pré-guerra e as falsidades do tempo de guerra; e não pode haver dúvida de que essa explicação é psicológica e metapsiquicamente fundamentada. No entanto, é igualmente verdade que toda regra envolve numerosas exceções, que não só não a contradizem, mas a confirmam, visto que na maioria das vezes se nota que nas circunstâncias das exceções surgem causas diferentes das que normalmente atuam. Reproduzir. E no caso acima, em que a protagonista era um médium "auditivo", que repetia o que uma "voz" extrínseca ou subjetiva lhe transmitia, seria levado a concluir que o agente transmissor das mensagens proféticas não era o subconsciente ou ego integral do sensitivo, mas um agente espiritual extrínseco que, ao transmitir telepaticamente suas mensagens de forma auditiva, evitou que seu próprio pensamento fosse distorcido pela interferência subconsciente gerada pelo estado de perturbação psíquica em que o sensitivo estava envolvido na guerra. Isso também daria razão para uma circunstância incomum que distingue a profecia em questão, e é a estupenda precisão com que todos os eventos profetizados foram realizados.

Resta notar que, no caso em questão, há outro incidente de reversão no tempo dos eventos previstos, o qual parece idêntico ao observado anteriormente; com a diferença de que no primeiro incidente, sendo médium vidente, pode-se supor que, tendo percebido visões simultâneas, ela as descreveu em sucessão reversa; onde no caso acima, em que se trata de um médium "auditivo", que percebeu uma "voz" falando com ele, esta explicação não parece legítima; e assim sendo, o erro deve ser atribuído ao agente que transmite as mensagens proféticas. A menos que queiramos levar em conta o que as personalidades espirituais afirmam, ou seja, não transmitem palavras, mas ideias, e estas muitas vezes em termos de **simultaneidade** (que seriam as modalidades de ideação espiritual), reservando órgão cerebral dos médiuns tarefa de traduzi-los em termos de sucessão. Nesse caso, o erro de inversão do tempo ainda deve ser atribuído ao médium, nem mais nem menos que nos casos de clarividência.

* * *

CASO XVII – Os casos expostos até agora se referem a uma classe de manifestações precognitivas relativamente raras, pois neles as profecias em

torno de eventos de natureza geral que no nosso caso é a guerra europeia, se expressam na forma de percepções diretas dos eventos preconizados, independentemente de qualquer pessoa presente que exerça funções intermediárias, no sentido psicométrico.

Ora, na grande maioria dos casos de profecias a respeito de eventos de ordem geral, nota-se que se o sensitivo foi capaz de percebê-los, o que acontece porque o consulente havia lhe dado a possibilidade, já que ele próprio deveria se envolver nos eventos de ordem geral percebidos pelo sensitivo; que se esses eventos não tivessem afetado pessoalmente o consulente, o médium teria ignorado sua existência.

E esta observação de fato é tão verdadeira, que nas circunstâncias das profecias sobre a grande guerra, há um bom número de episódios em que o médium anuncia a morte violenta do consulente após um tiro de arma de fogo, ou a explosão de uma bomba, enquanto continua a ignorar que isso teria acontecido devido à eclosão da guerra, nos campos de batalha.

Voltaremos ao tema interessante nos comentários sobre os casos que iremos mencionar.

Nesse primeiro episódio do gênero, nota-se que o sensitivo, embora claramente colocado no caminho da percepção dos acontecimentos gerais por meio de uma pessoa presente, demonstra, no entanto, uma visão clara e suficientemente detalhada dos próprios acontecimentos; onde, como se disse, em outros episódios análogos o sensitivo ignora os eventos de natureza geral que determinam os eventos pessoais que ele prevê ao consulente.

O episódio é bem conhecido, pois foi reproduzido em todas as revistas de metapsíquica em numerosas revistas políticas quando foi publicado nos **Annales des Sciences Psychiques**: no entanto, eu não posso deixar de reportá-lo, levando em conta que neste trabalho gostaríamos de reunir em plenário todos os casos de profecias verdadeiras sobre as duas Grandes Guerras Mundiais, as quais resultam que são cientificamente conclusivos.

Pretendo fazer alusão à famosa profecia de Léon Sorel, comunicada em 1913 pelo médico Amedeo Tardieu ao professor Charles Richet. Este último, na página 498 do seu **Traité de Métapsychique**, relata nestes termos o incidente da visita que lhe fez o médico em questão:

«Em novembro de 1913, recebi a visita do doutor Amedeo Tardieu, ex-médico-chefe dos hospitais e médico consultor de Mont Doré, que tinha sido aluno de meu pai. Ele me disse: “Tenho algo extremamente importante para

lhes comunicar; e com base em alguns incidentes e algumas revelações minhas, considero que chegou a hora de falar-vos sem mais delongas”».

Em seguida, o Dr. Tardieu relatou ao prof. Richet uma longa profecia que o seu amigo Leon Sonrel, o qual estava sujeito as crises extáticas espontâneas, havia proferido em julho de 1869, preconizando as guerras de 1870 e de 1914. O Prof. Richet referiu em resumo a longa profecia em seu **Traité de Métapsychique**; eu a referirei quase integralmente, extraindo-a **dos Annales des Sciences Psychiques** (1915, p. 224 - 232). O Dr. Amedeo Tardieu diz o seguinte:

« Era julho de 1869, quando foi anunciada a extraordinária profecia que vou narrar e a qual garanto sob minha honra; sem contar que ainda vivem muitas testemunhas contemporâneas aos eventos.

“Meu amigo Léon Sonrel costumava me surpreender com uma espécie de crise hipnótica que se manifestava espontaneamente no decorrer de nossas conversas, mas apenas quando ele estava calmo e bem-disposto. Escutei com grande interesse o que ele tinha a dizer, já que muitas vezes ele havia previsto eventos que aconteceram mais tarde ...

“Em 23 ou 24 de junho de 1869, caminhávamos juntos pelas estradas de Luxemburgo, quando ele, falando por quase quarenta e cinco minutos em êxtase, proferiu as seguintes profecias, que me impressionaram muito... Eram as três ou quatro da tarde, a temperatura era amena e o tempo lindo. Como eu disse, passeávamos pelos bulevares de Luxemburgo; fiquei à direita de Léon Sonrel, que me precedeu alguns passos. De repente, ele começou a profetizar, continuando seu caminho, com os olhos voltados para cima e parando de vez em quando. Esta é a previsão:

“O que acontece depois? Mas é guerra! Eu vejo você nos Boulevares. Você comanda um corpo de tropas.... Que emoção! Você conta dinheiro na estação norte.... Aqui, vejo você no trem com vários outros.... Agora você para em Aulnoy! Agora vejo você em Hirson.... Te vejo em Mézières.... Então, aonde você vai?... Sédan! Oh a batalha terrível! Você corre grande perigo Oh, minha pátria! Meu lindo país! Que desastre! Que desgraça! Oh meu Deus! Meu Deus!”. Ele para, explodindo em lágrimas. Então ele retomou sua marcha e eu o segui. Levanta a cabeça, e o seu olhar parece se perder no espaço. Ele estende os braços, acenando-os e exclama: “Oh! Que derrota! Que desgraça! Oh, pátria minha!... Eis que me torno um oficial superior! Como assim? Eu morro em três dias!”.

«Neste ponto parece despertar e, voltando-se bruscamente para mim, exclama: “Estou a morrer; sim eu morro; mas de que mal estou morrendo? ”.

“Nesse curtíssimo intervalo de lucidez, meu amigo Léon me olhou com uma expressão normal. Respondi: "Sim, bom amigo, você morrerá no cerco de Paris e será um oficial superior... A sua morte me parece linda!".

“Ele recaí em condição estática, exclamando: “Estou morrendo; eu morro no cerco de Paris. Em três dias!...”. Por três vezes, ele parece acordar, mas caiu de volta em condições estática e então continuou:

""Oh! Meu Deus! Minha pobre esposa está grávida de um bebê que eu nunca vou conhece...". E ele começou a soluçar novamente. ""Oh! Mas você está lá! Você cuida dela! Oh! Como você é bom...". Dizendo isso, sua fisionomia havia assumido uma expressão de imensa dor. Em seguida, ele passou a descrever os desastres dos arredores de Paris e os grandes perigos aos quais eu também estava por enfrentar.... Então, falando do meu futuro:

« “Ah! Você acha que deve ficar em Paris para esperar o concurso da escola de medicina. Bem, não: vejo você nas províncias, onde você faz política. Mas você não se esquece da minha pobre esposa e os meus filhos ”

« “Ah! Você também se casou e tem seus filhos.... Meu pobre amigo, quantas dores o futuro lhe reserva também! Vejo-te chorando ao lado de uma adorada esposa que está em agonia... Coragem, coragem, você vai conseguir triunfar sobre o destino adverso..., mas tenho pena de você, meu pobre amigo!”

"Esta é a primeira parte da profecia: aqui está a história dos acontecimentos:

"Em 27 de agosto de 1870, deixei Paris no comando de três grandes ambulâncias, que deveria levar para o exército de Mac-Mahon... Segui a pé à frente da procissão. Nos boulevares, a emoção era indescritível.

"Quando chegamos acerca da estrada *dell’Opera*, tive a ideia de enviar dois de meus ajudantes para recolher dinheiro em seus “képis”. Da Via *dell’Opera* à Estação Norte, eles arrecadaram 36.000 francos. Nos "képis" foram encontradas até notas de 500 liras. A emoção de todos foi extraordinária; muitos choraram ao ver a procissão passar. Quando chegamos à estação Norte, encontramos os membros do Conselho da Cruz Vermelha, que tinham vindo para apertar as mãos uma última vez. Aproveitei para lhes dar os 36.000 francos arrecadados.

"Só quando entregava o dinheiro, justamente naquele exato momento, a profecia de Sonrel e o episódio semelhante visualizado por ele passaram pela minha mente. Quando estávamos no trem, meus colegas perguntaram:

"Comandante, para onde você está nos levando?". Eu respondi: "Vamos nos juntar ao exército de Felis Douay; e para alcançá-lo, penso em atravessar o *Valle dela Mosa*, já que o exército de Mac-Mahon está se dirigindo para Metz. Por fim, meus amigos, já conheço os acontecimentos desta nossa viagem. Eis aqui: chegaremos a uma estação que nunca vi, que se chama Aulnoy. Lá seremos impedidos de continuar; mas partiremos de qualquer maneira na outra direção. Chegaremos em Hirson; de lá, continuaremos para Mézière e, finalmente, para Sedan, onde testemunharemos uma batalha terrível; e muito provavelmente, em cerca de quinze dias estaremos de volta a Paris".

"Meus colegas perguntaram: "Mas como você sabe de todas essas coisas?". Eu respondi: "Eu te conto mais tarde; possivelmente antes da grande batalha que chegará para nós".

«Quando chegamos à estação de Aulnoy, para grande espanto de todos, o chefe da estação veio dizer-me: "Senhor Comandante, não avance mais: a linha está interrompida". "Sim, entendo", respondi, "não podemos prosseguir em direção a Maubeuge, mas fazer o carro virar do lado de Hirson."

"Com essas palavras, o chefe da estação ficou pasmo; mas obedeceu. Passamos por Hirson; chegamos a Mézières, onde o chefe da estação me disse: "Senhor Comandante, é impossível continuar. A linha é cortada do lado de Sedan. Não posso assumir a responsabilidade de deixar você passar...". Eu respondo: "Preciso estar em Sedan amanhã de manhã e exonerarei você de toda responsabilidade. Eu assumo toda a responsabilidade sobre mim; me dê um motorista". Havia apenas um carro na estação... O chefe da estação permaneceu indeciso; mas o maquinista comentou com ele: "Estou à sua disposição para conduzir todo o trem (tínhamos quatorze carros); e vamos ver se a linha é ou não interrompida".

"Entre no carro, ao lado daquele valente, e em grande velocidade chegamos à estação de Sedan às duas da manhã... No dia seguinte fomos informados que o exército de Mac-Mahon estava em Beaumont e que a luta havia começado... Imediatamente recolhemos cerca de 400 feridos, concentrando o nosso alojamento no prédio municipal de Raucourt... Então contei aos meus funcionários, reunidos ao meu redor, a previsão do meu amigo, e o cataclismo que nos esperava amanhã.

"Mas vamos ignorar os detalhes e chegar ao cerco de Paris.

«Depois de numerosas peripécias, aqui estamos alojados a Arcueil, na escola dominicana. Meu amigo Léon Sonrel veio me ver imediatamente e eu o convidei

para o almoço. Todos olhavam para ele murmurando: "Ele é o famoso Sonrel, o homem da profecia"; e os meus colegas médicos, junto com os capelães, queriam ser apresentados a ele. Padre De Bengy não cessou de me observar: "Agora resta saber se ele será nomeado oficial superior e se morrerá em três dias"

"Passado algum tempo, o meu amigo volta para me dizer que foi nomeado comandante auxiliar, por ordem do Coronel Laussedat... Foi como uma bomba para todos nós que conhecíamos a profecia. Alguns observaram tristemente: "Agora vamos ver se ele vai realmente morrer em três dias".

"Algum tempo depois, chegou um mensageiro da Sra. Sonrel, que morava na praça Montrouge, para me implorar de ir dar assistência ao seu marido moribundo de varíola. Fui imediatamente para a cabeceira dele. Ele não dava mais nenhum sinal de vida, mas enquanto eu subia as escadas, ele se virou para sua esposa que soluçava ao lado dele, dizendo:

"Camila, abra a porta: Tardieu está chegando". Pode-se julgar o espanto da Sra. Sonrel quando, imediatamente depois, abri a porta e entrei. Eu o visitei: ele estava lívido e preto como tinta. Eu dei a ele um último beijo. Ele que tinha tirado a primeira fotografia do sol, observou: "Curioso! A luz do sol se extingue". Eu segurava a sua mão, e ele me fixando como seu olhar moribundo, disse novamente: "Eu sei que você não vai esquecer minha esposa e os meus filhos. Eu morro tranquilo. Deus vai te recompensar". E assim dizendo, ele cobriu o rosto com o lençol... Poucos minutos depois ele expirou.

"É inútil insistir na contribuição que julguei ser meu dever dar à infeliz viúva do meu amigo...

"Quando o cerco acabou, voltei para Auvergne e fui nomeado Conselheiro Geral do Puys-du-Dôme...

"Em sua profecia, Léon Sonrel sempre fala de **seus filhos** no plural. Agora, em 1869, ele tinha apenas um filho. O segundo nasceu sete meses depois da morte de seu pai em 1871.

"Casei-me em 1874. A minha mulher adoeceu com um cisto hidático do fígado, multilocular: agonizou lentamente durante seis anos e depois morreu, deixando-me pai de duas meninas. Durante seis anos só conheci o que era sofrimento e dor, junto às minhas filhas; mas a profecia de Sonrel teve a virtude de elevar meu astral durante esses momentos difíceis. Vou declinar de contar a longa sucessão de detalhes profetizados, particulares e verdadeiros, e que dizem respeito somente a mim.

« Vamos à segunda parte da profecia, que fala de uma segunda guerra.

«Há dois anos que aguardo a sua realização. Até agora não levei em consideração o que se referia à família do meu amigo e meus eventos pessoais; exceto que, neste momento, ocorreu um fato pessoal que é muito concordante como sempre com os eventos gerais para que eu possa duvidar por um único momento que a segunda profecia de guerra deva ser cumprida como a primeira.

“(Com isso o Dr. Tardieu alude à realização de um episódio de ordem científica, que Léon Sonrel havia previsto 43 anos antes; um episódio que iria coincidir com a eclosão da segunda guerra).

«Léon Sonrel tinha exclamado:

« “Ah! Meu Deus! Minha pátria está perdida. A França está morta Que desastre!”.

“Então ele estava chorando por alguns minutos em silêncio, continuando a andar. Eu o segui sem falar.

“De repente, ele levanta o olhar e os braços para o céu, e com um ar inspirado, que jamais esquecerei, exclama:

« “Ah! Eis a minha pátria salva! Agora vai até o Reno! (Textual). Oh França! Ó pátria amada, aqui é a hora do triunfo! Você é a rainha das nações.... Seu gênio brilha no universo... O mundo inteiro te admira...”.

«Fiquei pasmo. Pensei comigo mesmo: “É assim que o profeta Isaías deve ter sido quando profetizou.”

Contemplava em silêncio o rosto inspirado do meu amigo.

«Então, depois de ter descansado de certo modo, como que por muito esforço, voltou aos meus assuntos privados, que mantenho calados por discrição, mas que confidenciei a vários amigos.

«Por fim, Léon olha para mim e exclama: “E não te esqueças dos meus filhos! Ah! Você é bom!... Mas onde você está? Venha que te quero abraçar!”.

“Eu bati no braço direito dele. Ele parou; pareceu acordar de um sonho e disse: “Ah! É você? O que eu disse?”.

“Contei-lhe sobre o ocorrido e as previsões feitas. Ele não se lembrava de nada, exceto que ele tinha que morrer. É notável que ele pareceu acordar três vezes quando se viu morrendo durante o cerco de Paris.

“Disse ao meu amigo:” Há quase quarenta e cinco minutos que o tenho seguido por estas avenidas... O que se passa no seu cérebro? Você profetizou

tantos eventos que, se apenas um quarto deles acontecesse, eu ficaria surpreso. Não entendo nada do que acontece”.

"Meu amigo Sonrel então se expressou literalmente nestes termos: "Meu caro amigo, é isso que acontece em mim. Quando estou em um estado mental absolutamente calmo, meu espírito é emancipado do corpo e voa alto no espaço. Então eu vejo... Mas para ver assim, eu percebo que é preciso ser muito sóbrio, muito honesto, muito justo, muito bom...".

"Então, continuamos a discutir o que ele havia predito. Depois observou: "Já que devo morrer durante o cerco de Paris, segundo o que eu mesmo disse, você poderá me chamar mais tarde, e eu estarei sempre à sua disposição".

Essa é a interessante profecia narrada pelo doutor Amedeo Tardieu e Cesare de Vesme, então diretor do **Annales des Sciences Psychiques**, teve uma entrevista com Joseph Montet, da Universidade de Paris, amigo do Doutor Tardieu, que declarou estar ciente da profecia exposta há mais de trinta anos. Vesme perguntou se o vidente não previra por acaso a ocupação de Berlim pelo exército francês; mas Montet respondeu: "Não, ele não disse nada disso." (Lembro-me que quando Cesare de Vesme formulou esta questão, foi em agosto de 1915; isto é, numa época em que a guerra ainda devia durar três anos). Esta resposta de Montet é teoricamente importante, pois é ainda útil para trazer à tona a correção das visões proféticas de Léon Sonrel, que indiretamente, mais precisamente sinalizou o tempo em que a segunda guerra deveria ter estourado, previu a vitória da França, ele viu soldados franceses nas províncias do Reno na Alemanha, mas, de acordo com o que estava para ser feito, ele não falou nada sobre a ocupação de Berlim.

E assim sendo, há que concordar que embora esta segunda profecia de Léon Sonrel se refira exclusivamente a acontecimentos de ordens gerais, estes são fundamentais e plenamente adequados para designar o que se pretendia transmitir. Com efeito, as quatro indicações acima referidas, complementares entre si, são, a rigor, as únicas realmente necessárias para fixar de forma historicamente exata os acontecimentos da grande guerra e suas consequências em relação à França. Se considerarmos tudo isso em conjunção com a outra circunstância muito importante de que essa profecia foi formulada **45 anos antes dos eventos**, e isso em conjunção com outra profecia menos distante no tempo, mas muito mais precisa e complexa; se você considerar tudo isso, parece-me que ninguém poderia ter a ideia de desafiar a origem genuinamente sobrenatural da profecia de Léon Sonrel.

Tendo dito isso, observo como é claro que na profecia em questão as visões gerais dos eventos foram percebidas pelo vidente, pois interferiram profundamente na existência do Dr. Tardieu e na do próprio vidente. Cesare de Vesme comenta sobre isso:

“Léon Sonrel não previu os acontecimentos políticos e militares de forma abstrata: ele profetizou ao seu amigo Tardieu: “Isso e aquilo vai acontecer com você”; e disse a si mesmo: "Serei promovido a oficial superior... morrerei em três dias...". Mas, como esses eventos privados estavam ligados a eventos de ordem geral, ele também os percebia, mas apenas na medida em que ele e seu amigo Tardieu estavam envolvidos. Isso quer dizer que Léon Sonrel não poderia ter previsto, em sua crise extática de 23 de julho de 1869, a guerra de 1870 se ele próprio e o Dr. Tardieu não tivessem que participar; e ele não poderia ter previsto a guerra de 1914 se o Dr. Tardieu tivesse morrido dois anos antes de estourar a guerra; ou, pelo menos, em tal caso, ele teria precisado de outra pessoa que tivesse que participar da guerra de alguma forma, servindo assim ao sensitivo como um "objeto psicometrizável".

As considerações expostas resultam sem dúvida, bem fundamentadas, exceto por sua entonação por demais absoluta, como se não pudesse haver profecias gerais independentes de qualquer pessoa em função de "objeto psicometrizável". Por outro lado, viu-se que os numerosos casos anteriores demonstram como isso acontece com relativa frequência. Passando a outra coisa, noto como na profecia de Léon Sonrel se repete o mesmo fato que já indiquei a respeito do caso anterior, no qual o vidente, depois de ter predito em termos gerais certos acontecimentos ainda distantes no tempo, voltaram aos próprios eventos nas sessões subsequentes, relatando de vez em quando informações cada vez mais precisas à medida que se aproximavam no tempo; e da mesma forma Léon Sonrel viu em detalhes os acontecimentos da primeira guerra porque os próprios acontecimentos dominavam iminentes à sua pátria, e tinha apenas uma visão genérica dos acontecimentos fundamentais que teriam caracterizado a segunda guerra, visto que esta ainda estava muito distante no tempo; exatamente como se houvesse uma certa afinidade entre a visão fisiológica no espaço e a visão paranormal no tempo.

É inútil, por enquanto, tentar penetrar neste mistério inescrutável. Contentamo-nos em observar como os métodos acima referidos para a manifestação cada vez mais precisa dos acontecimentos profetizados pela sua proximidade no tempo, assumem o valor de regra para a fenomenologia em

questão. Isso, entretanto, não significa que não haja exceções frequentes a essa regra; as quais não fazem nada além de tornar cada vez mais intrincado e inescrutável o mistério perturbador. Assim, por exemplo, viu-se que nas famosas profecias de Nostradamus, este último, à distância de três séculos, não só profetizou a grande guerra europeia, mas viu um bando de aviões muito alto no céu que lançou fogo e chamas nas cidades e nos exércitos inimigos; aviões que embarçavam o vidente, que não conseguia pensar neles como tais; então se referiu a eles comparando-os a um bando de falcões.

Concordemos: esse tipo de detalhes verídicos, enunciados três séculos depois, são mais do que suficientes para causar vertigem na mentalidade dos pensadores, já que a premonição, tão empurrada ao longo dos séculos, aproxima o atributo divino da onisciência.

Basta: consolemo-nos de nossa ignorância pensando que, uma vez que os fatos permanecem fatos mesmo que não cheguemos a compreendê-los, segue-se que o grande mistério da clarividência no futuro existe inquestionavelmente; e sendo assim, então, fica claro que apenas duas hipóteses podem ser formuladas para justificar a gênese dos fenômenos; hipóteses que são ambas legítimas, portanto, ambas aplicáveis aos eventos em questão, dependendo das circunstâncias.

Com base na primeira delas, e caso se deseje rejeitar a capacidade explicativa a extremos improváveis, deveria se presumir que os fenômenos precognitivos, mesmo aqueles de ordem geral ao longo dos séculos, trazem sua gênese no ego subconsciente integral dos sensitivos; no caso em que se deva convir que se no subconsciente humano existam faculdades paranormais quase divinas no estado latente, que não só não têm qualquer utilidade em relação à existência terrena, mas não paralisariam as atividades se tornassem normais; será preciso concordar, digo eu, como tudo isso significa que essas faculdades existem pré-formadas no subconsciente humano, visto que deverão ser exercidas normal e utilmente em outra fase da existência; o que equivale a reconhecer a sobrevivência do espírito humano após a morte do corpo.

Com base na segunda das hipóteses em questão, deve-se supor que as profecias de natureza exposta, bem como certas premonições pessoais envolvendo eventos acidentais, têm uma origem extrínseca ao sensitivo (o que, aliás, seria demonstrado por numerosos episódios do gênero), e são transmitidos de entidades elevadas de mortos, para fins múltiplos, incluindo o de induzir a humanidade a refletir sobre os destinos imortais que a aguardam;

caso em que conduziria igual e diretamente à demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano. Os antigos romanos diziam: *Si Divinatio est, Dii sunt.* (*Se a divinação existe, os Deuses também existem*). Precisamente assim. Lembremo-nos, portanto, que em ambos os casos, os fenômenos da clarividência no futuro, embora permaneçam imperscrutáveis a nossa mentalidade finita, têm a virtude de demonstrar à humanidade, de certa forma, com base nos fatos, que a alma existe, e sobrevive à morte do corpo.

E a indução que os fenômenos precognitivos em geral, longe de derivarem exclusivamente das faculdades paranormais inerentes ao subconsciente humano, tenham por vez a intervenção de entidades extrínsecas como causa frequente, é uma indução que não surge apenas do fato de que em numerosos episódios as precognições aparecem formuladas por entidades dos mortos as quais fornecem provas admiráveis de identificação pessoal, mas também é demonstrada com base na análise aprofundada de certas profecias, e acima tudo com base na análise de vários incidentes de premonição de morte acidental.

Agora, um episódio desta última natureza também é encontrado no caso considerado aqui; mas antes de relatá-lo e comentá-lo, será oportuno apontar como em meu livro sobre "Fenômenos Premonitórios" eu já havia reunido um bom número de casos de premonição de morte acidental em que sua origem extrínseca era evidente; e isso sobretudo porque neles se constatou que a vítima designada ia em direção a seu destino por silêncio ou expreso consentimento do agente sobrenatural, o qual se esquivava cuidadosamente de revelar aqueles particulares dos quais o interessado poderia usar para fugir do destino que o aguardava. Deve-se acrescentar que, nestas circunstâncias, também aponte que sempre que o agente sobrenatural foi questionado explicitamente sobre o assunto, ele não respondeu, ou o fez de forma evasiva, ou se expressou simbolicamente, de forma a não permitir que o verdadeiro significado transparece em suas palavras **até que o evento fosse realizado**; quase como se ele não quisesse, ou fosse inibido, revelar tudo o que ele evidentemente sabia.

Agora, uma vez que ninguém poderia inibir uma personalidade subconsciente e autônoma, de salvar da morte uma pessoa revelando o que sabia, e uma vez que nenhuma razão poderia ser atribuída para que uma personalidade subconsciente fosse voluntariamente induzida a se abster dela, conseguia em

modo evidente que em contingências de tal natureza **não poderiam tratar-se de personalidades integrais subconscientes.**

E, de fato, se considerarmos os casos em que o vidente prevê uma morte acidental iminente para si mesmo, como é possível conceber que sua personalidade subconsciente, embora possua os meios para salvar a parte consciente de si mesmo da morte, cuidadosamente os esconde? Ou combiná-los em símbolos incompreensíveis **até que o evento se complete**, com a intenção específica de deixá-la morrer e de se deixar morrer? Para um subconsciente autônomo, destinado a se extinguir com a morte do corpo, tal procedimento pareceria algo além de qualquer crença absurda e louca; e se apesar de tudo, o fenômeno ocorre, então deve-se inferir que tais reticências, que são irreconciliáveis com a existência corporificada da personalidade humana, não apenas denotam a intervenção de entidades extrínsecas ao sensitivo, mas também comprovam como tudo isso acontece em vista de **uma finalidade ultraterrena.** Isso nos leva de volta à hipótese espiritualista; isto é, a demonstração - com o auxílio dos fenômenos paranormais - da sobrevivência do espírito humano considerada cumulativamente a partir de dois pontos de vista aparentemente opostos, mas que resultam na verdade complementar um do outro: o Anímico e o Espírita; também nos leva de volta à concepção inevitável de uma fatalidade que anula os destinos humanos.

Posto isto, para esclarecer o assunto, volto ao caso em questão para realçar o incidente premonitório ao qual se alude, o qual se assemelha a tantos outros por mim contados no livro indicado; e é o acidente no qual o sensitivo prediz sua própria morte. Nele observamos duas circunstâncias muito sugestivas no sentido aqui considerado: uma, que no momento em que o sensitivo predisse a iminência de sua própria morte, e somente neste preciso momento, ele desperta (ou melhor, **foi despertado**), como se quisesse que conhecesse o destino que o esperava, a fim de prepará-lo para o grande passo; a outra, que ao mesmo tempo escondia a enfermidade que deveria levá-lo à sepultura. A esse respeito, deve-se notar que, no mesmo instante do despertar fugaz, o vidente se pergunta: “Estou morrendo; sim eu morro; mas de que mal estou morrendo? ». O que mostra o quanto ele desejava saber; mesmo que seu desejo não tenha sido realizado ... Por quê?

Querendo responder à questão formidável, é útil antes de tudo considerar como tudo contribui para a presunção de que se a causa atuante foi tão bem informada a esse respeito a ponto de saber de antemão que a morte do vidente

deve ocorrer em três dias, então esta causa inteligente também deve saber que tipo de enfermidade teria causado sua morte; e sendo assim, não se pode deixar de inferir que se a causa em questão tivesse revelado o que ele sabia, o vidente poderia ter se protegido do contágio, da "varíola negra" serpenteando nas vizinhanças que habitava.

Nestes termos, a questão em consideração deve ser respondida observando como, mesmo no caso de Lèon Sonrel, o agente transmissor de visões premonitórias, deliberadamente guardou silêncio sobre o particular da enfermidade que iria atingi-lo, e isso com a clara intenção de não para impedir o cumprimento de seu destino na terra. Segue-se que a causa determinante inteligente do episódio exposto não era e não poderia ser a personalidade subconsciente integral de Lèon Sonrel.

Em apoio a tais conclusões, será oportuno citar o caso LV do meu livro sobre "Fenômenos Premonitórios", em que o famoso jornalista e escritor inglês William Stead, fala de uma mensagem psicografada por ele obtida por meio de sua mediunidade, na qual ele informou que a secretária de seu escritório teria uma morte violenta antes do Natal. E, conseqüentemente, no mês de dezembro, a jovem designada adoeceu repentinamente e, em um ataque de delírio febril, atirou-se de cabeça para fora da janela, morrendo instantaneamente.

Nesta circunstância, comentei o seguinte:

«O guia espiritual "**Giulia** havia dito:" E. M. não virá entre nós por causa de **morte natural**"; daí decorre com isso que, além de estar ciente da morte iminente da jovem em questão, foi plenamente informado sobre o tipo trágico de morte que a esperava; circunstância que oferece material para sérias reflexões, pois se verifica que, se Giulia tivesse confidenciado o fato a Stead, isso poderia certamente salvar a enferma da morte, por tê-la supervisionada. A pergunta surge então espontaneamente: "Por que **Giulia** não fez isso? Por que, podendo fazê-lo, não quis proferir uma palavra para salvar uma pessoa da morte?". Este é o mistério perturbador; e apenas uma explicação o ajudaria a diluí-lo: "**Giulia** era proibida de fazê-lo, pois um espírito não podia impedir o curso dos destinos humanos". E aqui estamos mergulhados em plena hipótese "fatalista"».

Para abreviar, me abstenho de citar outros exemplos, embora o assunto muito importante o exigisse.

Concluindo: assim como o incidente de Léon Sonrel resulta análogo ao anterior, parece-me que não deve haver dúvida de que envolve a mesma

explicação; quer dizer que em tal circunstância, como nas demais, se deve referir a uma intervenção extrínseca, em que a entidade comunicante se absteve de revelar à vítima a natureza da sua morte, com o evidente propósito de não obstar ao cumprimento de seu destino no trânsito da existência encarnada.

* * *

CASO XVIII – Nesse segundo episódio do tipo aqui considerado, fica evidente o fato de uma premonição de eventos de ordem geral estar estritamente limitada aos detalhes que deverão repercutir-se diretamente em relação ao consulente. No entanto, a vidente menciona explicitamente a eclosão de uma guerra; vale a pena dizer que ela demonstra de ainda possuir pleno conhecimento de um evento de ordem geral que deverá interferir na vida do consulente.

O caso se refere à primeira guerra dos Balcãs, a qual geraria a grande guerra europeia. Foi publicado na **Light** (1914, p. 466), pelo conde Chedo Mijatovich, que, como já referido anteriormente, é uma alta personalidade política e literária do reino da Sérvia.

Ele foi ministro das finanças, depois ministro das Relações Exteriores do governo de seu país e, em seguida, ministro plenipotenciário da Sérvia em Londres. Além disso, é conhecido como historiador, romancista e amante das investigações metapsíquicas, nas quais dirigiu especialmente suas pesquisas sobre fenômenos premonitórios. Ele escreve:

“No ano de 1910 recebi uma carta de um jovem tenente do exército sérvio. Nela ele me confidenciou que estava perdidamente apaixonado por uma jovem que retribuía com igual afeto; mas que, infelizmente, entre sua própria família e a da jovem, havia uma profunda inimizade de longa data, para a qual ambas as famílias se recusaram terminantemente a conceder o consentimento para o casamento. Esse estado de coisas parecia irreparável, e os amantes cogitaram dar um passo desesperado, pois se não pudessem viver juntos como marido e mulher, poderiam morrer juntos como amantes fiéis. Em tais circunstâncias críticas, um amigo aconselhou o jovem tenente a escrever para mim, que estava residindo em Londres, pedindo-me para consultar um vidente sobre o assunto, a quem a pergunta deveria ter sido dirigida: "Não existe mesmo alguma esperança futura para o amor deles? ".

“Claro, a carta do tenente foi escrita na língua sérvia. Enviei-o para a vidente Sra. Julia Burchell, de Bradford, convidando-a a analisá-la psicometricamente a fim de, possivelmente, obter alguma visão sobre o autor da carta. Depois de alguns dias, recebi a seguinte resposta:

« “1º Vejo que quem escreve a carta é um jovem oficial, o amante recíproco de uma graciosa jovem. Mas eles estão infelizes, porque existem obstáculos que parecem intransponíveis, que impedem a união deles. Apesar de tudo, eu vejo, imprevisivelmente, as nuvens se dissiparem no céu do amor deles, e um sol radiante brilhar sobre um casal de jovens esposos devidamente unidos em casamento, que viverão juntos dias felizes.

« “2º Se apresenta uma segunda visão, na qual vejo o jovem oficial em marcha à frente de uma companhia de soldados. A guerra estourou em seu país.

« “3º Me aparece uma terceira visão. O jovem oficial está na orla marítima, vigiando o embarque de um regimento de soldados em um grande navio a vapor.

« “4º Agora vejo o jovem oficial à frente da sua própria companhia. Marcha para atacar uma fortaleza inimiga. Eu vejo os homens ao seu redor caírem em grande número mortos ou feridos, mas o jovem oficial sempre permanece de pé. Ele vai sair da prova sem ser ferido”.

'Mande imediatamente a carta da Sra. Burchell em inglês ao jovem oficial, com a tradução de seu conteúdo para a língua sérvia; expressando a esperança de que a primeira visão de um casal feliz, devidamente unidos em casamento, se tornasse realidade o mais rápido possível. Quanto às outras visões, expressei a dúvida de que houvesse interferência subconsciente. Na verdade, não havia a menor possibilidade de que uma guerra eclodisse na região dos Bálcãs, nem naquela época, nem no futuro. E, quanto ao litoral, infelizmente a Sérvia fica muito longe do mar!

“Tudo isso, como eu disse, aconteceu em 1910. Já em junho deste ano (1914), fui passar algumas semanas em Belgrado. Certa manhã, o criado entregou-me um cartão de visita do major Jeremiah Stanoyevich, que desejava falar comigo. Não me lembrava absolutamente de tê-lo conhecido; mas isso não implicava em nada, e eu o recebi. Vi entrar um oficial enérgico e brilhante que, após as habituais formalidades introdutórias, disse: "Senti que era meu dever vir pessoalmente e agradecer a gentileza que me dispensou há cerca de quatro anos, quando salvou a mim e minha noiva em desespero, enviando-me a mensagem encorajadora de sua amiga clarividente, Sra. Burchell. Assim como

senti que era meu dever vir e fazer jus ao maravilhoso poder da senhora mencionada, cujas visões de mim se concretizaram em cada detalhe. Na verdade, casei-me com a pessoa que amava e ambos somos felizes. Como vimos, a guerra que ela profetizou realmente estourou (1912-1913). Tive de marchar à frente do meu batalhão de Uskub para o interior da Albânia. Uma vez em Durrës, fui encarregado de supervisionar o embarque de um regimento de soldados em um grande navio a vapor. Então, meu regimento recebeu a ordem de marchar para atacar as posições fortificadas de Briditsa, um dos fortes em Shkodra. À frente do meu batalhão, lancei um ataque, subindo a colina correndo, enquanto muitos dos meus homens caíam mortos ou feridos ao meu redor. Naquele momento, a quarta visão da Sra. Burchell surgiu em minha mente e, como as visões anteriores foram maravilhosamente realizadas, disse a mim mesmo: Você não corre perigo. A Sra. Burchell disse que você sobreviverá sem ferimentos. E eu sempre fiquei de pé para desafiar o fogo infernal dos turcos, deixando a prova absolutamente ileso, como vocês podem ver!”.

“O Major Stanoyevich desejava especialmente que eu informasse a Sra. Burchell sobre isso e, juntos, transmitisse seus sinceros agradecimentos, juntamente com sua grande admiração. Ao mesmo tempo, ele me permitiu publicar os fatos, inclusive seu nome.

“Poucos dias depois, o príncipe herdeiro da Sérvia, então regente no lugar de seu pai enfermo, me convidou para um café da manhã no palácio.

“Eu me vi cercado por uma multidão de oficiais graduados do exército e dignitários da igreja. Um coronel perguntou-me se era mesmo verdade que uma vidente inglesa previra, quatro anos antes, os acontecimentos na vida do major Stanoyevich, que se concretizaram. Eu respondi afirmativamente, contando-lhe toda a história como agora relato nesta carta.

“O príncipe herdeiro ficou tão impressionado que imediatamente mandou um mensageiro procurar o major Stanoyevich, para conduzi-lo ao palácio. O major foi localizado e levado ao palácio, onde não apenas confirmou todas as informações que eu relatei, mas mostrou ao príncipe herdeiro a carta em inglês da Sra. Burchell, com minha tradução literal combinada para o sérvio”.

O caso apresentado é, em primeiro lugar, muito importante pela sua documentação irrepreensível, pois a vidente, em vez de descrever oralmente as visões que se manifestaram, as transcreveu numa carta enviada ao conde Mijatovich, carta que foi preservada. Além disso, o atual rei da Iugoslávia está entre as testemunhas dos acontecimentos.

O caso parece nitidamente psicométrico. Na verdade, o consulente não estava presente, e a sensitiva entrou em "relação psíquica" com ele, ou melhor, com seu subconsciente, por meio de uma de suas cartas.

Do ponto de vista do tema aqui tratado, que é o das profecias sobre a grande guerra, o caso já aparece bem menos detalhado que o anterior, visto que a médium fala antes de uma guerra iminente no país do consulente, mas no que diz respeito ao desdobramento do mesmo, ele percebe apenas três incidentes menores, dos quais o consulente deve ter sido o protagonista.

Do ponto de vista paranormal em sentido genérico, o caso é sem dúvida interessante, já que a sensitiva passou a designar de maneira maravilhosamente verídica os eventos essenciais que deveriam caracterizar um período crítico da existência do consultor.

Em meu livro sobre "Fenômenos Premonitórios", tentei, dentro dos limites das possibilidades humanas, de alguma forma interpenetrar a gênese de tais manifestações perturbadoras, e voltarei brevemente ao assunto no capítulo final desta obra. Discutir isso agora me levaria muito longe de enumerar os fatos.

* * *

CASO XIX – O caso a seguir ainda pode ser classificado entre aqueles em que a grande guerra foi profetizada, embora marque o limite extremo, além do qual estão os episódios em que o vidente descreve os acontecimentos na vida do consulente causados pela guerra, ignorando a guerra.

Foi comunicado ao Dr. Gustavo Geley pelo repórter, protagonista dos fatos, e confirmado pelo depoimento escrito de um amigo seu, que compareceu à consulta com o vidente. O Dr. Geley publicou o episódio na edição de setembro-outubro de 1923 da **Revue Métapsychique** (págs. 321-326). O relator-protagonista Emanuel Malyhski, de nacionalidade polonesa, relata o seguinte:

«Em 1909, encontrando-me à Paris, fui à famosa vidente Sra. Fraya, de quem eu tinha ouvido falar. Fui movido por um puro sentimento de curiosidade, já que meu ceticismo sobre o assunto era absoluto. Além disso, eu ignorava tudo a respeito da metapsíquica; não tinha inclinação para o misticismo, nem qualquer atração pelo mistério.

Jovem, rico, independente, confesso sinceramente que só pensava em curtir a vida. Naquela época, eu tinha relações galantes com uma notável artista dramática. Na noite anterior, tive uma pequena briga com ela, e ainda me sentia

preocupado; então me perguntei curiosamente se a Sra. Fraya teria lido essa preocupação em minha mente...

A Sra. Fraya, com a ajuda da lente, examinou sucessivamente as minhas mãos; então me olhou nos olhos e falou:

"(Gostaria de declarar que estava na companhia de um amigo, o Sr. Studzinski, que gentilmente quis acrescentar o seu testemunho ao meu).

"Estas são as palavras precisas da vidente:

"Sua mão parece extremamente interessante. Você é dotado de uma sensibilidade amorosa viva. Um grande romance de amor espera por você... Talvez já tenha começado!"

"Claro que pensei imediatamente na atriz dramática acima mencionada. O vidente continuou:

" Este amor produzirá uma impressão tão profunda em sua alma que sua existência mudará radicalmente. Atualmente, você está levando uma vida de prazer e, em vez disso, ficará concentrado, silencioso, solitário, romântico! Você é irreligioso, materialista, um pouco cínico e se tornará religioso! Você vai rezar para que os obstáculos que o separam da mulher adorada sejam removidos! "

"Essas previsões me surpreenderam e me divertiram ao mesmo tempo, já que minha paixão pela atriz não era tão séria. Eu perguntei:

"Seriam, talvez, obstáculos colocados pela minha família?"

"Não", respondeu a Sra. Fraya, "do lado da família dela." O seu desejo mais ardente seria de esposá-la, e a oposição virá da família dela".

"Eu observei: "Se sim, então não pode ser Sra. X (a atriz) "

"Não; é uma senhora do grande mundo de alta classe social".

"Com essas palavras, vasculhei minhas memórias, parando com meus pensamentos sobre uma concidadã minha, uma jovem da melhor sociedade, por quem eu senti um grande apego na minha juventude. Eu a descrevi breve e discretamente para Sra. Fraya, perguntando: "É talvez esta jovem?"

"Não, não, "ela respondeu brilhantemente," a jovem de quem você fala nunca a verá novamente. Oh! a pobre menina! Eu a vejo loira, linda, gentil... Que destino trágico a aguarda! Ela nunca vai se casar... eu a vejo perecendo uma morte violenta, particularmente horrível, como **uma** mártir... A mulher do vosso destino que, pelo que parece, vocês ainda não se conheceram, é uma estrangeira de um nível social muito elevado, muito superior ao seu."

"E neste ponto a Sra. Fraya descreveu meticulosamente a mulher do meu destino, tanto física quanto moralmente; também me informando de sua

posição social e sua nacionalidade; adicionando com incrível precisão alguns detalhes íntimos, que me é impossível relacionar. Infelizmente, tudo acabou sendo incrivelmente verdadeiro!

"Sra. Fraya continuou: "Você a encontrará por acaso. Imediatamente, e sem ter falado com ela, você sentirá que é ela. Você a seguirá por estradas distantes. Você renunciará a todos os hábitos de sua existência por ela. Pedirá à Providência a oportunidade de realizar alguma proeza, na esperança de superar assim os obstáculos que se colocam entre ela e você, conquistando-a por seu amor. O tempo passará, o obstáculo permanecerá e não haverá oportunidades para vocês realizarem o que anseiam. Você continuará sendo muito infeliz; nada lhe interessará na vida, apesar da sua sorte, e você não buscará mais a companhia de outras mulheres.

"Então estourará algo como uma grande guerra, da qual participará a nação desta mulher. Naquele momento você se encontrará na pátria dela, que não é a sua pátria. Você se juntará ao exército desta nação, movido pela esperança de realizar algo notável. Mas você não terá sucesso!

"Agora vejo-te longe da mulher amada. Poderia supor que você está arruinado e sem um tostão. No entanto, você não perdeu sua fortuna, pois mais tarde te vejo tão rico como antes, da mesma forma que antes. Você saiu de um passo ruim e se encontrou em sua terra natal, dono de seus domínios.

"Mas aqui algo se assemelha a outra guerra, ou melhor, uma revolução, é desencadeada, pois vejo multidões indisciplinadas e desordenadas. Sua vida estará em perigo de todos os tipos. Você vai fugir às pressas com a família, levando tudo o que vocês puderem. Vocês conseguirão se salvar; entretanto, por motivos que não percebo bem, mas que considero de natureza material, você ficará muito tempo separado da mulher que ama, sem ter notícias de nada.

"Durante este período, a existência desta mulher mudará radicalmente. Até aquele dia, um obstáculo convencional se interpôs entre ela e você; agora surgirá um obstáculo real e intransponível".

"Eu perguntei a Sra. Fraya, que especificaria a natureza desse obstáculo: Casamento? Doença? Entrada para o mosteiro? Sra. Fraya apenas acrescentou que algo aconteceria que me faria perder todas as esperanças, deixando-me em desespero. Então ela murmurou:

"Coisa estranha! Quando você nutria esperança e confiança, não tinha chance de sucesso. Somente quando você perdeu toda a esperança; quando você não

ver mais a mulher dos seus pensamentos, e nem mesmo saber onde ela está, uma mudança ocorrerá na mente dela a seu favor”.

«Eu perguntei: 'Mas porque é que não a tornarei a ver?'

" Porque, disse Sra. Fraya, “ela fará algo que o deixará tão triste que você nunca mais vai querer vê-la novamente. Vejo você cada vez mais sentido e desanimado por esse e outros motivos. Os anos passam, você sente que está envelhecendo e não pensa mais em se casar; quando de repente você topa com ela e, inesperadamente, tudo se acalma. Este será o dia do seu triunfo em todos os aspectos, e você sairá dele rejuvenescido. Um pouco mais tarde, vejo você casado e tenho quase certeza de que é ela; mas também pode ser que seja outra. Não consigo ver com clareza, mas acho que seria muito estranho que no dia seguinte de um longo período passado sob a influência dela, você possa imediatamente se casar com outra. Mais tarde você será pai de dois ou três filhos.

"No meio tempo, antes do dia decisivo, você terá escrito obras de ordem político-social. Vejo a política europeia em um estado inextricavelmente confusa, de não saber como sair dela; e será você quem escreverá ou dirá o que precisa ser feito. Você será ouvido e se tornará famoso; mas não imediatamente, porque quando você publicar seus livros, eles não terão nenhum sucesso. Será quando você mesmo não acreditar mais no sucesso deles, que a feliz surpresa vai acontecer com você, e que o mundo vai falar de você.... Você é oficial, não é?”.

"Não; garanto que nunca fui”.

"Bem, então é certo que se vai se tornar um.

Mas me escute. Não será a guerra que vos dará notoriedade, mas a liquidação da guerra ...”.

"Perguntei de novo quanto tempo duraria essa longa sucessão de aventuras que pairavam sobre mim, mas recebi apenas respostas vagas, das quais tive a impressão de um período bastante breve: um ano, ou dois no máximo.

“Esta é a profecia. Saindo do gabinete da Sra. Fraya estava absolutamente convencido de ter escutado um monte de besteiras sem pé nem cabeça. Imagina: a guerra, minha participação na guerra em um país estrangeiro; um romance de amor com uma mulher de alto status social; minha conversão religiosa; dos livros que teria escrito sobre questões políticas e sociais, justo eu que só pensava em aproveitar a vida. Minha ruína financeira, mas apenas temporária; a fuga apressada de meus domínios, em face da invasão de gangues

armadas; o trágico fim da loira que amei na juventude, que teria morrido como mártir (em pleno século XX); tudo isso se apresentava com tais características de absurdo e, pior ainda, de improbabilidade desconexa, que caía no ridículo. Por isso, fiquei surpreso que uma vidente profissional pudesse demonstrar tamanha falta de critério prático que ela não se preocupou em prever eventos que pelo menos pareciam verossimilhantes, e imperturbável organizou aventuras errantes, verdadeiros contos de fadas para crianças.

"Bem: quem diria isso! Essas previsões, com sua aparência desconexa e absurda, foram realizadas em sua maior parte, e isso de uma maneira maravilhosamente precisa!

"Em 1912, conheci por coincidência, em uma mulher que exerceu em mim um tal encanto de beleza, como nunca havia me ocorrido antes. E essa mulher, do lado físico, como do lado moral, pela sua nacionalidade, sua posição social e todos os outros detalhes, concordava exatamente com a descrição que Sra. Fraya me havia feito dela... E de acordo com o que a vidente havia previsto, pouco depois ela partiu para a América, onde a segui. A rigor, pode-se objetar que me apaixonei por aquela mulher em virtude da sugestão de que a predição de Sra. Fraya havia exercido sobre mim, e que isso aconteceu assim que conheci uma mulher correspondente à sua descrição.

«Observo a este respeito, como em todo o caso, esta sugestão não poderia ter feito aquela que eu amava viajar e para terras longínquas, onde tive de permanecer sob a sua influência», como Sra. Fraya previra. Aterrissado ali, tentei fazer algo notável para forçar sua admiração. A aviação, então em seu período heroico, me pareceu propícia para esse fim, e comecei a fazer aviação; mas não consegui realizar proezas sensacionais.

"E aí vem a guerra. Embora nunca tivesse servido no exército e permanecesse totalmente livre a esse respeito, de acordo com as leis de meu país, alistei-me como voluntário. Usei o uniforme, me tornei um oficial; não, porém, correspondente a minha pátria, mas na frente da pátria da mulher que amo. Fiquei sem notícias de minha mãe e de minha propriedade por alguns anos. Depois da revolução bolchevique, eu nem sabia mais se meus pais ainda viviam, e se eu seria capaz de retomar a minha propriedade. Encontrei-me sem meios de subsistência durante alguns anos e numa situação absolutamente precária. Quando a guerra europeia terminou, voltei ao meu país, onde a guerra local continuou. Voltei para minhas terras, que não sofreram muito; porém, depois de alguns meses, estourou a ofensiva bolchevique de 1920 contra a Polônia. Fui

obrigado a fugir às pressas, junto com minha família, levando comigo tudo o que pudesse ser trazido de carro pela floresta, quase sob o fogo das metralhadoras; já que as ferrovias, em completa desorganização, não funcionavam.

"Pouco tempo depois, recebi a notícia de que a bela e gentil garota amada por mim na minha juventude, que tinha sido o objeto da sinistra predição da vidente, tinha morrido uma morte violenta, de uma forma particularmente horrível, **como uma verdadeira mártir**, como ela foi predito!

"Minhas terras foram devastadas; a desordem e a anarquia reinavam de maneira especialmente severa na província onde eu residia. Continuei a ser nominalmente rico, mas minha renda foi reduzida ao mínimo e, com a desvalorização do "marco" polonês, fiquei pobre; fui morar no exterior e fui literalmente reduzido a levar uma existência de sacrifícios no país da mulher que amo. Foi então que de repente descobri como a garota que eu amava havia se casado com um homem com uma condição inferior à dela, e não superior à minha. O que produziu em mim cólera e enorme exasperação.

"Nunca mais a vi e comecei a escrever livros políticos, nos quais propunha uma solução para os problemas europeus tal como foram criados pela guerra. Também escrevi uma obra em que narrei de forma impessoal e discreta minhas peripécias no amor e o estado de espírito em que me encontrava. Por enquanto, nunca havia publicado ou escrito nada e não me acreditava capaz de fazê-lo. Além disso, nunca me interessei por problemas políticos, econômicos e sociais, como podem atestar todos aqueles que me conheceram desde a infância, e absolutamente não sei como a ideia de escrever pode ter surgido em mim. Quando comecei meu primeiro livro, não tinha outra intenção senão escrever um artigo para um jornal. Então, descobrindo que o artigo havia ficado muito longo, pensei em publicá-lo em um livreto. Finalmente, o panfleto tornou-se um grande volume; portanto, em vários volumes. Mesmo nessas circunstâncias, pode-se objetar a mim que tudo isso foi um trabalho de sugestão. Não sei, mas mesmo que fosse esse o caso, é claro que a maioria das outras previsões verdadeiras não dependeriam de mim, a começar pelo encontro casual com a mulher do meu destino e as viagens que se seguiram, para depois ir para a guerra, para a revolução, para a fuga, para o uniforme militar que usei, para a trágica morte da garota loira e amável, para o fato de que eu realmente me encontrei sem dinheiro e sem recursos, sem por isso estar arruinado; e

chegando até ao obstáculo intransponível do ocorrido casamento, e aos numerosos detalhes íntimos que não posso relatar.

“Até o dia em que escrevo, meus livros não tiveram sucesso, como a vidente previra. Quanto à minha situação material, vai melhorando dia a dia, e é nesse ponto que me encontro. Apesar da concordância de muitas previsões com os eventos que se seguiram, continuo cético quanto ao resto.

«Na verdade, depois disso, e à medida que as previsões se cumpriam, fui várias vezes, a longos intervalos, à mesma cartomante, que já não me dizia nada além de banal ou errôneo. Quando, por exemplo, soube que a protagonista das minhas previsões estava noiva de outro Sra. Fraya afirmou veementemente que ela não se casaria e que isso nada mais era do que um teste ao qual ela estava submetendo a minha fidelidade. Em seguida, acrescentou: “Será como se ela fosse casada; todos assim pensarão, mas na realidade não será assim, e um dia você ficará surpreso ao saber a verdade; e será ela mesma quem o aprenderá”. Agora, tudo isso é impossível, pelo bom motivo de que ela é realmente casada e mãe de um filho. Quanto a mim, permaneci solteiro. Portanto, é muito provável que a parte das previsões que ainda foram realizadas não se realizem jamais. Mas isso não significa que a grande maioria dos eventos que me foram previstos tenham ocorrido de forma maravilhosa, apesar da flagrante improbabilidade dos mesmos. Repito que em 1909, nada existia em meu pensamento consciente que tivesse a mais distante relação com as previsões feitas; nada que nos deixasse suspeitar dos acontecimentos futuros da minha vida». (Assinado: **EMANUEL MALYNSKI**).

«Testemunho: Eu, abaixo assinado, tendo testemunhado o desenrolar da predição de que Sra. Fraya em face ao meu amigo Emmanuel Malynski, em 1909, em Paris, certifico que a narração que fez ao doutor Gustavo Geley em setembro de 1923, em Varsóvia, é escrupulosamente correta, sem sombra de exagero”. (Assinado: **JEAN STUDZINSKI** - Rue Szpitalna, Varsóvia).

Este é o caso muito movimentado e interessante coletado e publicado pelo Dr. Gustavo Geley. Como já indiquei, do ponto de vista aqui considerado, ele se enquadra legitimamente na classificação atual, pois a vidente aludiu à Grande Guerra, à Revolução Russa e à guerra da Rússia bolchevique contra a Polônia, embora a ela fizesse alusão somente nos limites em que os acontecimentos de ordem gerais deveriam interferir na existência do consulente.

Do ponto de vista genericamente paranormal, o caso parece muito notável. Entre os detalhes mais interessantes, destaco a previsão a respeito da "bela e

amável jovem, destinada a perecer uma morte violenta, de uma forma horrível, como uma mártir". E tal incidente parece teoricamente importante, pois a médium indiretamente percebeu o futuro da jovem por meio do consulente, que naquele momento estava pensando nela. Isso pressupõe um potencial de interpenetração no futuro, que parece tão prodigioso e inconcebível a ponto de confundir a mente; mas os fatos permanecem fatos, apesar de nossa impotência para explicá-los e apesar dos problemas perturbadores de ordem filosófico-moral que eles implicam.

Deste último ponto de vista, é de fato notado que com base nos episódios parapsíquicos lamentavelmente trágicos como o que foi exposto, seria levado a concluir que se a infeliz jovem estava destinada a morrer como mártir pelas hordas de bolcheviques, e se o fato havia sido previsto vários anos antes, então tudo contribui para a presunção de que o evento foi fatalmente predeterminado e, conseqüentemente, que a Mão do Destino pesa de forma implacavelmente cega sobre a humanidade, sacrificando os inocentes e exaltando os culpados. É o que parece de fato, mas a experiência ensina que as aparências quase sempre enganam e que a realidade que se esconde por trás das aparências é sempre diametralmente oposta às próprias aparências. Segue-se que o critério da razão, apoiado nisso pela intuição, se sente induzido a explicar o mistério perturbador, recorrendo à antiga doutrina oriental sobre a palingênese do espírito, e sua elevação muito lenta através do processo de encarnações ascendentes em organismos vivos, com todas as conseqüências psicológicas biológicas que dela derivam; que implicaria a existência de uma "sanção natural", que seria identificada com a lei física de causas e efeitos; sanção envolvendo a influência matemática de uma existência sobre outra; ou melhor, a soma de todas as existências passadas, por último; e isso necessariamente, mas sempre e da evolução espiritual posterior dos indivíduos; por isso deve ser dito com os filósofos orientais que "o mal é o bem que nós não conhecemos".

Passando a discutir os temas mais acessíveis à nossa mentalidade, observo como no presente caso se realçam várias afirmações falsas, em meio a uma admirável série de afirmações verídicas. Em compensação, no caso em si também há a possibilidade de indicar o momento em que tais revelações genuinamente paranormais são subitamente dominadas por um influxo de detalhes fantásticos e contraditórios que emergiram intempestivamente do subconsciente do vidente, e isso para uma fácil causa concebível. Na verdade,

nota-se que a vidente já havia contado toda a verdade sobre a infeliz solução do "romance de amor" do consulente quando ela previu:

"Ai de mim! O tempo passará, o obstáculo permanecerá e não existirão oportunidades para você fazer o que anseia.... Até aquele dia, vai existir um obstáculo de ordem convencional entre vocês; depois surgirá um obstáculo real e intransponível.... Vai acontecer algo que te fará perder toda a esperança... e que vai te aborrecer tanto ao ponto de não desejar mais vê-la...».

Agora está claro que com tais afirmações ao fato de que a vidente aludiu claramente ao infeliz fim do "romance de amor" do consultor, como de fato tinha que acontecer. Como se encontrava em condições de vigília, e por isso, ciente do que estava dizendo, era provavelmente triste pelo fato de que suas previsões tirassem toda esperança do consulente, aconteceu que de seu sentimento piedoso veio a perturbar nela as condições de passividade mental indispensáveis à exteriorização das faculdades sobrenaturais subconscientes, abrindo caminho para uma onda de visualizações falsas, de origem auto sugestiva, às quais, conforme os desejos da vidente, simbolizavam uma solução repentina e feliz do "romance de amor".

* * *

Nesse ponto, termina o elenco dos casos das profecias verdadeiras e propriamente relativas à Primeira Grande Guerra Mundial.

Me limito a mencionar brevemente a categoria teoricamente importante e altamente sugestiva dos episódios afins, aos quais os videntes descrevem os eventos em que se encontrariam os seus consulentes nas causas de guerra, ignorando a guerra.

Por se tratarem de episódios que resultam indiretamente ligados ao tema aqui considerado, me limitarei a referir poucos exemplos resumidos.

* * *

CASO XX – O Dr. Eugène Osty, referindo-se às suas próprias experiências pessoais, observa:

“Em maio de 1912, a visionária Loni-Feignez, pensando em descrever minhas ocupações atuais, expressou-se assim:

« “Você mora em uma cidade localizada no centro da França. Vejo sua casa, que fica em uma pracinha.... Mas não é lá que as suas ocupações são

desenvolvidas... Você trabalha em um prédio grande, onde tem seu banheiro particular. Lá você manipula um grande número de folhas de papel... Quantas folhas de papel você manuseia! Eles continuamente os trazem para você de outro gabinete ao lado do seu, onde existem vários funcionários que escrevem.... É um incessante ir e vir entre o gabinete deles e o seu.... Você examina os papéis que eles lhe dão e em seguida, os devolve para aqueles que te deram... Até de fora vêm gente que te entregam os papéis deles. Você os submete a um exame apurado, escreve algo neles, e os devolve. Quantas folhas de papel você manuseia!...". Assim disse a vidente. Bem, esse tipo de ocupação não tinha nenhuma conexão com minha vida na época, até que, a partir de agosto de 1914, passou a ser um dos aspectos da vida cotidiana que conduzi por dois anos na qualidade de médico-chefe do hospital, além de agente sanitário local, imerso em documentos administrativos.

“Lacunas interessantes podem ser observadas nessa previsão, pois comprovam que o sujeito não tinha de fato percebido diretamente um episódio da minha existência futura, como se ele dispusesse de uma intuição paranormal funcionando fora do tempo; o que é evidente em base às considerações de que, neste caso, ele teria percebido as características essenciais da situação apresentada; ou seja, que eu estava vestido de uniforme militar e tratava dos feridos”.

Esta última consideração do doutor Osty é teoricamente importante, e emerge tão claramente da investigação dos fatos, que eu também a havia formulado anteriormente. Vale a pena ressaltar que, com base na análise comparada dos fatos, fica demonstrado que as visualizações em geral dos clarividentes não representam respectivamente nem a visualização de uma situação real no presente, nem a visualização direta de uma situação "astral" no passado, nem a visualização de uma situação "astral" no futuro; antes, consistem em representações puramente simbólicas, das quais se utiliza o Eu integral subconsciente, ou uma entidade espiritual extrínseca, a fim de transmitir ao vidente uma determinada informação ou uma determinada mensagem. Segue-se que na circunstância das premonições, mesmo quando as visualizações dos videntes representam fotograficamente uma situação que se realizará no futuro, isso não significa de forma alguma que o vidente tenha tido **uma visão direta da situação em questão, uma situação que já amadureceu antecipadamente no "plano astral"**, como afirmam os teósofos. Na realidade, a situação futura visualizada pelo sensitivo ainda não existe em

lugar nenhum, mas o Eu integral subconsciente, ou uma entidade espiritual extrínseca, podem ter tido a premonição dela e, conseqüentemente, projetar simbolicamente sua representação ao sensitivo.

* * *

CASO XXI – Retiro da obra acima mencionada pelo Dr. Osty (p. 289), este outro episódio:

«Em maio de 1914, o Conde R. de P., de 31 anos, durante uma sessão de metagnomia com a Srta. De Berly, obteve a seguinte previsão: “... Estou preocupado com você. Tenha cuidado, porque te vejo em perigo de morte... Vejo que disparam contra ti com armas de fogo..., mas você não tem nada a temer...”.

"Em junho de 1914, a mesma vidente, falando sobre o casamento planejado desse mesmo consulente, disse-lhe assim:" Você não vai se casar com esta jovem... Vejo você virando-lhe as costas... Além disso, algo acontecerá que vos afastará... Vejo que você está usando um uniforme... Às vezes te vejo a cavalo, dando ordens aos homens que cavavam túneis... Nossa! Que túneis cumpridos!... Quanta terra esses homens removem! Mas como é suja a terra que eles tiram, e quanto, quanto eles cavam!... Somente depois de vestir esse uniforme e terminar o trabalho de que estou falando, você vai se casar..., mas isso não acontecerá até que você tenha completado 35 anos.... Vais casar com uma jovem de cabelos castanhos, cabelos penteados lisos e na cabeça um chapuzinho preto. E ela vai ter sangue estrangeiro nas veias...”.

“O conde De P., que deveria passar o mês de agosto com a família de sua noiva - uma jovem loira de sangue francês - foi mobilizado assim que foi deflagrada a guerra. Na posição de tenente local, mandou cavar um grande número de trincheiras, e “foi mesmo baleado com armas de fogo”, já que foi ferido três vezes sucessivamente mais tarde nos antebraços, ganhando em setembro de 1915 as divisas de capitão e a cruz da Legião de honra; e sete meses depois, em Douaumont, uma bola o atingiu na cabeça, esmagando lhe as narinas e arrancando-lhe um olho, o que não impediu ao destemido oficial de continuar comandando os seus homens até que suas forças se esgotassem, ganhando também como homenagem a "rosa da Legião de Honra ".

“Aos 36 anos, depois da guerra, o conde De P. casou-se com uma jovem morena de cabelos lisos e chapéu preto na cabeça, que tinha sangue italiano nas veias...”.

No episódio exposto, a vidente viu que eles ativaram para cima do consulente com armas de fogo, viu o consulente vestido de uniforme, ocupado dando ordens aos homens que cavavam túneis na terra, e assim mesmo ela ignorou a guerra!

* * *

CASO XXII – E aqui considerações da mesma vidente, em janeiro de 1914, prevendo para o mesmo Conde De P., a respeito de seu irmão mais novo:

“A vida dele será curta... Ele terá uma morte violenta... Busque ser cauteloso quando for caçar... Ele morrerá de um tiro...”.

Bem, em dezembro de 1914, o conde Carlo P. foi morto em batalha por uma bola na testa... ».

* * *

CASO XXIII – Os casos de previsões de morte na guerra, embora ignorando a guerra, foram realizados em números consideráveis. Cesare de Vesme, nos **Annales des Sciences Psychiques** (1915, p. 241), narra o seguinte episódio:

“Um dos mais eminentes mestres do psiquismo, contou-me recentemente o caso de uma senhora sua conhecida, que ao consultar uma vidente no ano de 1913, previu que o seu filho morreria de um tiro de arma de fogo, mais ou menos um ano a partir daquela data. Como o jovem era um caçador apaixonado, sua mãe fez de tudo para impedi-lo de manusear um rifle no período do tempo previsto. Mas em agosto de 1914, o jovem foi convocado para o exército e foi um dos primeiros a cair na batalha da Champagne”.

* * *

CASO XXIV – Cito em resumo um exemplo do mesmo tipo, a que me referi na íntegra na monografia sobre os «Enigmas da Psicometria». O relator e protagonista dos fatos - Edmondo Duchâtel - escreve nestes termos nos **Annales des Sciences Psychiques** (1916, p. 17):

«Em 8 de agosto de 1913, sobre a simples apresentação de uma carta de uma sensitiva Sra. Feignez, uma carta que ela não olhou, ela me descreveu exatamente o retrato físico e moral da pessoa que a escreveu, no caso, Raymond Raynal (um jovem artista dramático, de grande futuro), declarando-me que “se em algum momento ele se afastasse de Paris, teria perecido de morte violenta antes que se completassem dois anos, atingido em plena face

por um pedaço de ferro, e isso acima, ou próximo a um meio de transporte que não era a ferrovia ”.

“... No dia 17 de dezembro, tendo apresentado novamente a mesma carta à médium, ela declarou que já havia previsto a morte do jovem que a escrevera... e, como na primeira vez, repetiu que a causa da morte teria sido por um pedaço de ferro.

"Em 24 de novembro, o Sr. H. L., amigo de Raymond Raynal, foi até o visionário com outra carta dele. Ao entrar em contato com a carta, a vidente imediatamente reconheceu a pessoa sobre a qual se tratava...; então ele repetiu a mesmíssima previsão, que, ou seja, em um ano ele morreria, sempre por causa de um pedaço de ferro ...

“Raymond Raynal foi mobilizado em 4 de agosto de 1914 e morto em 6 de setembro.

“Em 19 de setembro, a Sra. H. foi ao encontro da Sra. Feignez com a última carta que ele escreveu, a fim de obter informações sobre sua morte. Ele relata os resultados da consulta nestes termos:

"A Sra. Feignez me disse que ele não sofreu porque foi atingido por uma bola no olho direito; que a bola fez outra vítima; que Raymond Raynal não estava em batalha, mas que se preparava para cumprir uma missão: cumprir uma ordem de comando; que havia apenas dois ou três camaradas com ele; que alguns dias antes de sua morte, ele havia recebido um cartão-postal meu. Depois disso, a médium acrescentou: Você encontrará o corpo dele novamente; você encontrará o lugar onde ele foi enterrado. E comentou que não era necessário procurá-lo no campo; que seu túmulo ficava à direita de uma estrada, a poucos metros de uma carruagem de palha”.

" Em base aos dados coletados, descobriu-se que Raymond Raynal, que era o ciclista de ligação entre seu general de brigada e o coronel, tinha consigo a sua própria bicicleta (**o meio de transporte que não é a ferrovia**): apesar da expressão vaga, devemos reconhecer as palavras da vidente como exatas); e enquanto ele conversava com seu capitão, foi atingido por uma bola no olho direito (eis o **pedaço de ferro**) à qual, depois de ter-lhe cruzado a cabeça, acertou o ombro do capitão (eis a **segunda vítima**). Também é correto que **ele não havia, de fato, sofrido**.

"A Sra. H. acrescenta:" entre os dias 4 e 6 de setembro, ele recebera o meu cartão-postal e, conseqüentemente, é justa a afirmação da vidente de que ele o receberia **poucos dias antes de morrer**. Encontramos o corpo dele em Barcy,

ao norte de Meaux, onde cheguei depois de cruzar a água. Ele foi enterrado em palha. Seu túmulo não tinha marcas particulares. No entanto, foi imediatamente identificado, porque aos primeiros golpes da pá, surgiu sua carteira de registro militar. Ele descansava em um campo, **ao lado de uma carruagem de palha**».

Dos comentários que o relator expos neste caso, extraio o seguinte trecho:

«... O que é mais surpreendente é o fato de que nos dois anos a que aludiu a vidente, acontece alguma coisa de muito mais sério e mais importante, do ponto de vista geral, do que a morte de Raymond Raynal: caiu sobre o mundo esse terrível flagelo de que ele foi uma das primeiras vítimas; no entanto, a vidente não evoluiu muito! E o que pensar daquele “pedaço de ferro” que ela anuncia como se fosse a projeção no ar de um brinquedo de criança? A vidente observa: “É um pedaço de ferro”, e enquanto isso ela ignora a guerra! Ela previu que no intervalo de dois anos o jovem Raymond Raynal deveria morrer, ignorando que isso aconteceria no campo de honra! Enfim, se deve às indicações por ela fornecidas, o fato de terem encontrado o seu corpo ».

* * *

Aqui encerro com os episódios paranormais, de ordem direta e indireta, relativos à Primeira Grande Guerra Mundial. A esse respeito, considero oportuno responder previamente a uma pergunta que, presumivelmente, muitos leitores não deixarão de se fazer a si mesmo, visto que se refere a uma circunstância que emerge claramente do conjunto das profecias expostas; e é que todos foram expressos entre os povos da Entente; isto é, no meio de apenas uma das partes beligerantes; o que nos leva espontaneamente à pergunta: E no meio dos povos austro-germânicos, não existiram profetas?

Respondo que houve um bom número delas, mas nenhuma das profecias que vieram à luz revelou-se suficientemente verdadeira para serem levadas em consideração do ponto de vista científico. No entanto, é útil apontar uma circunstância muito sugestiva a esse respeito, e é que todas as profecias que surgiram no ambiente austro-germânico parecem ser claramente desfavoráveis ao destino tedesco; de modo que deve ser reconhecido que, se houve falsos exageros, eles se revelaram corretamente orientados em um sentido pessimista.

Um exemplo típico do que afirmo, surge a chamada profecia de Hanover, que termina com este período: “Depois da última grande batalha, tão pouco restará

do Império Germânico, que do alto de uma árvore será possível abraçá-lo com o olhar todo o território”.

Portanto, falsas profecias sim, mas todas devidamente em sintonia com um pessimismo desolador e verdadeiro, que leva a inferir que os sensitivos tinham uma intuição genuína dos eventos futuros; uma intuição que, presumivelmente, resultando dolorosa para eles, determinou perturbações em suas condições de passividade mental, favorecendo o surgimento da camada de sonho subconsciente, a partir do qual poderiam ser suscitadas apenas fantasias com a entonação pessimista dominante.

Voltando aos casos que acabamos de expor, e do ponto de vista da questão especial levantada pelo fato de que os clarividentes muitas vezes previram eventos pessoais determinados pela guerra, ignorando a guerra, vou me limitar a observar como essas tais lacunas tão misteriosas resultam uma regra fundamental para as manifestações da clarividência no futuro; quer dizer que se por vezes o psíquico prevê os acontecimentos aos quais terá de se submeter pessoalmente o indivíduo com quem se encontra em "relação psíquica", ignorando acontecimentos futuros de caráter geral, como guerras, revoluções, cataclismos que deverão determinar os próprios eventos, isso presumivelmente deve ser atribuído ao fato de que a maioria dos sensitivos extraem mais vezes (não sempre) suas informações do **ego integral subconsciente** do consulente; e assim sendo, parece racional que eles não percebam exceto os eventos estritamente concernentes à existência pessoal dos mesmos, permanecendo excluído da órbita de visualização deles, os acontecimentos gerais, mesmo quando eles fazem parte integrante do futuro do consulente, em funções de causas.

As conclusões acima levantam outras questões muito misteriosas a serem resolvidas, tendo em vista que o simples fato de reconhecer que os sensitivos atingem as suas informações no subconsciente do consulente, leva necessariamente à questão de como é que podem existir registrados na subconsciência dele os dados reveladores de seus eventos pessoais futuros, e isso até mesmo quando tais eventos dependem de ordem extrínseca e acidental. A análise aprofundada desta questão envolve diferentes soluções, as quais resultam complementares uma das outras, e, de consequência, todas deveriam ser consideradas fundadas, portanto, legitimamente aplicáveis aos diversos fenômenos investigados, dependendo das circunstâncias; soluções propostas por mim e ilustradas no livro "Fenômenos Premonitórios" (a alguns

deles, mencionei no presente trabalho, comentando os casos V, VI, XIV, XVII e XIX).

Não sendo possível que eu me imiscuísse em discussões às quais exigiriam um desenvolvimento muito amplo, vou me limitar a insistir ainda mais na mais misteriosa dessas soluções, ou hipóteses: aquela segundo a qual as modalidades com as quais certas categorias de fatos são expressas, irresistivelmente atraídos para se concluir que muitos dos eventos previstos, sejam eles de natureza pessoal ou geral, devem ser inexoravelmente predeterminados..., mas por obra de quem? E com quais propósitos misteriosos? E aqui estamos mergulhados de volta na formidável questão do "Fatalismo", que durante milênios se impôs à meditação de todos os povos da terra.

Não seria possível desenvolver adequadamente tal tema; portanto, também a esse respeito me limitarei a observar que, diante de alguns aspectos muito eloquentes dos fenômenos paranormais (aos quais aludo, mas de forma insuficiente, nos comentários dos casos IV e XVII), não seja possível recusar-se a admitir a existência de uma **fatalidade** predestinada ao governo do povo e dos indivíduos, pelo menos em suas amplas linhas evolutivas; uma admissão de que além de logicamente inevitável, apresentaria um lado filosoficamente confortante, pois que equivaleria a admitir a existência de "Entidades espirituais" encarregadas do governo da humanidade; o que implicaria na existência de uma "Suprema Hierarquia", bem como na sobrevivência do espírito humano; e esta última inferência emergiria claramente da consideração de que as provas pessoais aos quais todo indivíduo teria de se submeter, inevitavelmente, não teriam propósito se não fossem impostos em vista de um propósito sobrenatural; enquanto os testes de ordem geral pelos quais os povos deveriam se submeter, por um lado, contribuiriam para o mesmo propósito, na medida em que eventos de ordem geral influenciem sobre os eventos de ordem pessoais, e por outro, eles seriam determinados em vista da evolução coletiva, em um ambiente terreno, das raças individuais.

No entanto, tanto no primeiro caso como no segundo, deveria se concluir que se a Fatalidade existe, isso significa que os povos, como os indivíduos, ainda precisam de ser endereçados para o difícil caminho de sua evolução individual e coletiva em virtude do impulso norteador das hierarquias espirituais encarregadas para este fim, as quais submetem a humanidade a uma disciplina

de "liberdade condicional" proporcional ao grau de evolução espiritual alcançado.

Segue-se que, em tese geral, deve concluir afirmando que os eventos dos povos e dos indivíduos estão sujeitos às Leis Cóslicas da Necessidade e da Liberdade harmoniosamente juntas e equilibradas; tudo isso em vista de uma finalidade que por mais enigmático que seja, nos dá a possibilidade de explicar-se no sentido ascendente da Necessidade em direção a Liberdade.

Não acrescentarei nada mais, visto que o tema inexaurível não poderia se desenvolver convenientemente com base apenas aos fenômenos aqui considerados. Assim sendo, sugiro aos leitores que gostariam de aprofundá-lo, o meu livro intitulado: **Fenômenos Premonitórios**".

Capítulo II

Notáveis intuições proféticas acerca da Segunda 'Grande Guerra Mundial'

Declaro que o presente capítulo, no qual deveriam conter as profecias relativas à segunda "Grande Guerra Mundial" que ainda hoje aflige a humanidade (1942), vai conter em sua maior parte resumos de intuições notáveis neste sentido e de considerações de ordem geral, carentes de eventos proféticos merecedores de serem relatados na íntegra. Isso depende de várias causas, uma das quais se deve à circunstância dos eventos preliminares que levaram à nova conflagração dos povos serem diferentes nos dois casos. No primeiro caso, os videntes encontraram-se em condições psicológicas serenas e calmas em relação a um evento que não previram no estado de vigília, portanto, em condições favoráveis ao surgimento das faculdades paranormais subscientes, com a consequência de que **antes** da eclosão da guerra, eles formularam profecias verdadeiramente admiráveis sobre ela. O mesmo não aconteceu **depois** que a guerra foi deflagrada, pois não podiam deixar de acompanhar ansiosamente seus acontecimentos, o que lhes acarretava interferências de cunho auto sugestivo subsciente.

Muito diferente aconteceu na segunda "Grande Guerra Mundial", em que os videntes se encontraram em condições ambientais invertidas, no sentido de que a nova e temida conflagração dos povos parecia iminente para todos, daí decorria que as almas dos "videntes" não poderiam eles não seguir ansiosamente as alternativas de eventos políticos preliminares, ainda e sempre esperando para a manutenção da paz; isso serviu para neutralizar suas faculdades de clarividência, alterando-as no sentido ardentemente desejado; isto é, determinando falsas profecias de paz.

Por outro lado, **uma década antes** de estourar a segunda guerra, ninguém pensava na ameaça de outra conflagração de povos, então aconteceu que a tal distância no tempo, tivemos que testemunhar uma longo série surpreendente de profecias não solicitadas, espontaneamente formuladas por videntes e médiuns, em torno da iminência de uma era de guerras de extermínio, com revoltas sociais grandiosas, fomes terríveis e sofrimentos de todos os tipos para os povos da terra, bem como cataclismos, invernos rigorosíssimos, tempestades, inundações, ciclones, e isso também para as nações não beligerantes.

Em suma, descobriu-se que uma década antes dos eventos trágicos que todos testemunhamos hoje (1942), eles foram unanimemente previstos um pouco em todos os lugares: na Europa, na América e na Austrália, por videntes e médiuns. E essa unanimidade de previsões catastróficas havia assumido uma forma tão incomum e imponente na época que causou um estado de perplexidade em alguns dos mais famosos espíritas, como Sir Conan Doyle, Stanley De Brath e Camille Flammarion, os quais não se deram conta do que estava acontecendo, já que por um lado este complexo de eventos apocalípticos não parecia provável para os nossos dias, mas, por outro lado, os eminentes investigadores em questão não podiam admitir que tantas revelações proféticas concordantes deviam ser atribuídos ao estado onírico subconsciente, uma vez que foram formulados espontaneamente, na ausência de qualquer tipo de sugestão e auto sugestão.

E, mesmo assim, a geração presente que assiste espantada ao seu desenrolar em sucessões apocalípticas, verificando-se que não se tratava de forma alguma de mistificações subconscientes.

Um outro motivo ocasionou a deficiência de profecias verdadeiras a respeito da segunda “Grande Guerra Mundial”, depende de uma circunstância pessoal de a quem escreve, e é que com as declarações de guerra, todas as revistas de Metapsíquica e Espiritistas, antes recebidas mensalmente, deixaram de ser enviadas abruptamente, privando a todos de qualquer informação a este respeito. Segue-se que é possível, e até provável, que um bom número de profecias verdadeiras sobre os eventos da presente guerra tenha sido realizado; mas, enquanto durar o estado de guerra, não é possível saber mais nada sobre isso. Assim sendo, não nos resta outra coisa a fazer além de aguardar tempos melhores para atualizarmos esse capítulo.

* * *

Dito isso, irei ao assunto, começando por fornecer um ensaio sobre as profecias catastróficas alcançadas cerca de uma década após a eclosão da segunda "Grande Guerra Mundial".

Devo me limitar a um ensaio, uma vez que essas mensagens são muito numerosas e muito longas para serem relatadas na íntegra, e muito menos para serem todas publicadas. Acrescentasse a isso que ficaria monótono, uma vez que todas necessariamente descrevem as mesmas grandes calamidades que cobriram a humanidade civilizada.

O Sr. Conan Doyle obteve em suas experiências familiares da década de 1925-1935, numerosas e insistentes mensagens do gênero, nas quais se profetizava o advento de uma era de grandes acontecimentos bélicos e revolucionários, acompanhados de carestia e cataclismos. Ao mesmo tempo, chegaram cópias das mesmas mensagens de toda parte do mundo, o que os deixara profundamente impressionados. Porém, à medida que os anos se passavam sem que nenhum advento de uma era tão catastrófico acontecesse, concluía observando:

"Uma coisa positiva: que com base em minhas próprias experiências mediúnicas, sou informado sobre o advento iminente de um tremendo choque que deverá atingir toda a humanidade, um choque necessário para despertá-la da apatia moral em que se encontra... Quanto às profecias de guerras e cataclismos que nos devastam, faremos bem em acolhê-las com prudência; também pronto a admitir assim como, assim como a reconhecer o quanto seja difícil para entidades desencarnadas calcularem as distâncias no tempo dos eventos previstos, distâncias que não existem no ambiente espiritual. No entanto, uma vez que isso foi admitido, observo que as informações obtidas a esse respeito foram tão precisas e peremptórias, bem como convalidadas por tantas mensagens proféticas análogas que me foram enviadas de todos os cantos do globo, que eu me sinto logicamente compelido a levá-las em consideração e, de consequência, a concluir que uma grande subversão geral está sendo preparada para a humanidade civilizada, e que será considerada de longe a pior de todas que a nossa raça já sofreu, raça essa já tão atormentada ao longo dos séculos. E isso acontecerá em um futuro próximo...» (**Memories and Adventures**, p. 405 - 406).

E o futuro próximo não demorou a provar que Conan Doyle tinha razão em pensar assim, tanto pelo grande cataclisma que devastou a humanidade civilizada quanto pela iminência do mesmo.

* * *

CASO XXV – Um dos "médiuns videntes "que recebeu as mais numerosas e insistentes mensagens proféticas do gênero, entre a década de 1925 a 1935, é Richard Arthur Bush, erudito e ilustre estudioso das investigações psíquicas, dotado de mediunidade de psicografia de primeira ordem, por meio da qual ele conseguiu admiráveis provas de cunho espiritista, assim como a famosa manifestação do sacerdote judeu Levi, que viveu na época de Cristo, que fez uma maravilhosa descrição de sua época e da vida privada daquela época, também, como a pregação e da aparência pessoal de Jesus Nazareno. Este último evento impressiona pela natureza das informações fornecidas, muito diferentes das tradicionalmente recebidas, mas muito mais prováveis.

Agora, com este médium, também obtivemos uma longa série de mensagens predizendo o desencadeamento dos próximos grandes eventos mundiais envolvendo impiedosas guerras mundiais, cataclismos, fomes, invernos polares e catástrofes de povos; mensagens que publicou em duas obras intituladas respectivamente: **Jesus Christ at Work (1) e Sweet Corn from Heaven.**

(1) Richard Arthur Bush: Jesus Christ at Work. Uma seleção de uma série de comunicações sobre muitos assuntos do lado espiritual da vida. (The Two World Publishing Co., Manchester, 1929, pp. 304).

Uma das entidades comunicantes assina: "Um soldado romano", e anuncia a próxima descida ao mundo dos viventes de um grande espírito, expressando-se assim:

“Ele intervirá para operar uma grande limpeza nas condições da humanidade civilizada. Tal processo não será agradável para aqueles que precisam ser despertados da letargia moral, e os meios empregados para a limpeza parecerão tão diferentes do que os homens esperam, que eles os confundirão com uma terrível calamidade infligida a eles pelo destino. O processo de extração de um dente cariado é muito doloroso, mas o resultado é a higiene da boca e a purificação do sangue. Igualmente dolorosos serão os meios colocados em prática para o extermínio do mal social, o que consistirá no remédio drástico de guerras e de revoluções, mas as consequências resultarão benéficas, fecundas e de longa duração. Ao invés de se aterrorizarem, peço-lhe que não

tenha medo, pois é a vontade de Deus, e o que é de Deus só pode ser intrinsecamente bom... Assim, estejam prontos e resignados a todas as provações que o oprimem, e isso acontecerá inexoravelmente por um período de anos de seu tempo... Deus imprime o Seu pensamento no éter, e deste infinito oceano colocado em vibração pela Sua Vontade Divina originam-se os acontecimentos dos povos... Vejo de longe a grande tempestade que deverá se desencadear sobre o vosso mundo, mas eu não sei dizer quando e nem de que modo irá se abater sobre o vosso país e sobre as vossa vidas..."(**Sweet Corn From Heaven**, p. 4-12)

E também na outra obra do mesmo médium: **Jesus Christ at Work**, as mensagens espirituais voltam insistentemente ao tema da profecia sobre uma era catastrófica que recobre a humanidade civilizada, observando:

"Tudo isso é inevitável, pois a atual inércia dos dirigentes e das instituições sociais degeneradas em vigor, se transformará abruptamente em irreduzível oposição contra às novas ideias, causando confusões e convulsões no ambiente social, e até graves perturbações nos fenômenos da natureza, embora estes últimos sejam intermitentes e não poderão ser considerados cataclismos irreparáveis. No entanto, vos estimulo a nunca perder a fé em seu futuro, pois o tempo de grandes provações passará, e o bem-estar e a verdadeira justiça no mundo prevalecerão novamente.

"Em mais uma prova da verdade do que predigo, advirto que mensagens proféticas semelhantes sobre o advento iminente de uma época catastrófica de regeneração humana serão alcançadas em todas as partes do mundo, uma vez que tal é a vontade do grande Espírito que me envia a vós... Afinal, a história dos povos já registrou várias outras crises semelhantes de regeneração social. Falem o que a vocês está sendo revelado para a humanidade pensante. Não tenham medo de ser julgados crédulos e ingênuos; pelo contrário, recebam com reconhecido pesar os acontecimentos do destino.... Ao mesmo tempo, não se esqueçam de que todos vocês são partes integrantes do mesmo consórcio civil, no qual ninguém está isento de culpa e, conseqüentemente, todos vocês deverão sofrer as conseqüências...

"O que é que se deseja imprimir na alma dos vivos? Eis aqui: Nós imploramos por um sentimento de amor mais vivo a ser derramado em todas as criaturas humanas nos eventos da vida vivida, e em todas as esferas da atividade humana, sem exceção de qualquer tipo. Nós vos pedimos menos atenção à parte material da existência, renunciando a muitas coisas que vocês julgam

indispensáveis, e que vocês acreditam em lhes são devidos por um direito que não existe. Em suma, para usar uma frase antiga: vocês terão que se tornar mais religiosos, mas isso no sentido correto da palavra, que consiste em praticar o culto a Deus não com ritos supérfluos, mas por meio de obras de amor; no sentido de alimentar, cuidar, amar o próximo independentemente da raça, da cor da raça, da religião da raça. Vocês já não necessitarão de servos, de empregados, no sentido antigo da palavra, porque também eles são os seus irmãos e as suas irmãs: ajude-os, socorra-os com o mesmo fervor da caridade fraterna.

“Já não deve haver distinções entre a sala e a cozinha, entre o escritório e a quinta, entre o professor e o aluno, entre o funcionário e o patrão: a grande ideia da família humana deve prevalecer sobre todas as vossas ações. Um estranho qualquer, por não ser seu parente consanguíneos, não deixa de ser seu irmão. Para o Pai Eterno não existe ranking de relações parentais... Esse nosso apelo não é somente um apelo de ordem geral, mas sobretudo um apelo de ordem individual, pois cada unidade deve aprender a agir sozinha, antes de poder agir coletivamente... Tendo explicado isso, eu os convoco a não se assustarem com esta minha profecia sobre as grandes provações que os aguardam no futuro próximo. Tenham fé Naquele que me envia, Aquele que lhes dará forças para suportar as provações às quais todos vocês estarão sujeitos para o vosso próprio bem.

“Quanto a mim, sou apenas um humilde mensageiro de um Grande Espírito. Eu não finjo ser um Isaías; entretanto, mesmo um modesto carteiro pode ser portador de uma carta do mais alto valor moral e social. A minha missiva prevê uma era iminente de grandes provações para a humanidade, como as que já foram profetizadas pelos antigos " videntes". Que Deus lhes dê a sabedoria para me escutarem e providenciarem tudo a seu tempo!" (Ibid, p. 109-111).

E mais adiante, outro espírito mensageiro observa:

«O Espírito de Luz penetra na névoa do mal que neste momento envolve o globo terrestre e, em poucas gerações, será grande a mudança no sentido espiritual dos sentimentos humanos. Mas antes disso: Dor! Dor! Dor!..."

* * *

CASO XXVI – Esta outra semelhante profecia se refere às duas grandes guerras mundiais, consideradas complementares entre si, e foram realizadas em 1902 em um círculo privado que incluía o professor F. W. Fitz Simons,

eminente naturalista, diretor do Museu de História Natural de Port-Elizabeth (Natal: África do Sul). Ele relata isso em seu livro: **Opening the Psychic Door** (1) (pp. 147-148).

(1) *Hutchinson, Londres, 1933, pág. 304.*

A personalidade mediúnica comunicante, respondendo a uma pergunta do consulente, observa:

“A raça humana não é evoluída o suficiente para assimilar as nobres aspirações, os elevados ensinamentos que se gostaria de transmitir; mas não está longe o dia em que uma grande influência espiritual se expandirá em seu mundo, entre os povos da raça ocidental, que sairão purificados e redimidos... Mas antes que isso aconteça, antes que a iluminação espiritual dos povos possam ser percebidos, eles terão que passar por um período de provações terríveis, de sofrimentos sem precedentes e catastróficos. Sim, infelizmente, o ódio em sua pior forma jogará as nações civilizadas umas contra as outras, e haverá evidências terríveis e nunca antes vistas de quanto pode perdurar a força brutal dos povos civilizados enfurecidos por todos os lugares causando danos recíprocos. E este período terrível durará até que todas as nações exauridas e empobrecidas, cheguem ao extremo do sofrimento físico e moral, olharão com tristeza para as consequências irreparáveis dos seus atos sangrentos e tolos... Ai de nós! É realmente verdade que os homens precisam desta tremenda lição antes de retomar o curso de sua elevação espiritual. Não me perguntem por qual razão, porque nem eu mesmo a conheço... ».

* * *

CASO XXVII – Mesmo nas famosas experiências de H. Dennis Bradley na "voz direta" com o médium Valiantine, a personalidade mediúnica do "guia espiritual" Dr. Barnett, insiste repetidamente no advento iminente de uma segunda grande guerra mundial, mas errando na data, que ele considera mais próxima do que realmente aconteceu. Ou seja, ele presumiu que deveria estourar nos anos de 1926 ou 1927; o que, aliás, não tem importância teórica, pois é sabido que tanto os videntes como os "espíritos desencarnados", encontrando-se em condições qualitativamente diferentes, implicando uma existência fora do tempo "como é conhecido o vivente", dificilmente o serão capazes de fixar as datas de eventos futuros. Eles podem, sim, ser capazes de dizer com certeza que um determinado evento está relativamente próximo ou distante no tempo.

Em 20 de fevereiro de 1925, ele anunciou:

“Vejo uma séria ameaça de uma nova guerra, que pode estourar nos próximos dois anos. Será uma guerra catastrófica, já que acontecerá principalmente no ar. Em todo caso, o fato é que a Alemanha e o Japão estão preparando secretamente uma imensa frota de aviões neste momento ». (**The Wisdom of the God**) (1), p. 210).

(1) Werner Laurie, Londres, 1925, pág. 439.

E na página 228, o mesmo "guia espiritual" retorna à previsão; a este respeito, o Bradley comenta o seguinte:

“Já por várias vezes o Dr. **Barnett** insistiu na ameaça de uma outra guerra, e embora tais profecias devam ser aceitas com cautela, vale lembrar que ele não insiste exatamente no ano, mas no fato de que uma nova grande guerra estourará em um tempo relativamente próximo, e que será a mais terrível que a civilização humana já viu e sofreu”.

E em várias outras sessões subsequentes o **Dr. Barnett** ainda insiste neste anúncio, e na sessão de 22 de abril de 1925, ele recorre ao Bradley para sugerir que ele avise aos homens do governo afim de que se preparem, já que a nova grande guerra resultará em algo catastrófico, que terá consequências revolucionárias sobre todas as instituições vigentes.

* * *

CASO XXVIII – Finalmente, Paul Brunton, autor de muitos livros de viagens ao Oriente com o propósito de investigações místicas (1), rastreou nas Índias um novo "Messias" chamado "Meher Baba", que propunha regenerar o mundo, expressou suas intenções nestes termos:

“Aproxima-se o dia em que terei de transmitir ao mundo uma crença religiosa de ordem universal, que será assimilável por todas as raças e nações do mundo. E tudo prossegue no mundo para preparar o melhor caminho para a difusão da minha missão na terra”.

Paul Brunton pergunta: "Mas quando você começará sua pregação?".

Ele responde:

“Vou quebrar o silêncio e propagar minha mensagem, depois que o caos cair sobre o mundo, pois só então o mundo terá a suprema necessidade da minha palavra. Quando a aliança civil se fragilizará sob o impulso revolucionário, e as instituições sociais surgirão como prelúdio de uma nova ordem; quando acontecerem no globo terrestre erupções vulcânicas, terremotos, inundações,

epidemias, invernos cruéis e cataclismas, quando vocês verem os povos do Oriente e do Ocidente envolvidos em uma única grande labareda de guerras exterminadoras, então será chegada a minha hora de agir; pois está escrito que os povos de todo o mundo devem passar por um ciclo de provas terríveis, pois o mundo inteiro necessita de ser regenerado”.

(1) Os livros de Paul Brunton, aos quais o escritor Ernesto Bozzano alude, são os seguintes: *A Search in Secret India*, Rider, London, pág. 312.

A Search in Secret Egypt, Rider, London, pág. 288.

A Hermit in the Himalayas, Rider, London, pág. 322.

A message from Arunachala, Rider, London, pág. 223.

Indian Philosophy and Modern Culture, Rider, London, 1939.

The Quest of the Overself, Rider, London, pág. 304.

The Inner Reality, Rider, London, pág. 287.

The Secret Path, Rider, London, 1935, pág. 22. Este último foi traduzido e publicado em nossas “Coleções dos Problemas da Alma” com o título: *O sentimento secreto*. [G. D. B.]

"Você poderia me dizer a data desta terrível guerra mundial?"

“Sim, eu poderia dizer isso, e esse dia não está muito longe, mas eu não quero revelá-lo... Depois que cessarem as grandes lutas sangrentas, uma longa era de paz universal começará, única em seu tipo. Uma era de paz verdadeira e sincera entre os povos, e o desarmamento universal não será mais uma palavra vã, mas um estado social adquirido. As lutas raciais, e também as lutas comunais, cessarão, enquanto o ódio sectário entre as comunidades religiosas acabará para sempre... A fraternidade humana será o grande acontecimento da era que está para surgir no horizonte social do mundo; paz entre os povos, caridade para com os humildes e os abandonados, amor para com o Deus de amor...” (*A Search in Secret India*, p. 50-51 e 256).

Paul Brunton, é claro, não levou a sério a profecia do novo messias, e foi irônico quanto ao fato de que ele não soube fixar a data da grande fatídica conflagração prevista; e isso ainda muito mais quando nosso "messias" tentou fazê-lo, ele errou repetidamente em seus cálculos, no sentido de que quando as datas subsequentemente calculadas chegaram, nada aconteceu. Ora, tal fato, conforme já apontado - não tem importância teórica, pois é plenamente justificável com base nas leis que regem a clarividência no futuro em geral; enquanto, inversamente, o fato é que a grande crise catastrófica prevista quinze anos antes, foi desencadeada com extrema violência no orbe terrestre. Isso Brunton não poderia ter previsto quando publicou seus comentários a respeito; e agora, talvez, mudasse de opinião sobre o assunto. Na verdade, é necessário

concordar que o novo messias, Meher Baba, **profetizou** a verdade como os outros.

* * *

Com isso, termino com a breve enumeração das profecias que vieram à tona várias décadas antes da eclosão da nova Grande Guerra mundial; isso quando ninguém pensava em tal possibilidade. Eles, é claro, apresentam o lado da crítica, no sentido de que são todos de uma ordem geral; de modo que, desejando considerar-lhe isoladamente, todas resultariam suscetíveis de serem interpretadas como previsões de um grande evento político previsto em base às “inferências de causas existentes no presente”. Não seria, porém, boa crítica esse comportamento dissimulado, pois que sendo realizadas simultaneamente em lugares muito distantes entre si, por obra de indivíduos modestíssimos que não eram certamente diplomatas, os seus valores teóricos assumem eficácia cumulativa, no sentido de que as profecias em questão não podem ser separadas umas das outras. Necessário considerar que foram formuladas em um momento em que ninguém poderia imaginar a iminência de uma segunda grande guerra mais mundial do que foi a outra, e ainda mais terrível. Deve-se reconhecer o fato de que surgiram espontâneas, em todos os cantos do globo, tantas profecias catastróficas, todas concordantes entre si em todas as fases, nos desenvolvimentos e nas consequências relativas a uma época histórica grandiosa e terrível, nas quais as lutas sangrentas de extermínio, teriam levado a uma paz geral entre os povos da terra, o advento do desarmamento universal, a criação de uma nova ordem social e a regeneração espiritual da humanidade civilizada. Deve-se admitir, eu digo, que tal fato altamente sugestivo e impressionante aumenta a importância de uma promulgação coletiva autêntica da mesma profecia genuinamente sobrenatural.

A esse respeito, deve-se lembrar que na primeira mensagem aqui relatada, obtida pelo médium Richard Bush, foi precisamente predito que profecias catastróficas semelhantes seriam cumpridas em quase todos os lugares; previsão imprevisível, e também bastante improvável, que em vez disso aconteceu, aumentando assim para um alto valor probatório para si mesma, e adicionando mais eficácia neste sentido a toda a série de mensagens em si.

* * *

E agora passo a relatar os dados e as considerações sobre a segunda parte do tópico sob exame: aquela em que estamos lidando com as profecias não mais verdadeiras, mas com previsões miseravelmente falsas de paz, como ocorreram nos meses anteriores a declaração de guerra do governo inglês à Alemanha (setembro de 1939).

A este respeito, deve-se notar, em primeiro lugar, que dois anos antes, quando o mundo esperava uma declaração de guerra devido aos acontecimentos na Tchecoslováquia, os videntes e médiuns ingleses estavam todos de acordo em predizer que no último momento se chegaria a um entendimento entre os povos em desacordo; o que aconteceu algum tempo depois da conferência de Mônaco.

Porém, infelizmente, não foi esse o caso da nova ameaça de guerra que surgiu dois anos depois devido aos acontecimentos na Polônia, circunstância em que os videntes e os médiuns ingleses insistiram até às vésperas da declaração de guerra, prevendo que seriam encontrados os meios para preservar a paz no mundo.

A este respeito, não precisa que eu volte a demonstrar como o erro em que caíram os videntes e médiuns dependesse do fato de que os experimentadores, junto aos médiuns, aos videntes, à grande maioria do povo inglês e de toda a Europa, ansiavam apaixonadamente pela manutenção da paz, determinando com isso uma potente onda de vibrações psíquicas, perturbando as faculdades clarividentes dos sensitivos e dos médiuns, com a consequência de que os primeiros formulavam subconscientemente o vaticínio correspondentes aos votos ardentemente desejados por suas personalidades conscientes, e os segundos, acreditando falar ou escrever em nome das personalidades espirituais comunicantes, eles falaram e escreveram sob o impulso irresistível de suas personalidades subconscientes.

Tudo isso é óbvio, e não seria necessário insistir mais no assunto se não tivessem acontecido acidentes e situações de fato aos quais não parece possível eximir-se de pressupor que em tais contingências, até mesmo os "espíritos-guias" de importantes reuniões experimentais (como, por exemplo, aquelas realizadas na casa do publicitário Hannen Swaffer), caíram em erro pelos mesmos motivos; e ainda mais porque eles próprios declararam que os sentimentos ardentemente pacíficos dos médiuns, dos presentes e dos povos das nações em conflito, haviam contido suas faculdades de clarividência, levando-os a pressupor (não mais a intuir em profecia) que a vontade de guerra

dos líderes, o destino dos povos teria sido esmagado pelo desejo de paz dos povos em dissensão.

* * *

CASO XXIX – Foram, no entanto, raras exceções a tal unanimidade de profecias errôneas, e a mais notável delas é a da famosa personalidade espiritual "Telika Ventiú", que afirma ser uma princesa babilônica que se casou com um Faraó há 35 séculos, a qual se manifesta sob o pseudônimo de "Lady Nona" nas experiências memoráveis do Dr. Wood. Quanto a respeito da identidade da entidade espiritual em questão, deve-se lembrar que ela forneceu informações pessoais que foram parcialmente verificadas na sequência de uma "tabuinha" babilônica exumada nas escavações de Tell el-Amarna; mas acima de tudo sua identidade emerge de forma decisiva da circunstância **dela falar na língua egípcia de seu tempo**; conversas gravadas fonicamente pelo Dr. Wood, e traduzidas, bem como assistidas, por um eminente egiptólogo.

Bem, em 29 de junho de 1939, ela pediu ao Dr. Wood para enviar o seguinte aviso ao editor de **Psychic News**:

"Se houverem "espíritos guias", ou outros espíritos que em suas reuniões estejam dizendo que neste momento, ou em um futuro próximo, não há possibilidade de guerra, saibam que estão prestando um péssimo serviço à causa espírita e ao mundo".

E prosseguiu explicando que a causa de tantas profecias errôneas dependia do fato de que os "guias espirituais" visualizam os acontecimentos futuros e também percebiam **os pensamentos** que, por sua grande vivacidade, ficam gravados no éter; daí os erros em que caíam, e nos quais persistiam.

E a mesma entidade, já em 3 de abril de 1933, havia previsto o seguinte:

"A próxima grande regeneração da humanidade civilizada virá do Oriente, mas isso não acontecerá até que uma terrível conflagração de povos seja desencadeada no mundo, em virtude da qual surgirá finalmente no consórcio civil uma sincera aspiração espiritual de verdadeira paz com justiça para todos".

Dr. Wood acrescenta:

"Ela também previu que "em um futuro ainda distante o nosso planeta será habitado por uma única raça humana oriunda de todas as nacionalidades de hoje, raça que se transformará em uma só família, e inspirada por um único

ideal: o de ajudar-se mutuamente para se elevarem espiritualmente...”». (Dr. Wood: **Ancient Egypt Speaks**) (1), p. 156 - 157).

(1) Rider, Londres, pág. 191 (sem data).

E em 28 de agosto de 1936, ela escreveu:

«Hoje a “força das ideias” irradiada pelos povos criou uma camada de nevoeiro denso que impede a transmissão das vibrações radiantes que emanam das fontes sublimes e dispensadoras da saúde da vida, da fraternidade recíproca e do amor ao próximo. Deus proteja o vosso mundo, porque se algum outro centro de luz capaz de penetrar na bruma que obscurece o ambiente terrestre não intervir, todos correrão precipitados em direção ao desencadear de uma guerra de extermínio... Sobre isso, eu temo que chegará o dia em que a Inglaterra se tornará o fator determinante para a guerra ou para a paz no mundo. Será ela suficientemente sábia para escolher o bom caminho?...».

Em 31 de dezembro de 1938, Lady Nona voltou ao assunto, observando:

“O ano de 1939 trará grandes acontecimentos de cunho decisivo, com mudanças radicais que terão uma influência sinistra nas suas condições de vida. É fatal que no ano que se inicia as grandes nações tenham que se resolver: ou a paz, ou a guerra. Este é o ano fatídico de seus destinos, e eu vos advirto que se escolherem a guerra, será como se uma nuvem infinita de gafanhotos sinistros que tudo devoram caísse sobre os povos, devorando tudo, não deixando nada para os sobreviventes além de ruínas. Mas das ruínas surgirá uma nova era, ainda que muito tempo há de passar antes que venham eliminadas as consequências dessa queda enorme de tantas riquezas”. (**The Two Worlds**, 1939, p. 733).

Finalmente, em 6 de janeiro de 1940, a mesma entidade altíssima enviou este outro aviso:

“Doutor, declaro-lhe que não gosto do que vejo reservado para o seu país; além disso, não gosto do que vejo reservado para outras nações. As chamadas do extermínio se espalharão por toda parte, e esta terrível conflagração mundial, que agora apenas começou, ameaça engolir toda a riqueza dos povos em uma medida muito mais terrível do que foi julgado por nós.

«Eu própria, na minha missão de” guia “inspiradora nos assuntos coletivos dos povos, sinto-me em condições de grave responsabilidade. Aqueles a quem me propus influenciar, e que deveriam ter me permitido, não responderam de forma alguma... Em consequência disso, fomos seriamente prejudicados naquilo que pretendíamos alcançar. Porém, eu não desanimo...; mas agora vejo que

antes que se chegue ao fim, esta guerra se tornará exterminadora... ». (**The Two Worlds**, 16 de fevereiro de 1940).

Estas são as principais previsões de Lady Nona em relação à segunda "Grande Guerra Mundial", e foi visto que desde abril de 1933, ela havia claramente previsto que a regeneração espiritual da humanidade civilizada só prevalecerá após o desencadeamento de uma conflagração. Aterrorizante, que envolverá todas as nações do mundo civilizado.

Em dezembro de 1938, Lady Nona previu que o ano novo seria de decisões fatais; que a guerra seria de extermínio; que algum tempo se passaria antes que os povos conseguissem eliminar as consequências do imenso colapso de tanto bem-estar laboriosamente criado ao longo dos séculos. Mas, ao mesmo tempo, ela concluiu com o disfarce reconfortante de muitas outras profecias, isto é, o amanhecer de uma nova era surgiria sobre as ruínas da conflagração mundial.

* * *

Nada mais digno de nota a ser registrado em relação à segunda "Grande Guerra Mundial", que, na data desta redação (junho de 1942), está se agravando mais do que nunca.

Segue-se que, por força maior, a conclusão deste capítulo terá de ser adiada para um momento melhor.

* * *

CASOS XXX, XXXI, XXXII – Falta mencionar algumas alusões proféticas a respeito de nossa guerra colonial anterior na Abissínia.

Já em agosto de 1931, o falecido professor William Barrett, em suas interessantes conversas mediúnicas com sua esposa, através da famosa médium Sra. Leonard, havia interrompido o discurso anunciando: "Vejo que daqui a alguns anos duas nações da Europa: a Itália e a Espanha deverão entrar em um período de graves perturbações políticas".

Em outubro ela voltou ao assunto sobre o que diz respeito à Itália, acrescentando: "Haverá outros desenvolvimentos na direção do oriente, que vão interessar a Inglaterra".

A Sra. Barrett perguntou: "Teremos guerra, então?"

(W. Barrett). «Sim, mas não uma grande guerra, da qual nos manteremos afastados; embora passemos por períodos de grande ansiedade... Haverá

guerra, mas sem a nossa intervenção... Sairemos ilesos, mas antes de sairmos dela passaremos por momentos difíceis...» (Lady Barrett: **Communications from the late Sir William Barrett**, p. 144 e 148).

* * *

Na revista francesa **Psychica** de 15 de dezembro de 1935, também se lê uma outra profecia na qual a notável "vidente" Sra. Teresa Girard, em 25 de outubro de 1935, previu o seguinte sobre as empresas políticas de Benito Mussolini:

“Obedecendo à influência maravilhosa que o guia, e confiando em sua própria estrela, o Duque se desvencilha do atual período de dificuldade que o cercam, e o conflito ítalo-etíope será resolvido triunfantemente para a Itália, pois, mais tarde, as hostilidades cederão para uma grande vitória. No entanto, as negociações de paz serão muito trabalhosas devido a interferências externas...”.

* * *

Finalmente, o conde Marc'Antonio Bragadin, diretor do *Ali del Pensiero*, (Asas do pensamento) publicou em sua revista (janeiro de 1936), as seguintes informações resumidas a respeito das profecias sobre a campanha da Abissínia. Ele relata:

«... Já no número de novembro de 1932 (p. 31), publicamos um parágrafo que hoje se mostra tão exato que merece ser relatado na íntegra, especialmente para aqueles leitores que não tiveram o referido número:

« “Uma **guerra iminente** foi prevista por várias entidades espirituais, em várias ocasiões, uma guerra que deveria estourar em 1935. De acordo com essas previsões, seria uma guerra curta, mas sangrenta. O tempo vai dizer; e a era está tão próxima que será fácil de controlar”. Temos também o dever de completar a notícia, repetindo o apelo feito pelas mesmas “entidades”, de preparar com firmeza os corações e as consciências para esta luta que dizem que deverá marcar um ponto muito importante da história da nossa Pátria”.

Essa era a profecia da época, e algumas alusões nela contidas agora podem ser entendidas melhor do que eram então (como quando ele exortou a preparar com firmeza corações e consciências para esta luta), tanto naquela época estava longe de imaginar o que o povo egoísmo poderia ter surgido.

Outras referências, não menos surpreendentes, à situação atual podem ser encontradas na passagem mediúnica publicada por nós na pág. 5 da edição de outubro de 1932, parte da qual relatamos aqui literalmente:

«... Necessariamente assim é, e assim será. Quando o tempo chegar a 5 (ou seja, 1935), todos vocês estarão prontos para a batalha. Parece que o fogo se prepara sob as cinzas, mas tudo isso é uma necessidade espiritual dos povos... Eu chamo a guerra uma manifestação de força, quando ela tende a reintegrar as energias de um povo. Eu chamo isso de necessidade vital quando, por egoísmo, somos atacados. O direito de defesa é uma lei escrita desde tempos remotos ... ».

Mas ainda mais interessante e preciso em suas referências às contingências de hoje, às "sanções" e às "contra sanções", é a passagem mediúnica que aqui também relatamos literalmente, e que consta em nosso fascículo de janeiro de 1933 (p. 12):

«Uma estrela ainda brilha sobre a vossa terra. Ela resplandecerá mesmo em meio à tempestade, e muitos serão capazes de vê-la mesmo quando o **vento forte** soprar. Todo acontecimento terreno está escrito na Lei Eterna, a única que penetra totalmente na vida dos seres. Preparem o bom caminho, repito, porque mais do que armas, precisam de consciências despertas. E vencerão pela potência do pensamento; vencerão dominando os fracos que querem parecer fortes apenas porque têm o poder da receita de ouro. Vocês desprezarão a pequena moeda e, quando se sentirão atingidos pelas contingências que antecedem o fato estabelecido, não desanimem. Pelo contrário, recolham energia do profundo do vosso ser: só assim se poderá dominar a tempestade que se aproxima. Juntem-se ao grande círculo. Está escrito: **Fortificado**.

Observo que, naquela época, as "entidades" comunicantes afirmaram várias vezes que aludiam a um estado de guerra, mas não no sentido exato da palavra; isto é, a uma "colisão" com uma grande potência; o que diziam naquele momento não podíamos imaginar, até porque não seria o adversário que poderia então ser considerado provável. Naquela época, de fato, havia um forte atrito com a França e estávamos longe de pensar em um conflito colonial com a Inglaterra.

Estas são as mensagens proféticas realizadas pessoalmente pelo diretor de **Ali del Pensiero**, nas quais se aludem os grandes acontecimentos pelos quais a Itália deveria passar dois anos e três anos depois; isto é, à guerra colonial da Abissínia, cuja duração se previa ser relativamente curta, mas bastante sangrenta; e as dificuldades políticas surgidas à causa da intervenção britânica, com as "sanções" e as "contra sanções".

Refira-se que as “sanções” foram aludidas, ainda que sutilmente, mas de forma precisa e indiscutível, especificando que se tratava de um “choque”, não de uma guerra, com uma grande potência. E assim sendo, não é possível reduzir a profecia em questão a "uma inferência a partir de causas existentes no presente", tendo em conta que ninguém no mundo poderia ter imaginado a punição "sancionatória" do governo britânico.

A este respeito, deve-se notar que se as "sanções" foram aludidas de forma inequívoca apenas nas passagens mediúnicas relatadas pelo diretor do **Ali del Pensiero**, deve-se reconhecer que o falecido comunicador William Barrett também aludiu a elas genericamente quando previu que os distúrbios políticos aos quais se dirigia para a Itália, em direção ao leste, teriam preocupado a Inglaterra e, em consequência, teriam experimentado períodos de grande ansiedade. Já se sabe que tais ansiedades derivam precisamente da aplicação das "sanções".

Da mesma forma, deve-se inferir que a vidente francesa também acenou às "sanções", embora, talvez, sem saber se referisse a elas quando afirmou que, por interferências extrínsecas, as tratativas de paz teriam sido muito trabalhosas.

* * *

Passando a resumir o conteúdo deste capítulo, observo que, por um lado, é claro que o mesmo parece muito inferior ao anterior. As profecias a respeito da primeira “Grande Guerra” são numerosas, detalhadas, e de primeira ordem, para provar com base nos fatos a existência de uma clarividência no futuro. Clarividência essa não mais de ordem individual, mas de ordem coletiva, na medida em que os destinos dos povos estejam previstos. Por outro lado, também deve ser reconhecido o conteúdo deste outro capítulo relativo à segunda "Grande Guerra Mundial". As condições psicológicas adversas impediram os videntes e os médiuns de permanecerem passivos e serenos diante dos acontecimentos que lhes aterrorizavam no estado normal. Mesmo assim, encontram-se particularmente notáveis como as precedentes. As clarividências anteriores foram preconizadas em um tempo no qual os médiuns e os sensitivos não tinham preocupações de nenhum tipo em volta dos acontecimentos preditos, pois estavam ainda distantes no tempo. Eles tiveram intuições proféticas verdadeiras a este respeito, e para que fosse reconhecida a

sua natureza paranormal, as profecias foram recebidas simultaneamente em distritos diversos, muito distantes uns dos outros.

Também deve ser notado que mesmo neste período de eclipse precognitivo nos videntes e nos médiuns, a voz de advertência autorizada de uma entidade espiritual muito elevada se contrapôs a eles, a qual implorava amargamente a divulgação de tantas profecias falsas de paz, que um futuro iminente teria negado inexoravelmente, comprometendo a causa espiritualista.

Concluindo: mesmo as coisas sendo assim, deve-se admitir que este capítulo também é cientificamente válido, além de experimentalmente importante. Ele resulta fecundo de ensinamentos profícuos, em base aos quais veem ulteriormente esclarecidas tais perplexidades perturbantes inerentes ao intricado e misteriosíssimo quesito psicológico, filosófico, metapsíquico e moral implícito no fato que a “clarividência no futuro”, tanto em forma premonitória, quanto em veste profética, resulta uma realidade experimentalmente demonstrada.

SEGUNDA PARTE

PRECOGNIÇÃO E PREMONIÇÃO

Capítulo III

Curiosas experiências de paranormais «A cadeira vazia»

Trata-se de uma experiência idealizada pelo Doutor Eugène Osty, diretor do *"Institut Métapsychique International"* em Paris.

Um dia, quando ele estava na sala de conferências com o conhecido "vidente" Pascal Forthuny, lhe veio em mente uma ideia ousada, mas racional: a de tentar uma nova ordem de experiência, que consistia em designar de antemão o fenômeno paranormal preciso que era desejado pelo "sensitivo", fenômeno que deveria ter consistido na realização de um acontecimento de ordem acidental, de forma a eliminar para sempre as hipóteses de "coincidências fortuitas" e "inferências a partir de causas existentes no presente".

Nesse sentido, propôs ao seu amigo Pascal Forthuny (então editor da *Revue Métapsychique*) que exercesse suas faculdades clarividentes no sentido de revelar antecipadamente os detalhes pessoais e os acontecimentos privados da

pessoa que, no encontro experimental a ser realizado nesse mesmo dia (e no qual Forthuny atuaria como "vidente"), ele teria que ocupar uma determinada "cadeira vazia" previamente escolhida ao acaso por qualquer terceiro, entre as 150 cadeiras alinhadas na sala de aula do Instituto em questão.

Sabe-se que o experimento teve um resultado positivo, além de extraordinariamente sugestivo e teoricamente interessante; isto nos leva a esperar que da repetição sistemática desta nova ordem de experiências, tanto quanto possível variada, um novo lampejo de luz surgirá um dia, capaz de iluminar o mistério que cerca as manifestações clarividentes em geral.

Assim sendo, ocorreu-me fazer uma análise acurada de todo o histórico de caso precognitivo por mim recolhido em volumosas classificações, com o objetivo de averiguar se, entre as experiências do passado, episódios semelhantes ao concebido pelo Dr. Osty foram achados.

Encontrei dois ao todo, um dos quais parece literalmente idêntico e ainda mais interessante e evocativo; o outro pode ser definido como um experimento de premonição em um ginásio de "Futebol" deserto, um experimento que parece ainda mais extraordinário e perturbador do que os mesmos experimentos já extraordinários e perturbadores concebidos pelo Dr. Osty.

Portanto, vou relatá-los, precedendo-os com uma exposição sumária da primeira experiência do doutor Osty; o que parece indispensável para uma compreensão clara do tema.

* * *

CASO XXXIII – O Dr. Eugène Osty relata o seguinte:

"Com a finalidade de aprofundar ulteriormente as possibilidades metagnômicas de Pascal Forthuny, um projeto ousado me veio à mente, o qual no entanto não me parecia ilusório, e consistia em tornar suas faculdades sobrenaturais ao invés de exercitar em pessoas presentes ou distantes escolhidas por ele mesmo, ou por ele propostas, deveriam praticar na sala deserta das experiências, antes da reunião, e a propósito de uma pessoa qualquer que viesse sentar-se **ao acaso**, em uma cadeira designada **ao acaso** previamente.

"Às 14h:30, quando o senador Humblot e a viúva de Camille Flammarion estavam no Instituto, informei-os do meu projeto, levei-os à sala de experiências, que estava deserta, e pedi que me indicassem para colocar uma cadeira entre os 150 alinhados lá. O senador Humblot, entrando no espaço

entre as duas fileiras de cadeiras, apontou para qualquer uma; e imediatamente coleí um pedaço de papel nas costas da cadeira, para identificá-lo. Em seguida, fui até Pascal Forthuny, mostrei-lhe a cadeira escolhida, e o deixei na sala junto a estenógrafa e ao meu secretário pessoal, instruindo-a a proibir a entrada de qualquer pessoa na sala, a observar tudo e anotar tudo. Tendo explicado isso, eu com a Sra. Flammarion e o senador Humblot subimos as escadas, onde meus apartamentos particulares estão localizados.

«Pascal Forthuny ocupou a cadeira que lhe foi indicada, virando-a de costas para a janela, para não ser perturbado pela luz. Ele sentou-se, fechou os olhos e começou a apalpar as cadeiras imediatamente próximas, exceto a detrás dele; tudo isso porque ele havia decidido estender a experiência às pessoas que deveriam sentar-se ao redor da cadeira designada. Ele passou as mãos nervosamente sobre cada uma das cadeiras, como se as interrogasse sucessivamente, e começou a fornecer informações pertinentes aos futuros ocupantes das cadeiras. Nunca a volubilidade de sua palavra foi tão grande como naquela circunstância.

“Depois de exercer as suas faculdades sobre cinco cadeiras, concentrou-se na principal, onde ele próprio se sentou. A experiência durou um total de trinta minutos...

“Quando às 15h30, Pascal Forthuny saiu da sala, acompanhado da estenógrafa e do meu secretário, cem pessoas se encontravam no pátio e na escadaria do Instituto, impacientes para entrar; e quando as portas foram abertas, eles correram em multidões para a sala de estar, tomando assento como melhor puderam ...

“Às 16 horas, desci com Pascal Forthuny. Encontrei cerca de 200 pessoas reunidas ali, que informei sobre a experiência que queríamos fazer. Apontei para a cadeira que o senador Humblot havia designado para o experimento, na qual estava sentada uma senhora que ficou bastante emocionada ao saber que teve a sorte de ser o objeto da experiência.

‘O texto digitado com as informações fornecidas por Forthuny foi trazido em duplo exemplar. Guardei um dele, a fim de verificar a leitura que o Forthuny faria do outro exemplar, estando ele em pé diante da senhora que ocupava a cadeira da experiência. Ele começou a ler as indicações referentes aos ocupantes das cadeiras ao redor da designada, para depois passar à senhora que foi o tema essencial da experiência...’.

Este é o início das experiências agora famosas. Por uma questão de brevidade, renuncio a referir-me ao texto das indicações sensitivas em questão; texto que os leitores encontrarão nas páginas 102-109 do livro que o Dr. Osty intitulou: **Pascal Forthuny** (1), do nome do vidente. Eu me limito a notar a este respeito que o vidente observou as condições de saúde da senhora desconhecida que ocuparia a cadeira designada, salientando que ela deveria tratar do próprio fígado (e estava, de fato, sob tratamento para congestão hepática); descobriu nela uma forma de nevralgia proveniente dos distúrbios sofridos na garganta, no nariz e nos ouvidos (o que se revelou verdadeiro). Por fim, anunciou a probabilidade de que ela deveria ser submetida a uma operação cirúrgica (probabilidade que lhe fora anunciada dois meses antes, em uma consulta médica). Finalmente, o vidente, penetrando na intimidade de sua existência privada, descreveu os acontecimentos de um período doloroso de sua vida familiar; e observou que ela havia recentemente proposto fazer duas viagens, mas que teve que desistir de ambas (e isso também era verdade).

(1) Eugène Osty: *Une faculté de connaissance paranormale: Pascal Forthuny*. Paris Alcan, 1926, p. 179. [G. D. B.]

Do ponto de vista teórico, são interessantes as declarações da senhora em questão sobre as circunstâncias que a levaram a ir ao "*Institut Métapsychique*" (*Instituto Metapsíquico*). Ela disse assim ao Doutor Osty:

'Eu sei que sou uma estranha para o senhor e para o Sr. Forthuny; mas, outro dia, encontrei um arquivo da **Revue Métapsychique**, do qual, eu e o Sr. R. ficamos sabendo que no Instituto estavam sendo realizadas sessões de clarividência. Até às 12h30 do dia no qual a sessão seria realizada, eu não só não tinha ideia de comparecer, como nem mesmo lembrava que aquele era o dia marcado. O Sr. R. mencionou isso para mim durante o café da manhã; e então resolvi ir desistindo de uma consulta marcada ao mesmo tempo com um especialista para doenças do nariz e da garganta. Após decidir isso, o Sr. R. e eu conversamos sobre outra coisa durante o desjejum. Por volta das 14h30, tive um ataque de "dispneia", doença que nunca tinha sofrido na minha vida e que por isso me preocupava muito. Conversei sobre isso com o Sr. R., que me aconselhou a descansar. Até as três da tarde, embora estivesse bastante ocupada, meu olhar se voltava constantemente para as esferas do relógio de pêndulo: eu estava ansiosa para ir. No entanto, como meu mal-estar persistia, refleti que seria prudente ficar no escritório para descansar.

“Quando soaram as 15 horas, resolvi ir ao Instituto e, assim que saí na rua, a “dispneia” cessou por magia. Cheguei ao Instituto por volta das 15h20, onde encontrei uma grande multidão aglomerando-se na porta de entrada do salão, que ainda estava fechado. Entrei na fila com os outros e, por volta das 15h30, a porta foi aberta. Empurrada pela multidão, entrei na sala, deixando-me levar pela multidão, até que me abandonei na primeira cadeira ao meu alcance, não sem antes ter sido atirada para a esquerda e para a direita. Faltou muito pouco para que outra pessoa me tomasse aquele assento.

“Quando reflito sobre o acontecimento, penso na multiplicidade das circunstâncias que poderiam impedir que não se realizasse. Por exemplo, faltou pouco para que o meu mal-estar me mantivesse em casa. Além disso, naquele dia, atenderia clientes estrangeiros de grande importância, que chegaram assim que eu saí; se eles tivessem vindo um instante antes, eu estaria impedida de sair. Por outro lado, a inesperada recusa do Sr. R. em me acompanhar à sessão esteve muito perto de me fazer desistir de ir. Também não devemos esquecer que foram os empurrões da multidão que me obrigaram a abandonar-me naquela cadeira. Também devemos considerar que, se o Sr. R. tivesse me acompanhado como proposto, as coisas teriam sido muito diferentes, pois precisaríamos de duas cadeiras, e teríamos que procurá-las mais atrás, nas primeiras filas.”

No que diz respeito às impressões do “sensitivo”, o Dr. Osty observa:

"Assim que Pascal Forthuny ocupou o lugar em que deveria exercer suas faculdades de vidente, e assim que suprimiu o curso dos pensamentos conscientes, ouviu uma voz calma e suave, de timbre indeterminado, que falava dentro dele sem localização possível, mas que nele não produzia a sensação de ser escutada pelos ouvidos. E foi assim que, sem esforço e sem interrupção, não fez outra coisa senão repetir ao taquígrafo o que aquela voz lhe dizia claramente, fornecendo assim uma sucessão de informações apontadas por um notável domínio de síntese ». (Ivi, pág. 16).

Em outra parte de seus comentários, o Dr. Osty acrescenta:

“E aqui é oportuno lembrar que durante o tempo em que o Forthuny realizava o seu trabalho de previsão em relação à pessoa que o destino iria levar a ocupar a cadeira designada pela imaginação do senador Humblot, a Sra. M., absolvida em suas incumbências em seu comércio, foi acometida por um doloroso mal-estar (**dispneia**), de que antes nunca havia sofrido. Esse mal-estar (dificuldade de respirar caracterizada por respiração rápida e curta)

apresentava semelhanças com casos de telepatia ansiosa, que, por motivos desconhecidos, ocorrem espontaneamente. Tendo a acreditar que o mal-estar psicofisiológico da Sra. M. foi uma emergência emocional consciente do trabalho entre as mentes que estava ocorrendo naquele momento entre o psiquismo dela e o do médium Forthuny". (Ivi, p. 142).

A última explicação dificilmente poderia ser contestada, além do sugestivo incidente do acesso de "dispnéia" (que se manifestou no início da concentração psíquica do Forthuny, e se dissipou com a cessação da mesma). Aconteceu outro fato que a Sra. M. nos conta: "Apesar de estar sempre ocupada, o meu olhar estava constantemente voltado para as esferas do relógio de pêndulo: tinha pressa de sair». Esta é uma indicação de um estado de "inquietação" análogo ao que caracteriza as condições de vigília de sujeitos hipnóticos, aos quais uma sugestão pós-hipnótica de curto prazo foi transmitida. Segue-se que, para o episódio exposto, seria uma questão de inferir como o fenômeno premonitório resulta em um fenômeno de sugestão telepática à distância.

Nesse caso, a questão da "relação psíquica" estabelecida entre Forthuny e a Sra. M. permaneceria sem solução, apesar do fato de que eles nunca se conheceram; e a intenção não é difícil. De fato, observa-se que a Sra. M., no exato momento em que Forthuny se preparava para exercer suas faculdades de pesquisa clarividente, dirigiu seus pensamentos a Forthuny, discutindo-o com o Sr. R. sobre as experiências que aconteceriam em naquele dia para o «Institut Métapsychique»; o que equivale a dizer que as "vibrações psíquicas" de seu pensamento eram orientadas para o meio em que o Forthuny estava localizado. Assim como o psiquismo subconsciente deste último estava em plena atividade funcional orientado no mesmo sentido, facilmente veio a prescrevê-los, e conseqüentemente, a entrar em uma relação com o subconsciente da Sra. M., de onde obteve todas as informações verídicas fornecidas sobre seu passado, assim como acontece nos casos ordinários de "psicomетria".

Outra questão a ser resolvida consistiria no fato da Sra. M. ter ido ocupar a cadeira pré-estabelecida. Como podemos justificar isso? A solução desta segunda questão parece menos fácil do que a primeira, mas uma vez que as considerações teóricas acima não podem ser contestadas, será necessário inferir que ocorreu uma influência telepática-sugestiva exercida por Forthuny sobre o psiquismo subconsciente da Sra. M. dirigindo-a para a cadeira a ser ocupada. Exceto que, tendo que excluir que a influência telepática em questão poderia ter sido exercida diretamente, uma vez que o Forthuny não estava na

sala, deve-se confiar na hipótese de uma ação indireta. Neste caso, as manobras iniciais do Forthuny, que ocupara seu lugar na cadeira designada, depois de tê-la tateado nervosamente, adquiririam significado; o que tenderia a nos fazer supor que ele pretendia saturá-lo antecipadamente com seu próprio "fluido", para sinalizá-lo ao psiquismo subconsciente da Sra. M., que desta forma não poderia deixar de reconhecê-la (não esqueça que a Sra. M. já estava em um relacionamento psíquico com Forthuny).

A essa altura, ainda pude observar: Se fosse esse o caso, como explicar a circunstância da cadeira designada que permaneceu disponível até a chegada da Sra. M., apesar de muitas pessoas terem entrado na sala antes dela? Eu respondo que a última circunstância poderia ser legitimamente atribuída a uma "coincidência fortuita" e nada mais; tanto que na segunda experiência do tipo realizada no "Institut Métapsychique", Forthuny descreveu anteriormente as generalidades e acontecimentos da pessoa que ocuparia uma cadeira designada, mas descobriu-se que a pessoa em questão estava sentada dois altos de volta à distância; pista presumível de que essa pessoa foi realmente direcionada para a cadeira que deveria ocupar por sugestão subconsciente, mas que, tendo-a encontrado ocupada, teve que se contentar em sentar ao lado dela.

As considerações expostas, fundamentadas em fatos, apenas confirmam ainda mais uma observação já formulada por mim a respeito dos fenômenos premonitórios em geral, e é que existem grupos limitados e pouco importantes de episódios de forma sensitiva, os quais não os são na realidade, e podem ser resumidos a incidentes de sugestão telepática à distância, determinada seja pela vontade subconsciente dos sensitivos em questão, seja pela vontade de entidades espirituais extrínsecas. Nota-se que esta última interpretação não poderia ser excluída para certos episódios deste tipo, uma vez que emerge claramente de outro caso análogo que estou prestes a relatar, bem como emerge claramente de uma categoria especial de precognições consideradas por mim no livro sobre "Fenômenos Premonitórios", que consistem em simplíssimos "incidentes de uma ordem insignificante e praticamente inútil"; episódios que, a partir da investigação analítica de alguns deles, foi fácil demonstrar como foram determinados pelas próprias personalidades mediúnicas, as quais em um primeiro momento transmitiam telepaticamente ao sensitivo, na forma de visões oníricas ou de outras formas, uma dada situação futura em que ele, ou outros, teriam que se encontrar, a fim de então se esforçar para provocar sua realização em virtude de sugestão telepaticamente

exercida sobre o sensitivo ou outras partes interessadas. É claro que os processos de manifestação de tais episódios precognitivos diferem dos processos de manifestação especial do episódio considerado aqui, mas, ao mesmo tempo, deve-se reconhecer que ambos se originam das mesmas causas; e assim sendo, deve-se concluir que os casos premonitórios com manifestação espontânea, nos quais se contemplam "incidentes de ordem insignificante e praticamente inútil", ilustram e validam a hipótese por mim proposta para explicar o episódio premonitório com manifestação experimental aqui considerado; sem falar que, como disse, essa hipótese emerge claramente de outro episódio que relatarei em breve, neste caso idêntico ao anterior.

Porém, antes de referi-lo, é útil libertar o campo teórico de uma objeção que surgiu do caso apresentado e da qual o professor Soal também é partícipe.

E, para começar, observo que, nos comentários acima referidos, procuro demonstrar de que forma se estabeleceu a indispensável "relação psíquica" entre o "sensitivo" Pascal Forthuny e uma pessoa absolutamente desconhecida para ele, assim como a todos os presentes. Desta forma, me comportei porque esta era a questão sobre a qual vários oponentes da hipótese do espírito haviam insistido erroneamente, alegando que o caso em questão se expressava na ausência de qualquer tipo de "relação psíquica" entre vidente e a pessoa distante a ser influenciada. Essa relação assume enorme importância teórica, porquanto vale para neutralizar a interpretação espírita das manifestações dos mortos, visto que se a "relação psíquica" não era necessária para entrar em relação com pessoas distantes, neste caso era legítimo supor que a cada vez o suposto defunto fornecesse dados pessoais **ignorados por todos os presentes**, mesmo neste caso deveria inferir-se que as faculdades inquisidoras do subconsciente dos médiuns tinham ido buscá-las nos recessos mnemônicos daqueles que tinham conhecido em vida, pelo fato que se tratavam de pessoas desconhecidas dos médiuns e dos presentes.

Sendo este o caso, e uma vez que o professor Soal também se juntou ao coro animador dos oponentes, apresso-me a falar no debate apresentando outros argumentos validados por um caso idêntico ao que está em discussão, mas positivamente espiritual.

E, antes de mais nada, para deixar a questão em consideração de forma muito clara, repito que minhas considerações anteriores sobre o episódio em discussão tiveram o único propósito de trazer à tona o erro em que caíram os oponentes, considerando-o um exemplo de **telepatia à distância**

independente de qualquer tipo de relação psíquica, ao passo que a indispensável "relação psíquica", embora oculta, se estabeleceu entre o "vidente" e o "sujeito" da experiência em questão devido à feliz coincidência de dois psiquismos animados por uma única vontade, absorta no mesmo pensamento, convergindo uma para a outra e reunida na mesma sala.

Feito isso, passo a discutir os argumentos do prof. Soal em defesa de seu ponto de vista. Em uma resposta polêmica a dois críticos de suas teorias, ele resume brevemente o caso considerado aqui, para então abordar suas contradições nos seguintes termos:

“Agora pergunto ao Sr. Hill e ao Sr. Thorston: Como o vidente Pascal Forthuny escolheu a pessoa que ocuparia a cadeira indicada ao acaso, quando aparentemente não havia parentes de qualquer tipo para guiá-lo? E assim sendo, à potência selecionadora que o Sr. Thorston invoca em favor da hipótese do espírito, não é tão inexplicável neste caso de origem subconsciente? De outra parte, eu suponho que o Sr. Hill não queira alegar que Forthuny foi assistido por "espíritos" dos mortos. Mas se fosse esse o caso, seria muito difícil entender por que uma inteligência "desencarnada" chega a realizar tais façanhas com mais facilidade do que um "espírito encarnado"...

"Em suma, tanto o Sr. Hill quanto o Sr. Thorston são de opinião que minha explicação de certos casos de identificação de espíritos por meio de relações telepáticas com o subconsciente de pessoas distantes resulte muito ousada e improvável. Mas eu respondo que as mesmas explicações audaciosas e improváveis parecem necessárias se desejasse interpretar certas manifestações em que os "espíritos" estão aparentemente em questão... Na realidade, deve-se dizer que em ambos os casos é igualmente impossível formar qualquer conceito em torno dos processos psíquicos em funcionamento... » (Light, 1936, p. 326).

Este último parágrafo contém a síntese dos argumentos do prof. Soal: mas, como vimos, a análise aprofundada do caso em questão demonstra precisamente o contrário do quanto pressupõe o Prof. Soal, e isso em quanto a telepatia com o subconsciente de pessoas distantes **sem qualquer relação psíquica que seja**, não existe e não é possível, assim como não é possível transmitir uma mensagem com "telegrafia sem fio" se antes não seja efetuada a "sintonização" do fio condutor da estação "agente", com o fio condutor da estação "receptora".

Portanto, repito que com a investigação analítica acima descrita ficou demonstrado que o caso em discussão não implica em nada que a telepatia

pudesse dispensar a "relação psíquica", visto que na realidade no próprio caso a relação psíquica poderia ter sido estabelecida pelo fato do pensamento da senhora M. ter se orientado em direção ao local onde estava prestes a se dirigir para assistir às experiências de clarividência, e isto no momento em que o claridente se encontrava intensamente absorvido numa ordem idêntica de pensamentos no próprio local; de forma que as vibrações psíquicas das duas mentalidades se encontrassem no meio em questão, sintonizadas entre si, criando assim a indispensável "relação psíquica".

Observo novamente que na passagem citada pelo prof. Soal, esta outra observação que ele fez a uma de suas contradições merece ser discutida: "Suponho que o Sr. Hill não queira presumir que Forthuny foi auxiliado por "espíritos dos mortos" em sua tarefa. Mas mesmo que fosse esse o caso, é difícil entender como uma inteligência "desencarnada" pode realizar feitos semelhantes com mais facilidade do que uma inteligência encarnada".

Observo antes de tudo que a segunda parte da argumentação citada aparece logicamente claudicante, visto que pelo contrário deveria parecer **facilmente compreensível** que um espírito desencarnado (vale dizer, emancipado da prisão corpórea), venha com maior facilidade a realizar as tarefas da natureza exposta. Quanto à primeira parte da mesma argumentação propriamente dita, observo que o prof. Soal se demonstra muito afirmativo ao postular a não intervenção de entidades espirituais em experiências análogas àquela em discussão. Eu me expesso no plural, pois no caso singular aqui considerado, ele provavelmente tem razão; mas atentamos para não generalizar. A análise comparativa ensina que qualquer fenômeno psíquico paranormal, começando com os picos muito modestos na estrutura de madeira de uma mesa, terminando com as materializações de fantasmas, pode resultar "anímico" ou "espiritual" dependendo dos casos e das circunstâncias; isso porque é racional supor que o que um espírito "desencarnado" pode realizar também pode ser realizado - **talvez um pouco menos** - por um "espírito encarnado" em condições transitórias de deficiência vital, ou seja, de desencarnação incipiente do espírito.

Só que o professor Soal responderá que os argumentos teóricos não são suficientes para convencê-lo: ele precisa de fatos; e aqui estou eu pronto para satisfazê-lo.

* * *

CASO XXXIV– O episódio que se segue pertence à notável série de "visitações dos defuntos" narrada por Vincenzo Turvey no livro: **The Beginning of Seership**; mas como recentemente o próprio episódio foi relatado com mais riqueza de detalhes por quem o assistiu, me detenho a este último relato.

Para uma avaliação adequada dos acontecimentos, não posso deixar de exibir o que observei sobre a personalidade do vidente em outra circunstância em que precisei citar um episódio retirado do livro em questão.

Vincenzo Turvey, morto de tuberculose ainda jovem, era um cavalheiro rico e culto, que se tornou clarividente em consequência de sua enfermidade e, por estar ciente de seu fim iminente, perseverou até o último momento no exercício gratuito de suas faculdades mediúnicas em serviço de uma grande ideia. Cada vez que se realizavam fenômenos importantes, ele permitia que os experimentadores divulgassem breves relatos dos fatos, relatos que utilizou em seu próprio livro como documentação testemunhal sobre os fenômenos referidos, o que dá valor científico ao próprio livro. Acrescento que ele era um grande amigo de William Stead e do Professor Hyslop; o primeiro escreveu um longo prefácio para seu livro. O segundo publicou a correspondência que teve com ele no **Journal of the American S.P.R.** (1912, p. 490-516).

O experimentador que testemunhou o episódio que estou prestes a relatar é o editor da revista **The Two Worlds**: Ernest W. Oaten, que publicou recentemente o relatório na mesma revista (1936, p. 269). Este relatório é longo e terei de resumi-lo em parte.

Ele conta que tendo que ir a Bournemouth para uma conferência espiritualista, foi hóspede na casa de Vincent Turvey, na qual seriam realizadas sessões de clarividência. Dito isto, continua o seguinte:

"O Turvey me disse: 'Vou mostrar-lhe a lista de descrições de entidades espirituais dos mortos, que relatarei no domingo à noite'. E assim dizendo, me mostrou um caderno contendo oito descrições de entidades espirituais, acompanhadas de seus respectivos nomes, com inúmeros dados pessoais. Observei-o: "Mas como você sabe que esses oito espíritos se manifestarão com precisão?". Ele respondeu: "Nunca descrevo os espíritos que se manifestam, a menos que primeiro venham a mim para me fornecer as informações que terei de relatar sobre eles. Quando me dizem que terei que realizar uma sessão de clarividência, vêm até mim visitantes do Além. Eu os questiono, obtendo os detalhes necessários para sua identificação; e quando eles reaparecem para mim durante a sessão, não preciso mais trabalhar para estabelecer um

relacionamento com eles. Às vezes, se houver necessidade, eles me fornecem detalhes extras, mas geralmente o que eu falo já recebi anteriormente.

“Eu reli essa lista cuidadosamente, observando uma descrição que me pareceu notável. Na quinta-feira, Turvey havia sido informado de que na reunião a ser realizada no domingo à noite ele deveria relatar essa descrição a uma senhora **que se sentaria na segunda cadeira, a partir da esquerda, da última fileira de cadeiras.**

“Nessa mensagem foi descrito um homem alto, de camisa vermelha, calça indiana com babados nas laterais, chapéu de aba larga e um 'laço' no ombro; enfim, um típico “mandrião” sul-americano. Disse que se chamava Harry William e que desejava que a senhora vestida de seda preta, com chapéu de abas largas, sentada no assento indicado, que ele ainda se desculpava por tê-la chamado de "gatinha atrevida".

"Quando no domingo à noite eu estava na plataforma ocupado realizando minha palestra, olhei ansiosamente para a última fileira de cadeiras, na qual o segundo assento à esquerda parecia vazio. Ficou vazio por algum tempo, mas enquanto eu ainda falava apareceu uma senhora vestida de preto, com um chapéu de aba larga enfeitado com uma pena de avestruz, que ocupou seu lugar na cadeira recomendada. Quando Turvey começou a transmitir sua mensagem ao último recém-chegado, ela reconheceu imediatamente o personagem descrito.

“O evento antecipado foi realizado de forma impressionante. Acrescento que todas as outras descrições fornecidas por Turvey foram imediatamente reconhecidas, e foram as que li no caderno do vidente.

«No final da sessão, queria interrogar a senhora em questão. Ela era uma brasileira que estava visitando a Inglaterra pela primeira vez. Ela desembarcou em Plymouth na sexta-feira anterior. Deve-se notar que o falecido que ela conheceu se manifestou ao Turvey na quinta-feira, quando a senhora ainda se encontrava embarcada em alto mar. Ela me explicou que no domingo à noite, enquanto estava no hotel, encontrou um jornal local e a notícia de uma reunião espiritualista lhe surgiu aos olhos. Nunca tendo participado de reuniões desta natureza, decidiu ir para lá. Considerou que já era chegada a hora da reunião, mas foi lá assim mesmo, sentando-se na primeira cadeira disponível.

"Voltei a pedir informações sobre o falecido que se manifestou e sobre o incidente que forneceu para fins de identificação. Ela explicou que o incidente se referia ao fato de uma de suas funcionárias no Brasil ter sido picada por uma

cobra venenosa. O médico mais próximo morava a 20 quilômetros da plantação, então ela montou um cavalo a galope naquela época e cruzou as fazendas do proprietário vizinho para ganhar tempo: Harry William. Isso é contrário ao costume entre os plantadores. Ele a viu e correu para fechar a porteira; mas ela havia pulado a cerca viva. Esse fato causou o apelido maldoso mencionado acima por parte de Harry William. Quando a senhora M. voltou com o médico, foi ao vizinho dar-lhe explicações sobre sua conduta, explicações que dissiparam todos os mal-entendidos. Por isso deveria se entender que o apelido maldoso foi referido pelo falecido apenas como título de prova de identificação. ".

Ernesto Oaten comenta nestes termos:

"O episódio exposto levanta várias questões. Deve-se notar, em primeiro lugar, que Turvey recebeu a mensagem em questão quando a Sra. M. estava em alto mar. Deve-se notar também que este último não sabia da existência de uma cidade inglesa chamada Bournemouth; ainda assim, Harry William estava ciente de que a Sra. M. compareceria a uma reunião espiritualista naquela cidade. Não apenas isso, mas ele também sabia em qual cadeira ela se sentaria. E quem foi que manteve a cadeira vaga? Quem foi que mandou a Sra. M. visitar Bournemouth? E como o falecido Harry William sabia que o vidente Vincenzo Turvey morava lá?

"(A título de colaboração, devo acrescentar que o Sr. Frank Blake participou comigo da referida sessão, que confirma o episódio em todos os detalhes)".

Ernesto Oaten não responde aos quesitos por ele formulados; tarefa que eu tentarei resolver.

Baseado nas análises aprofundadas nas modalidades com as quais se desenvolveram os fatos, deve-se inferir que tanto este segundo episódio de precognição da "cadeira vazia", como o outro que o precede, não são precognitivos, mas sim casos de sugestão telepática à distância, no sentido da interpretação que propus anteriormente. Portanto deve ser dito que no primeiro episódio da "personalidade integral subconsciente" de Pascal Forthuny, tendo conseguido, por uma rara combinação de circunstâncias favoráveis, estabelecer uma relação com uma pessoa desconhecida para ele e para todos os presentes, foi-lhe possível influenciá-la telepaticamente a fim de alcançar o propósito previamente anunciado; e, portanto, no segundo episódio, deve-se dizer que, uma vez que ocorreu a um falecido de entrar em um relacionamento com o médium Turvey (e desta vez sem dificuldade à ser

superada), ele aproveitou para sugerir a uma pessoa amiga que viajava na direção da cidade em que o Turvey residia, para que esta pessoa fosse à reunião mediúnica convocada por ele, a fim de receber a comunicação que foi feita pelo defunto ao médium Turvey, relativo ao incidente ocorrido no passado.

Uma última circunstância teoricamente importantíssima. É que três dias antes do encontro mediúnico, o fantasma de um falecido apareceu a Turvey, anunciando a intervenção de uma senhora cujas informações gerais ele descreveu. Também designando a fileira na qual deveria tomar assento, convalida ainda mais a interpretação que propus, e isso tanto do ponto de vista inesperado e quanto resolutivo.

Deve-se acrescentar que tal fato, considerado em conjunto com a longa série de episódios análogos obtidos por Turvey, resulta em uma magnífica prova demonstrando que nas visualizações de "clarividência mediúnica", em que os médiuns percebem os fantasmas dos mortos, a hipótese segundo a qual o médium nada faria senão captar telepaticamente a informação correspondente no subconsciente dos experimentadores, surge uma hipótese que, mesmo se bem fundamentada, é impotente para explicar o complexo de fatos, visto que para o médium Turvey, o fantasma do falecido apareceu vários dias antes da data em que ele teria a sessão (portanto, ele não poderia captar os traços dos rostos no subconsciente dos presentes), e conversou com ele dando-lhe informações sobre quem eles seriam (portanto, não eram simples "simulacros" objetivados), enquanto a circunstância de quase sempre se tratar de experimentadores e pessoas falecidas desconhecidas do médium, resulta ser uma circunstância que tem um sinal eloquente a determinar a queda da hipótese telepática entendida no sentido de "leitura remota no subconsciente alheio".

* * *

CASO XXXV – Estou prestes a me referir ao terceiro episódio análogo ao anterior, que já está entre aqueles que dificilmente poderiam ser explicados pela sugestão telepática à distância da parte do sensitivo.

Peguei o episódio da revista filosófica inglesa **The Metaphysical Magazine** de março de 1898, e quem o relata é o Sr. H. Brown. Ele era um conhecido estudioso de disciplinas pedagógicas cientificamente compreendidas; e como possuía notáveis poderes de hipnotismo, valeu-se de suas faculdades para corrigir os defeitos do caráter dos jovens, recorrendo ao método de sugestões

apropriadas. Foi durante uma rodada de palestras por ele ministradas com fins de propaganda pedagógica que, por pura coincidência, ocorreu o episódio em questão. O Sr. H. Brown relata o seguinte:

"Em outubro de 1897, durante uma de minhas palestras públicas sobre o tema "*Cultura dell'anima*", aconteceu comigo um acidente experimental absolutamente diferente do que eu tinha até agora para realizar, além de que não recorro de jamais ter lido algo semelhante. Espero que, ao torná-lo público, determine a publicação de episódios análogos de modo a lançar alguma luz sobre o assunto dos pressentimentos, das premonições e das profecias.

"Eu ilustrava as minhas conferências realizando diante ao público experimentos de hipnotismo, de telepatia, de psicomotricidade; para isso, preparei hipnoticamente alguns jovens que haviam se tornado excelentes sonâmbulos. Num sábado à noite, quando não tinha palestras para dar, e estava no meu quarto de hotel na companhia dos meus cinco "sujeitos", várias pessoas vieram me visitar. Já tinha realizado algumas experiências hipnóticas com grande sucesso, quando um dos visitantes me observou: "Mostra-lhes o jogo de **futebol** que vai ser disputado no próximo sábado entre as equipas K. e E.". Afirmo que os jovens em questão eram todos jogadores de **futebol** muito práticos.

"Coloquei a todos em sono hipnótico e disse-lhes: "Agora vocês estão no grande estádio e acompanham com muita atenção o desenrolar do jogo entre as equipas K. e E. o jogo começou nesse momento; observem com a máxima atenção."

"Como foi dito, o jogo em questão seria disputado sete dias depois, e como os dois "clubes" que participariam eram famosos, o evento era aguardado com grande expectativa pelo público amador. A equipe E era de uma cidade próxima e, no início, meus sonâmbulos aplaudiram o jogo. Eles assistiram ansiosos ao desenrolar do jogo, conversando animadamente entre si sobre os bons chutes, os chutes falhados, as diferentes táticas dos dois times. Além disso, contavam os "gols" ganhos pelas duas equipas, e posteriormente e por unanimidade constataram que alguns dos jogadores dos dois campos haviam se lesionado. Logo seus aplausos passaram do time E. para o time K. Todos viram o jogo de maneira idêntica e, com entusiasmo, trocaram suas ideias sobre ele, como se estivessem no local. A cena durou mais de quinze minutos; e quando os despertei, todos nós, inclusive os próprios sujeitos, não duvidamos por um momento que tinha sido um espetáculo imaginário.

“No próximo sábado, eu com os meus cinco jovens e alguns dos espectadores do episódio exposto, fomos ao estádio assistir ao jogo de **futebol**, entre as duas equipes em questão. Pode-se imaginar o nosso espanto quando vimos que o jogo começou com os mesmos incidentes visualizados pelos sonâmbulos, incidentes que se desenrolaram mediante a nós na ordem precisa observada por eles, e a subsequente sucessão de eventos continuou a se reproduzir com tal precisão, que para cada mudança de jogo, já sabíamos o que estava para acontecer. As mesmas equipes foram "eliminadas", a bola seguia constantemente as mesmas "corridas", os resultados finais eram sempre os mesmos. Encontramos apenas duas pequenas imprecisões, mas elas se referiam a detalhes que poderiam ter escapado a qualquer expectador.

«A primeira imprecisão consistia no fato de que enquanto a bola seguia constantemente as "corridas" previstas e os jovens sonâmbulos contavam as "corridas" à medida que aconteciam, os "árbitros" em vez disso desclassificavam algumas delas; circunstância que escapou aos meus sonâmbulos. A segunda imprecisão consiste no que, durante o experimento do sonambulismo, um dos jovens havia exclamado: “R. machucou o joelho. Ele se retirou do jogo”. Agora, por outro lado, o R. tinha mesmo machucado o joelho, mas isso tinha acontecido alguns dias antes, e ele estava mancando pela pista, sem nunca ter participado do jogo. Essas duas imprecisões me pareceram de natureza suficientemente sugestiva para aumentar em vez de diminuir meu espanto. Desde o início, um dos meus visitantes do hotel veio até mim muito animado, exclamando: “Viu? S. foi expulso da linha, tal como os sonâmbulos observaram”. Então, desde o início, estávamos todos convencidos de que veríamos o jogo se desenrolar com as mesmas modalidades vistas uma semana antes; o que de fato aconteceu.

«Se houver alguém que queira mais pormenores sobre o assunto, terei todo o gosto em fornecer. Essa experiência levanta a questão: Os eventos existiriam em um ambiente espiritual antes de ocorrerem no ambiente terrestre? Ou eles existiriam virtualmente em sucessão condicional, de modo que, em circunstâncias favoráveis, o espírito humano teve o poder de prever os eventos futuros a partir de causas existentes no presente? Eu conheço numerosos episódios em que um único indivíduo visualizou eventos futuros, mas este é o único caso em que várias pessoas viram as mesmas coisas e as descreveram nos mínimos detalhes. Estes são episódios que abrem caminho para uma

compreensão muito mais ampla das possibilidades transcendentais inerentes à alma e do valor da personalidade humana”.

Este foi o episódio estranho e interessante que ocorreu ao palestrante, Sr. H. Brown. No que diz respeito às duas imprecisões factuais que encontrou, observo que não apresentam importância teórica. Em relação ao primeiro, deve-se dizer que, se os sonâmbulos sinalizaram exatamente as "corridas" da bola, mas não levaram em conta as desqualificações emitidas pelos "árbitros", isso significa que seus poderes sobrenaturais de percepção eram exclusivamente "visuais" e, conseqüentemente, que eles tinham **visto** as "corridas" da bola, mas não tinham **ouvido** as observações dos árbitros.

Em relação à segunda imprecisão com relação ao jogador que não participou da ação porque estava machucado no joelho, observo que, se ele mancou ao redor da pista, parece racional que o sonâmbulo tenha assumido que ele foi machucado durante o jogo. Além disso, se é verdade que a contusão do jogador data de apenas alguns dias, então, mesmo nessa circunstância, o sonâmbulo visualizou um acidente que ainda não havia ocorrido.

Conclui-se que tais imprecisões em nada diminuem a eficácia teórica do caso e, de fato, contribuem para realçar ainda mais o caráter positivamente realista da ação observada pelos sonâmbulos, e isso devido a consideração de que a primeira imprecisão corresponde ao que deveria ter ocorrido em um episódio sobrenatural de pura "clarividência", que foi o que estava sendo considerado; enquanto o segundo corresponde ao raciocínio que deveria ter surgido na mente de qualquer espectador que tivesse visto um jogador mancando vagando pelo campo.

Passando a considerar o caso em questão do ponto de vista de seu valor teórico, observo como não é de pouca importância, pois contém um detalhe que sozinho pode demolir ou neutralizar todas as hipóteses, exceto uma até agora concebida a uma explicação dos fenômenos precognitivos. E o detalhe é dos **cinco clarividentes** os quais viram simultaneamente, de maneira absolutamente idêntica, o desenrolar de uma ação complicada de uma futura partida de **futebol**.

Começo usando este detalhe para uma comparação entre o caso em questão e aqueles que o precedem. Vimos que para os anteriores, e com base em uma análise aprofundada dos fatos, chegou-se à conclusão de que, no primeiro caso, o "psiquismo subconsciente" do sensitivo em ação, bem como, no o segundo caso, a vontade comunicante de uma 'entidade espiritual, havia claramente

entrado em uma relação com os "psiquismos subconscientes" das duas pessoas distantes destinadas a servir como sujeitos nas experiências paranormais eminentes. Do qual deve ter sido inferido que os fenômenos presumidos de clarividência no futuro poderiam e deveriam ter sido reduzidos a fenômenos de "sugestão telepática à distância". Essas conclusões pareciam indiscutíveis ou, pelo menos, sem dúvida representavam "a hipótese menos abrangente" a que alguém fora obrigado a referir-se de um ponto de vista estritamente científico.

Eis que no terceiro caso referido, as coisas mudam radicalmente devido à presença de **cinco videntes** e a consecutiva entrada em ação de **cinco psiquismos subconscientes**; complicação experimental teoricamente perturbadora, a qual impõe ao critério da razão uma interpretação diferente dos fatos. Deve-se considerar, isto é, que nos casos precedentes, um foi confrontado respectivamente com o "psiquismo subconsciente" de um único sensitivo, e a vontade telepática de um único falecido, cada um dos quais exerceu sua própria influência sugestiva à distância sobre um único "psiquismo subconsciente", e este na iminência da ação que cada um se propôs a realizar; onde aqui nos encontramos na presença de cinco psiquismos que deveriam ter exercido uma influência idêntica à distância, não no psiquismo de uma só pessoa, mas no psiquismo de duas equipes de jogadores ousados; tudo isso aconteceu não na iminência da ação a ser determinada, mas uma semana antes.

Sendo as coisas nestes termos, resulta óbvio assim, a necessidade lógica de excluir de maneira absoluta a hipótese de que tenha sido possível realizar um símile resolutivo fenômeno de solidariedade mútua entre dois grupos de "psiquismos subconscientes" não vinculados entre si por "ligações fluídicas", e espalhados um pouco para cada lado nos quarteirões de uma cidade. Daí decorre que se trata de concluir que, do ponto de vista teórico, há um abismo entre os dois primeiros casos paranormais "cadeira vazia", e os últimos, embora sejam semelhantes na maneira como surgiram.

Qual é, então, a gênese desse terceiro caso?

Antes de discutir as hipóteses aplicáveis à mesma, é útil considerar o significado teórico do detalhamento dos "cinco videntes" em relação ao desdobramento dos fatos. Deve-se notar, isto é, como logicamente daí decorre que os videntes estavam testemunhando uma projeção sobrenatural com desenvolvimento cinematográfico, **a qual resultava positivamente objetiva**, visto que se não se desejasse concluir neste sentido, então se deveria presumir que cinco psiquismos subconscientes haviam concordado previamente para

projetar simultaneamente a mesma sucessão de eventos diante da visão subjetiva de suas próprias personalidades conscientes (nota-se que em nosso caso, ao contrário, eram personalidades sonâmbulas); presunção tola e ridícula. Portanto, excluindo esta hipótese, e tendo reconhecido a objetividade da representação, surge espontaneamente a questão que acabamos de formular: "Qual foi a gênese desta representação objetiva dos acontecimentos que se passariam sete dias depois?".

Em primeiro lugar, há uma explicação preliminar a ser formulada a esse respeito, que é de natureza geral, e sempre apareceu aos investigadores mais autorizados, respondendo a este sinal, às formas em que os fatos são amplamente expressos, para poder considerar como interpretação legítima do maior número de episódios precognitivos e é que os fenômenos em questão trazem em sua maior parte a origem do "psiquismo subconsciente" dos próprios sensitivos, psiquismo este que seria provido das faculdades paranormais capazes de escrutinar o passado, o presente e o futuro. Só que, em nosso caso, mesmo esta interpretação fundamental dos fatos não resiste ao formidável obstáculo dos "cinco observadores" os quais viram se desdobrar diante deles uma apresentação, que, por mais complicada que fosse, era absolutamente idêntica para todos em cada mínimo detalhe; circunstância que, como vimos, logicamente nos obriga a refletir sobre **uma única origem dos fatos** e, conseqüentemente, **a uma gênese dos fatos extrínseca aos cinco observadores**, excluindo assim qualquer possibilidade de explicá-los pela hipótese de uma personalidade subconsciente a qual se mostre receptora **no sentido ativo** do evento paranormal, além de transmitir à sua própria personalidade consciente as representações apropriadas para o propósito. Sendo este o caso, devemos necessariamente concluir que, no presente caso, as personalidades subconscientes dos cinco sensitivos não desempenharam outra função senão a de perceber **passivamente** as representações sobrenaturais conforme ocorriam em suas visões subjetivas por meio de uma causa extrínseca a ser procurada.

Esta é a interpretação correta dos fatos, e não pode haver dúvida de que até agora estamos em um terreno teoricamente muito sólido. Mas as hipóteses para explicar a causa extrínseca que determina as representações objetivas percebidas pelos cinco videntes ainda precisam ser discutidas, e essa discussão está longe de resultar satisfatória, e muito menos dispensada.

A primeira hipótese que enfrenta o critério do investigador é aquela à qual alude o relator do caso em questão, segundo a qual as faculdades paranormais do espírito humano teriam o poder de influenciar o futuro a partir de causas existentes no presente; uma hipótese legítima e teoricamente aplicável a um certo número de episódios precognitivos em que estamos lidando com eventos em sucessão **natural** e nunca **acidental**; mas isso não poderia se aplicar ao nosso caso, dado que as faculdades subconscientes de cinco visionários não poderiam ter realizado a árdua tarefa de identificar os eventos muito complicados de um jogo de futebol a partir de causas existentes no presente; o que parece mais absurdo se considerarmos que os solavancos de uma bola atormentada pelos jogadores são solavancos acidentais, portanto imprevisíveis. Como, então, podemos afirmar que cinco videntes foram capazes de adivinhar tudo de uma maneira tão perfeita a ponto de fazer cinco concatenações de vistas cinematográficas tão idênticas que se sobrepõem e constituem uma única representação convergente diante delas?

A segunda dessas hipóteses seria a proposta pelos ocultistas, à qual também aludiu o orador do caso; naquela; isto é, os eventos futuros projetariam suas sombras em um ambiente "astral" antes de ocorrerem em um ambiente terrestre. Só que esta hipótese, já em si bastante inconcebível e indubitavelmente indemonstrável, se choca com a realidade dos fatos, visto que há casos de profecias enunciadas três séculos antes dos eventos correspondentes.

Bom, se for possível admitir, mesmo não compreendendo, que as sombras dos eventos futuros são projetadas em um ambiente "astral" algum tempo antes que os próprios eventos ocorram no ambiente terrestre, ninguém certamente pensará em conceder, em nome do senso comum, que os eventos futuros lançam suas sombras em um ambiente "astral", mesmo a uma distância de três séculos no tempo. E uma vez que não se pode contestar a existência de episódios dessa natureza, assim como não se pode negar que do ponto de vista científico as inferências derivadas dos fatos devem prevalecer sobre qualquer hipótese metafísica, segue-se a condenação irreparável da hipótese em questão.

Por fim, haveria uma terceira hipótese a ser levantada: a chamada "onisciência das causas", hipótese que, segundo Myers, deveria referir-se apenas a inteligências espirituais livres dos vínculos **prisoneiros** da matéria, hipótese baseada na consideração de que se, filosoficamente falando, se fosse necessário postular a onisciência Divina, então deve-se convir que as inúmeras

hierarquias de Inteligências desencarnadas existentes no ambiente espiritual terão que se provar cada vez mais **que tudo veem** à medida que sobem na escada espiritual, até chegar a Deus. Dito isso, deveria se considerar que se no nosso caso notamos o detalhe dos "cinco videntes" que logicamente nos leva a explicar os fatos recorrendo a uma representação objetiva independente dos próprios videntes, e se as hipóteses disponíveis para aqueles que se empenham a compenetrar no grande mistério não resista à prova, então não há outra saída a não ser admitir a intervenção de um agente transmissor extrínseco, o espiritual, como transmissor da projeção telepática-precognitiva, com a finalidade de atrair os vivos a meditarem sobre os mistérios do espírito humano.

Apresso-me a acrescentar que embora esta hipótese pareça ser a única conciliável com os fatos, nada se revela no caso em questão, a não ser a consideração formulada que autoriza inferir a intervenção de entidades espirituais em episódio aparentemente fútil. Eu digo: "na aparência", pois que na realidade resulta metapsíquicamente importantíssimo e filosoficamente perturbador. No entanto, não insisto nisso, limitando-me por hora a apontar o fato de que o caso em questão demonstra mais uma vez como na categoria dos fenômenos cognitivos, se depara, a todo momento, com episódios que determinam irrevogavelmente o desmoronamento das miseráveis hipóteses **totalizadoras** com o qual eles gostariam de explicar; colapso esse do qual apenas uma hipótese se salvaria: a de uma presumível intervenção extrínseca, mesmo em circunstâncias em que nada deixam transparecer em tal caso. (1).

*(1) Quanto à hipótese aludida no texto, que poderia parecer ousada e gratuita, me refiro à minha monografia sobre **Fenomeni di Telestesia**, Edizioni Europa, Verona, 1942, p. 182, em que relato um episódio (caso XXVIII) do qual nada transparece que leve a pressupor a intervenção de uma entidade falecida, onde, com base numa análise aprofundada do próprio episódio, parece que a intervenção do falecido interessado aos fatos ocorreu de uma maneira literalmente certa.*

Conclui-se mais convalidadas do que nunca as considerações formuladas anteriormente a respeito da hipótese universalmente aceita em ambiente metapsíquico rigorosamente ortodoxo, segundo a qual as manifestações precognitivas resultariam em consequência massiva do funcionamento esporádico das faculdades paranormais subconscientes, sem a necessidade de atribuir uma parte as intervenções extrínsecas. Por outro lado, prova-se e reprova-se, com base nos processos de análise comparativa aplicados a fatos dessa natureza, que as manifestações precognitivas, como qualquer outra categoria de manifestações metapsíquicas, pode vir a ser por ora anímica ou

espírita, dependendo das circunstâncias, e que o complexo dos fatos nunca poderá ser explicado se não tivermos as duas interpretações, que se complementam. Isso porque a primeira explica as manifestações do "espírito encarnado" durante os estados fisiológicos e crises funcionais que o reduzem temporariamente a condições de "desencarnação incipiente". A segunda explica as manifestações do "espírito desencarnado" nos momentos fugazes quando se trata de entrar em relação com o mundo dos vivos. Sendo este o caso, deve-se inferir que as faculdades subscientes paranormais, em virtude das quais o "espírito encarnado" é capaz de escrutinar o passado, presente e o futuro, formam uma parte integrante dos sentidos espirituais existentes no estado latente nos recessos do subsciente humano, esperando para emergir e praticar no ambiente apropriado após a crise da morte.

Em outras palavras: da mesma forma que o embrião humano, destinado a viver e se exercitar no meio terreno, chega ao próprio meio dotado de sentidos adequados e **pré-formados**, prontos para despertar do estado latente após a crise do nascimento; então, obviamente, inevitavelmente há de ser pelo espírito desencarnado chegado em ambiente espiritual, e isso porque não é possível que os sentidos espirituais sejam criados do nada no momento da morte. Portanto, terá que inferir que se o espírito sobrevive, deve possuí-lo **pré-formados**, em estado latente, prontos para despertarem para a nova fase da existência. Pois, se não fosse assim, o espírito não sobreviveria à morte do corpo.

Com isso aprendemos que são precisamente os fenômenos da Alma (ou fenômenos anímicos) que fornecem ao homem a prova solene de sua própria sobrevivência.

Capítulo IV

Precognição e Premonição

Diversas

Lembro-me do que disse na introdução a esta monografia, e é que é complementar à outra intitulada: **Dos Fenômenos Premonitórios** (1), para a qual o material bruto acumulado resultou exuberante para ser um volume de formato normal. A ideia de selecionar uma parte e publicar separadamente me atraiu, e isso ainda mais porque no material dos fatos coletados havia uma seção importante de casos que não eram precisamente **premonitórios**, mas **proféticos**, uma vez que não se referiam ao futuro de indivíduos isolados, mas para o futuro coletivo dos povos.

Daí a origem desta monografia, à qual coloco o título apropriado que designava o tema principal tratado, seguindo alguns capítulos dedicados a diferentes categorias de fenômenos premonitórios que não puderam ser incluídos na primeira por razões editoriais.

Começo relatando dois novos episódios concernentes ao tema das "premonições insignificantes e praticamente inúteis", tema que foi amplamente discutido no livro "Fenômenos Premonitórios", e teoricamente muito importante, pois é capaz de dissipar uma perplexidade que atraiu investigadores eminentes a conclusões incorretas que se baseavam na circunstância da aparente futilidade das premonições em questão, futilidade que para os investigadores com tendências generalizantes, prestava-se, até certo ponto, a ser interpretada no sentido que nos fenômenos de clarividência no futuro não havia indícios de intencionalidade verdadeira e adequada e, conseqüentemente, deveriam ser consideradas manifestações esporádicas e sem objetivo, determinadas pelo surgimento de flashes fugazes precognitivos inerentes às faculdades subconscientes paranormais. Nada poderia estar mais

longe da verdade, embora entre os proponentes desta hipótese haja nomes de investigadores eminentes, ainda que dominados por preconceitos *à priori*. Deve-se notar que a hipótese em questão não se sustenta nem mesmo em relação à categoria especial de "premonições insignificantes e praticamente inúteis", que muitas vezes revelam a existência de uma intencionalidade racional e indubitável, que, dependendo do caso, pode ser atribuída à "personalidades subconscientes integrais", ou à "entidades espirituais", ad quais antes de tudo transmitiriam telepaticamente aos sensitivos, na forma de visões oníricas ou de outras maneiras, determinada situação futura em que eles ou outros deveriam passar, para então tentar provocar sua realização em virtude de sugestões exercidas telepaticamente sobre os médiuns ou outras partes interessadas.

1) Publicado sob o título **Luzes no Futuro**, 2 vols. de um total de 500 páginas. (G.D.B.)

* * *

CASO XXXVII – Retiro o seguinte episódio do **Journal of the S. P. R.** (1921, p. 168).

O Sr. Irving relata uma série de sessões que teve com a famosa médium Sra. Osborne Leonard, durante as quais sua falecida esposa apareceu para ele. Em determinado momento, ela disse a ele:

"Gostaria de informar que em breve você verá uma fotografia minha, que o fará lembrar de uma época da minha vida terrena. **Eu afetarei as pessoas**, para que você veja. **Já o fiz outras vezes, como sabe**».

O Sr. Irving comenta o seguinte:

"Durante minha estada na cidade, fiquei na casa dos meus sogros, Sr. e Sra. Whitehead. No dia 9 de junho, ou seja, no dia da sessão em questão, desci para a sala de jantar para o café da manhã e encontrei a sala ainda deserta. Enquanto esperava os outros chegarem, olhei em volta e vi uma grande fotografia de minha esposa colocada no cabide. Ninguém me contou sobre a existência dessa fotografia, embora dois meses antes minha sogra tivesse me dito que acreditava ainda ter uma fotografia de minha esposa que eu nunca tinha visto. Bem: ela havia encontrado a foto no dia anterior, quando eu estava sentado com a Sra. Leonard, e a colocara naquele local para que caísse sob meus olhos assim que eu entrasse. Era uma fotografia datada de trinta anos ».

Na mesma sessão, a personalidade mediúnica de **Feda**, falando em vez da falecida esposa do Sr. Irving, se expressou assim:

“Ela quer que eu lhe diga que está se preparando para ir com você a um lugar onde você verá um longo desfile de fotografias... Isso porque entre elas existe uma que ela deseja te mostrar. Trata-se de um quadro fotográfico que, quando você ver, vai se lembrar da sessão desta noite, com a circunstância dela ter se manifestado a você. Ela diz que no momento certo exercerá sua influência sobre a sua mentalidade para direcionar-te a imagem fotográfica em questão; pois se trata de uma única pintura entre muitas outras de natureza diversa. ».

O Sr. Irving comenta o seguinte:

“Na noite de sexta-feira, 9 de junho, ao regressar da cidade mais cedo do que de costume, tive a ideia de entrar num cinema... e eu vi uma foto passar na minha frente na qual um homem estava visitando uma "vidente", que parecia uma médium. Esta estava deitada no sofá, aparentemente em sono profundo, e à sua frente estava sentado o consulente, que estava sozinho. Uma espécie de fantasma fluídico também apareceu. Não tinha olhado para a representação que iria acontecer naquele cinema, nem os cartazes ilustrados poderiam ter me sugerido, mesmo remotamente, a ideia de que alguma cena espiritualista deveria ser intercalada no espetáculo daquela noite.... Embora eu seja um frequentador de cinemas, não me lembro de alguma vez ter testemunhado um filme tão realisticamente parecido com as usuais sessões mediúnicas com escrita e falas automáticas ”

Assim disse o orador. Como você pode ver, trata-se de uma espécie de acidentes que são em si mesmos "insignificantes e praticamente inúteis"; o que, no entanto, não nos impede de rastrear a existência de uma intencionalidade *sui generis*, uma vez que, longe de serem consideradas o resultado inconsistente do automatismo funcional das faculdades subconscientes paranormais, elas se mostraram expressamente combinadas por uma personalidade mediúnica à qual se era decidida de provocar um acontecimento externo com a finalidade de provar ao consulente que ela tinha condições de intuí-lo telepaticamente, juntamente aos outros familiares.

Assim, se considerarmos que as declarações preventivas da personalidade comunicante sobre os acidentes que se preparava para causar, corresponderam exatamente à realização dos próprios acidentes, deve-se logicamente inferir que no primeiro caso, a sogra do consultor decidiu repentinamente buscar a fotografia perdida em decorrência de uma sugestão que lhe foi transmitida pela personalidade mediúnica em questão, e que a colocou em um ponto especial da

sala de jantar conforme a vontade da mesma entidade, que declarou ao consultor: "Vou influenciar as pessoas, para que você veja".

O mesmo é verdade para o incidente do cinema; nesse caso, deverá ser inferido que a personalidade mediúmica atuante influenciou telepaticamente a mentalidade do consulente para fazê-lo voltar para casa com antecedência, para lhe dar a ideia de entrar em um determinado cinema, no qual um espetáculo contendo a cena estava para acontecer." ele tinha que ver. E tudo isso com o objetivo de provar ao consulente que a personalidade mediúmica comunicante tinha a capacidade de influenciar telepaticamente aqueles seres vivos que se encontravam em condições de "relacionamento psíquico" com ela.

De outro ponto de vista, observo que se pelos episódios expostos podemos afirmar com certeza que não foram premonições, mas sim fenômenos de sugestão telepática, isso se deve à circunstância da personalidade mediúmica comunicante ter expressamente declarado que ele estava preparado para influenciar o consulente e as demais partes interessadas em um determinado sentido; porque se, em vez disso, ele tivesse anunciado os mesmos incidentes sem explicar nada sobre suas habilidades sugestivas, então incidentes reais de precognição teriam aparecido e, portanto, deveriam ter sido classificados como tais. Dito isso, repito que um bom número de premonições pertencentes a categorias importantes envolve a mesma explicação.

* * *

CASO XXXVIII – Ainda me refiro a um exemplo desse tipo, no qual a origem extrínseca sugestiva do incidente previsto resulta clara e indubitável.

Trago-o da **Light** (1920, p. 267). O Sr. James Watson relata o seguinte:

"Há alguns anos, minha esposa e eu fazíamos parte do Conselho de Administração da 'Congregação Espiritualista' de Cheshire. Minha esposa servia como secretária e, nesse cargo, ela combinou com uma conferencista que falaria em uma de nossas reuniões de domingo. Na noite da sexta-feira anterior ao domingo marcado, minha esposa e eu tivemos uma curta sessão de psicografia, durante a qual o habitual "guia espiritual" apareceu, ditando a seguinte mensagem:

"A Sra. X. (a oradora aguardada) foi acometida por um forte resfriado e, no próximo domingo, ela não estará com você. No entanto, não há necessidade de combinar com outros palestrantes, pois há material suficiente na programação do dia para preenchê-lo e para a sessão da noite, irei providenciar. O Sr. H.

falará nesta reunião; peçam-lhe, por favor, que substitua, improvisando um breve discurso. A princípio ele recusará, alegando várias razões; mas eventualmente vai permitir. Quando ele estiver na plataforma e se levantar para falar, eu o controlarei e falarei por sua vez. Ele é um bom sensitivo, que se presta a esse propósito. E agora ouçam bem: para vos provar que falarei por ele, assegurar-me-ei de que num determinado momento ele pegará com a mão direita o lenço que guarda no bolso esquerdo do paletó. Passará automaticamente três vezes pela mão esquerda semiaberta e, em seguida, colocará de volta no mesmo bolso. Esta será para vocês a prova indubitável da minha presença. Então não se preocupem, pois vai dar tudo certo”.

“Dito isso, nosso "guia espiritual" saiu. Discutimos sobre o que deveria ser feito e acabamos concordando que a melhor aposta seria confiar inteiramente em nosso amigo espiritual.

"O correio de sábado à noite trouxe-nos um postal da senhora que iria dirigir o culto de amanhã, no qual estava escrito:" Devido a uma forte constipação, lamento ter de vos prevenir do fato de que não poderei ir a reunião de amanhã."

“Chegou à noite de domingo e cerca de 150 pessoas se encontravam reunidas no salão. Eu estava atuando como o diretor do serviço. Enquanto o hino preliminar estava sendo cantado, olhei em volta e vi o Sr. H. sentado perto da plataforma. Fui cumprimentá-lo imediatamente, informando-o de nosso infortúnio e pedindo-lhe que o substituísse, improvisando uma breve palestra. Ele se recusou a princípio, alegando vários motivos, mas acabou sendo persuadido a subir ao palco, de onde o apresentei à assembleia. Ele se levantou, informando aos ouvintes que não tinha prática como palestrante, mas que, encorajado pela simpatia da assembleia, se propunha a falar sobre um tema importante. E deu como tema: “Espiritismo, chave para o futuro destino dos povos”.

"O professor improvisado falava por poucos minutos quando todos observaram uma mudança repentina acontecer com ele. Suas próprias características pareceram mudar; ao passo que sua maneira de administrar, o seu modo de se expressar, a facilidade da locução, a propriedade dos termos, deram nova vida ao assunto tratado; e nós assistimos ao desenrolar de um discurso muito importante, inspirado e convincente. Quando o bom sucesso do orador atingiu o máximo, o vimos levantar suavemente o braço direito, levar a mão ao bolso esquerdo, tirar o lenço, passá-lo três vezes pela mão esquerda

semifechada e depois colocá-lo de volta no mesmo bolso. Olhei para minha esposa, que, sorrindo, me acenou como que dizendo que havia entendido.

“Após a palestra, o Sr. H. voltou ao local e, dirigindo-se a mim, comentou: 'O que foi que eu falei? Tenho a impressão de ter sido controlado por uma entidade espiritual. Diga-me se causei má impressão'. Assegurei-lhe que, em vez disso, ele havia feito uma palestra admirável e muito interessante.

“Ao final do serviço, o Sr. H. recebeu o agradecimento e as felicitações dos ouvintes; mas não pensamos que devíamos revelar-lhe imediatamente o segredo do seu bom sucesso».

“A filha do Sr. Watson envia o seguinte depoimento à **Light**, confirmando o que foi exposto: «Garanto a exatidão escrupulosa do relatório enviado por meu pai sobre o fenômeno que todos testemunhamos em uma noite de domingo, há alguns anos. Ainda me lembro de como esperamos ansiosamente pela prova de identificação pessoal que nos foi prometida por nosso "guia espiritual"; e a prova do lenço foi expressa em devido tempo, com maravilhosa espontaneidade e precisão, enquanto que a palestra pareceu a todos admirável pela amplitude de visão”. (Assinado: **SRA. L. G. WATSONADAMS**).

O caso delineado não necessita maiores comentários, visto que as considerações em relação ao caso precedente, se adaptam muito mais a este outro, o qual é mais resolutivo do que o primeiro, no sentido da sua origem telepática-sugestiva, e, conseqüentemente, da origem correspondente de muitos episódios pertencentes à categoria das premonições "insignificantes e praticamente inúteis". Naturalmente, não é dito que acidentes dessa natureza não possam ocorrer, os quais resultam ser autênticos exemplos de visões premonitórias que surgem casualmente e sem objetivo do subconsciente. Isso é presumível; mas, em nome da lógica, bem como da análise comparativa dos fatos, tenhamos o cuidado de não generalizar, e limitemo-nos a inferir que podem ocorrer acidentes precognitivos que resultem no jogo de um automatismo cego das faculdades subscientes paranormais, isso não invalida em nada o fato de ter sido demonstrado que a grande maioria dos fenômenos parapsíquicos- incluindo a grande maioria dos aqui considerados- parecem governados por uma intencionalidade incontestável, que assume os mais variados aspectos e pode derivar de múltiplas causas inteligentes; intencionalidade que às vezes se manifesta de maneiras que vão além de todas as palavras misteriosas e sugestivas, pois muitas vezes se expressa ao **circunscrevendo a eficácia protetora** que a premonição poderia ter sobre a

existência do indivíduo a que se refere; isso é conseguido suprimindo os dados essenciais do evento doloroso que o domina e obscurecendo-o com símbolos incompreensíveis **até que o evento seja concluído**; isso com a clara intenção de fazê-lo vislumbrar apenas o destino que o espera, para criar nele um estado vibracional providencial que o predispõe moral e materialmente à grande prova, mas evitando rigorosamente que ele conheça a natureza da prova (principalmente quando se trata de morte **acidental**), como se não quisesse ou não pudesse impedir o cumprimento de seu destino.

* * *

CASO XXXIX – Refiro-me a um caso muito simples deste último tipo, que se presta a ilustrar e confirmar as considerações expostas.

Encontrei-o na **Light** (1920, p. 447). O Sr. B. M. Godsal, correspondente regular da **Light** nos Estados Unidos, relata este incidente que ocorreu a uma senhora sua conhecida:

“Por cerca de dez anos, a Sra. Bernard, que é uma sensitiva muito notável e possui faculdade mediunidade de cura, ouvia uma voz da clariaudiência que repetia com insistência esta mensagem enigmática: “Quando você fizer quarenta anos”. Estas palavras, claramente premonitórias, mas desprovidas de qualquer indicação esclarecedora, ela as ouviu em ocasiões especiais e em intervalos de vários meses. Ele tentou penetrar no mistério questionando seu falecido pai de forma mediúnica; mas ele constantemente se esquivava disso, respondendo com frases igualmente vagas, como as seguintes: “Porque você terá que provar ser forte...”. “Porque nós desejamos que você se prepare o evento...”. “Isso acontece para aprontar você a enfrentar suas provas com firmeza e ânimo”.

“No dia 7 de julho” passado, a senhora Bernard completou quarenta anos, e quando celebrou este aniversário junto com seus filhos e seu marido (que se formou em polícia financeira e serviu na fronteira mexicana), ela discutiu longamente com ele, com os filhos e com os amigos sobre a presumível interpretação da enigmática mensagem premonitória que persistira em fazer-se ouvir durante dez anos. Mas ele não teve que esperar muito para entender seu significado.

“Na manhã do terceiro dia após o festejado aniversário, dois velhos amigos da família vieram ter com ela para anunciar, com os devidos cuidados, que naquela manhã, ao amanhecer, seu marido, que guardava o desfiladeiro, havia sido

morto por contrabandistas. Ele tentou parar um caminhão carregado de álcool, mas o condutor o lançou em grande velocidade, passando por cima de seu corpo e matando-o instantaneamente. O contrabandista foi preso imediatamente e agora está nas prisões de Los Angeles, aguardando julgamento.”

Como foi assinalado, o referido episódio poderia, por si só, validar todo o complexo de considerações expostas. E, em primeiro lugar, parece inconciliável com a hipótese de quem deseja negar qualquer elemento intencional nos fenômenos premonitórios; hipótese absurda, já que é contrariada pela grande maioria dos fatos, mas que, como eu disse, foi defendida por personalidades eminentes no campo de pesquisas psíquicas.

Feito isso, observo que o episódio em questão, como tantos outros, logicamente nos leva a admitir a existência de uma fatalidade que recobre os destinos humanos; e isso pela consideração de que a entidade comunicante transmitiu persistentemente, durante uma década, a mesma mensagem reticente e incompreensível, que, porém, quando o evento se concretizou, demonstrou como a entidade em questão tivesse conhecimento do tipo de morte acidental que aconteceria ao marido da sensitiva em um ano, em um mês, em um determinado dia. Assim sendo, surge a pergunta: Por que o informante não comunicou tudo o que sabia à médium? Ou, pelo menos, por que ele não a avisou que, para a salvação de seu marido, ele não precisava sair de casa no dia 10 de julho? É claro que essas perguntas só poderiam ser respondidas de uma maneira, e é que o informante agiu de forma diferente porque não lhe era concedido impedir o cumprimento dos destinos humanos transmitindo mensagens suficientemente transparentes para permitir que um ser vivo escapasse do seu próprio destino; lhe foi permitido apenas transmitir mensagens premonitórias deliberadamente obscuras, a fim de preparar o vivente designado para a provação. Observo que, em nosso caso, essa explicação dos fatos coincide com o que a personalidade mediúnica de seu falecido pai havia declarado repetidamente ao médium, que presumivelmente também era o agente premonitório.

Por fim, observo que o caso em questão não só concorre com os demais para comprovar a existência de uma fatalidade sobre os destinos humanos, mas ao mesmo tempo demonstra que a gênese de todas as premonições análogas ao exposto (e são muito numerosas) não pode ser subconsciente, mas deve necessariamente ser considerado extrínseco ao psíquico, isto é, **espírita**; e isso

considerando que, se nas circunstâncias em discussão alguém quisesse atribuir o fenômeno precognitivo às faculdades paranormais do psíquico, então não se saberia explicar por que a personalidade subconsciente do psíquico não percebeu explicitamente sua própria personalidade consciente, neste caso a senhora Bernard, em torno do acidente fatal que teria atingido fatalmente seu marido em 10 de julho, aviso esse que teria lhe salvado a vida.

* * *

CASO XL – Este outro episódio, que também se refere a uma premonição de morte accidental, envolve os mesmos comentários do anterior. Extrato da extinta revista «**Annali dello Spiritismo in Italia**», revista fundada e dirigida há muitos anos pelo venerável professor Scarpa, de Turim (Niceforo Filalete).

O professor florentino Rinaldo dall'Argine escreve nestes termos ao prof. Scarpa.

"Caríssimo Filalete,

"Prometi mantê-los informados dos fatos mais notáveis do espiritismo que acontecem em Florença, e para não faltar com a minha palavra, vou lhe contar uma que, para mim, é realmente digno de nota...

"Em 12 de março de 1873, se reuniram na casa da condessa Enrichetta Bartolomei (esposa do conde Tommaso Passerini de Florença), vários amigos todos espíritas que vieram de Florença para visitá-la e passar algumas horas em sua companhia. Após os costumeiros cumprimentos e os elogios de costume, o tema do Espiritismo entrou em cena, e foi imediatamente combinado que se sentassem à mesa.

«Dito e feito: todos colocaram as mãos sobre ela e evocaram um Espírito sem especificar qual.

"Depois de alguns instantes, a mesa se moveu; o que significava que um espírito estava presente.

"-Poderia nos dizer com quem temos o prazer de estar em comunicação? A condessa Enrichetta perguntou a ele.

"-Com o irmão de sua falecida cunhada, a condessa Bartolomei, - respondeu-lhe o espírito.

"-Você é então Giorgio Robins?

"-Precisamente.

"-Você tem algo para nos dizer?

“-Direi que em breve minha irmã, condessa Enrichetta Inghirami, também virá se juntar a mim no mundo espiritual.

“-Você está brincando?

“-Não, estou dizendo a pura verdade.

“-Enrichetta Inghirami é idosa. É verdade, mas também é robusto e não parece que deva deixar este mundo tão cedo.

“-No entanto, asseguro-lhe que dentro deste ano ela chegará até mim.

“-E você pode me dizer em que mês a morte dela vai acontecer?

“-No próximo mês de junho.

“-Você também pode me dizer o dia em que ela será tirada de nós?

“-Sim, no dia 18 ele deixará a terra.

“Várias outras perguntas foram feitas ao espírito, às quais ele respondeu muito claramente; mas nenhum dos participantes, inclusive a dona da casa, acreditou em suas revelações, e foi considerado por um espírito mistificador, que havia emprestado um nome para se dar importância e se insinuar mais facilmente nas almas dos reunidos, como sempre acontece nos eventos espíritas.

“Todas as respostas do espírito, entretanto, como é costume em Círculos Espirituais bem dirigidos, foram escritas e preservadas.

“Julgando a revelação acima uma mistificação, a condessa Passerini não provou nenhuma dor por sua boa amiga Inghirami, e depois não pensou mais nisso.

“Foi assim que a predição do Espírito se cumpriu em junho. A condessa Enrichetta Robins (ela era inglesa), a viúva Inghirami, era idosa. Ele tinha nada menos que 77 ou 78 anos. Embora em uma idade considerável, ela era de constituição robusta, e ninguém seria capaz de adivinhar sua idade. Olhando para ela, dir-se-ia que ainda viveria por mais cerca vinte anos...

«Na noite de 17 de junho de 1873, a condessa Inghirami, em seu horário habitual, retirou-se para seu quarto e, ajudada por sua criada, despiu-se e deitou-se. Saindo a criada e ficando sozinha, pegou um livro que estava na mesinha de cabeceira e, acomodando-se bem nos travesseiros, começou a ler. Para ver melhor, mantinha uma lamparina encostada ao livro, que segurava com uma das mãos. Ela leu por algumas horas, mas finalmente o sono agravou suas pálpebras, fechou os olhos e ela, inconsciente, adormeceu profundamente. Ao mesmo tempo, o livro e a lamparina caíram de suas mãos, e a lamparina, que

por azar ficou sobre as cobertas da cama, não se apagou, acendeu e ateou fogo. Já eram duas horas da manhã.

A infeliz condessa abriu os olhos apenas para se encontrar no meio de uma fornalha! A fumaça que a sufocou, impediu-a de gritar e pedir ajuda, e as dores das queimaduras lhe tiraram o sentido. Ela se virou e desvirou na cama para sair daquele inferno e, finalmente, com um esforço supremo, ela caiu no pavimento, mais morta do que viva,

“O baque surdo que ela fez ao cair, sacudiu o chão de tal forma que acordou a empregada, que dormia no quarto de baixo, e, sem saber explicar aquele barulho inusitado e duvidando de algum infortúnio, ela se levantou correndo e em um segundo estava na sala da patroa. É mais fácil imaginar do que descrever o medo daquela pobre mulher ao ver as chamas que devoravam a cama, e da condessa que, deitada no chão, não dava sinais de vida! Começou a gritar com todas as suas forças e a pedir socorro. Todos os servos atenderam aos seus gritos; apagaram o fogo, que ameaçava alastrar-se por toda a casa, e com o devido respeito, levando a condessa, levaram-na para outro quarto e colocaram-na noutra cama.

"A infeliz Inghirami encontrou-se assim e o mais amoroso cuidado foi dispensado a ela; mas os tratamentos não valeram a pena. Não foi possível salvá-la e, em 18 de junho de 1873, ela entregou sua alma a Deus.

“Assim se cumpriu a predição feita pelo Espírito de Giorgio Robins no Círculo da Condessa Enrichetta Passerini.

"O miserável caso comoveu toda Florença e foi assunto da imprensa periódica." (Assinado: **PROF. RINALDO DALL'ARGINE**).

O caso apresentado é teoricamente interessante; em primeiro lugar do lado probatório, pois ser corroborado por testemunhas de estirpe, e foi comunicado ao prof. Scarpa assim que aconteceu, bem como relatado com base em atas regulares elaboradas durante a experiência da mensagem fatídica.

Além disso, parece teoricamente importante, pois também desta vez se trata de um caso de morte **acidental** (que consiste em eliminar a hipótese estritamente psicológica de "inferências de causas existentes no presente"), morte anunciada três meses antes, com a especificação exata do mês e dia em que ocorreria; o que se deduz disso é que, se a entidade comunicante provou estar tão bem informada que sabia o dia exato em que a pessoa designada deveria morrer, então também deve saber o tipo de morte acidental que a levaria para a sepultura. De novo então: por que ele não revelou tudo o que

sabia? Ou, pelo menos, por que não advertiu a condessa Bartolomei, amiga da condessa Inghirami, para que esta fosse prudente ao ler deitada na cama? E a resposta a estas questões só pode ser a referida acima, segundo a qual se deve concluir que, no caso em análise, como no anterior, a reticência em torno dos eventos previstos foi intencional, e teve por objetivo não impedir o curso do destino de uma criatura humana. Em suma, mesmo neste caso, devemos nos referir à hipótese fatalista. Solução racional porque se baseia na análise comparativa de um grande número de fatos muito mais eloquentes do que os aqui relatados, mas que naturalmente deixa sem solução a questão que mais nos preocupa: aquela constituída pelo fato do agente comunicante que veio a conhecer três meses antes da data exata da morte accidental da Sra. Inghirami. É verdade que se pode observar a esse respeito que, se existe uma fatalidade, isso implica necessariamente a existência de entidades espirituais encarregadas de governar os acontecimentos humanos; portanto, deve-se concluir que a entidade comunicante tinha conhecimento do que deveria acontecer por ter estado em contato com uma dessas entidades. E se houver uma fatalidade, não se pode haver dúvida sobre a validade dessa explicação.

No entanto, não devemos esquecer que ainda seria uma explicação aplicável a uma determinada categoria de episódios e nada mais, já que o problema da clarividência no futuro é um problema dos mais complexos, e tudo contribui para demonstrar como os episódios dos casos em questão se originam de causas múltiplas, que podem ser diluídas em hipóteses extremamente diversas. No entanto, constituem um todo solidário e harmonioso pois nenhum deles sozinho poderia explicar o histórico do caso como um todo, e somente com a condição de mantê-los todos presentes e usá-los todos à sua vez, é possível resolver qualquer perplexidade teórica.

Recordo, a este respeito, que no meu livro sobre "Fenômenos Premonitórios" apontei como foram encontrados casos que podiam ser explicados pela hipótese de "inferências de causas existentes no presente", colocadas diante de outros casos que só podem ser explicados pela extensão paranormal da mesma hipótese, isto é, postulando, até um certo limite, a capacidade das faculdades subconscientes paranormais de inferir em causas existentes no presente certas concatenações complexas de causas e efeitos inacessíveis às faculdades de inferência normal; afim de conferir às inteligências desencarnadas de uma ordem superior apenas, a capacidade de infligir aquelas concatenações de causas e efeitos que, devido à sua natureza prodigiosa e distante no tempo, ou

contrária aos interesses do vidente ou do consultor, não poderiam razoavelmente ser atribuída ao subconsciente humano (hipótese da "onisciência das causas"); enquanto, como vimos, para outros casos seria experimentalmente demonstrado que eles às vezes são preparados e realizados com sucesso pelas personalidades mediúnicas que os predizem (hipótese de "sugestão telepática" aplicada a casos de premonição); e para outros grupos de fatos não haveria explicação plausível diferente daquela baseada na existência pré-natal dos indivíduos (hipótese de "reencarnação"), segundo a qual deve ser inferido que se a existência terrena representasse apenas um elo em uma concatenação vida indefinida de vidas sucessivas, e se o próprio espírito no ato da reencarnação predeterminou os eventos cardeais aos quais ele teve que passar na nova existência encarnada (eventos que foram apagados de sua memória fisiológica com a entrada na vida, mas que permaneceram registrados no subconsciente, de onde emergiram na época e foram realizadas em virtude de um processo análogo àquele pelo qual as sugestões pós-hipnóticas foram expressas). Se tudo isso acontecesse, as cognições premonitórias poderiam muitas vezes ser atraídas para a memória integral latente de cada indivíduo, tanto por meio do trabalho da personalidade subconsciente do mesmo indivíduo, quanto por meio do trabalho de agentes extrínsecos, o que levou à conclusão de que um bom número de manifestações premonitórias que pareciam obra de inexorável fatalidade foram resolvidas em atos de livre vontade. Nesse caso, foi necessário circunscrever ainda mais o domínio do fatalismo, que, longe de ser absoluto, era mais relativo do que nunca, enquanto o campo em que a liberdade e a responsabilidade humana se mostravam mais ampla de quanto se poderia supor.

No entanto, como também foi comprovado que na série de casos premonitórios havia grupos de episódios que não poderiam ser explicados por esta última hipótese, daí resultou que não foi possível, de forma alguma, evitar a referência à hipótese da existência de uma fatalidade colocada à serviço dos destinos humanos, embora tudo levasse a demonstrá-la limitada aos eventos capitais relativos a cada existência individual, como nascimento, a morte e a orientação na vida.

Como vimos, os dois últimos casos relatados estariam dentro desta última hipótese; como entraria o episódio seguinte, ao qual me refiro por ser um exemplo típico de muitos outros existentes em minhas classificações.

CASO XLI - Foi publicado na revista semanal inglesa **Pluck**, em janeiro de 1890, pelo protagonista do caso, e depois foi republicado na mesma revista em dezembro de 1908, quando ocorreu a segunda profecia de morte contida no mesmo caso, desta vez a profecia referia-se ao próprio protagonista. Retirei isso da revista **Light** (1916, p. 211).

Como muitas vezes acontece, a primeira publicação do caso, embora já muito interessante e sugestiva por si mesma, quase passou despercebida pelos investigadores psíquicos, e teria sido perdida devido à casuística premonitória se a segunda premonição não tivesse sido realizada. No caso em si, premonição a respeito do protagonista dos fatos, e isto depois de transcorridos vinte e quatro anos desde o sonho fatídico, e conforme a data simbolicamente prevista. Segue-se que esta segunda publicação do duplo caso macabro, que se revelou verdadeiro em todas as suas partes, produziu uma impressão justificada em um ambiente metapsíquico, enquanto que os numerosos comentaristas concordaram em admitir que as duas profecias de morte realizadas em um sonho pelo relator-protagonista não poderiam ser explicadas, senão postulando a existência de uma fatalidade inexorável pela qual resultaria irrevogavelmente fixada a data da morte de cada indivíduo.

Como já foi dito, trata-se de um sonho profético ocorrido ao escritor-jornalista Edgar Lee, que publicou a reportagem assim que se concretizou uma das predições de morte previstas no sonho, declarando fazê-lo para satisfazer a insistência de amigos, visto que pessoalmente ele nunca teria decidido publicá-lo porque ele considerava o tema uma coisa sagrada.

Ele conta que no verão de 1884 morava em Nunhead, a pouca distância do grande cemitério. Certa noite, por volta da meia-noite, ele estava sentado em sua mesa e se preparava para escrever um artigo urgente para sua revista. Antes de começar, acendeu o cachimbo e, depois de fumar por alguns minutos, foi tomado por uma sonolência, adormeceu e já começou a sonhar. Ele pensou ter ouvido passos se aproximando da porta, levantou-se e abriu-a, encontrando-se na presença de seu amigo Arturo Sutton, poeta e jornalista que lhe explicou que, sofrendo de insônia, tinha saído com a intenção de se cansar depois de fazer uma longa caminhada, e que, chegando na casa do amigo, subira para cumprimentá-lo. Eles ficaram sentados fumando e conversando por algum tempo; então, por sugestão de Sutton, foram a um restaurante próximo.

A história do sonho continua:

“Assim que estávamos na estrada, iluminados por uma lua magnífica, Sutton me pegou pelo braço, dizendo:

“Agora vou fazer um convite curioso: quer vir comigo fazer uma visita ao cemitério?

«Eu perguntei: Mas por quê? Em primeiro lugar, observo que o cemitério não está no caminho que devemos percorrer; além disso, me parece que seu desejo é bastante macabro.

“Acho que você não terá medo!

“Claro que não; mas sua proposta é pelo menos intrigante.

“Ouça - ele observou, assumindo uma expressão funesta impressionante - eu tenho os meus motivos **para querer ir ao cemitério esta noite**.

“Já que é assim, irei acompanhá-lo; até mesmo porque a distância é de minutos; no entanto, declaro francamente que o passeio não é do meu gosto.

“Passamos pela esquina da esplanada onde se joga “Cricket” e chegamos ao grande cemitério, rodeado por um muro baixo decorado com um portão interminável. Percorremos um longo caminho e, quando estávamos quase chegando ao fim de um de seus lados, disse ao meu amigo:

“Querido Sutton, a era das longas caminhadas românticas ao luar já passou para mim. Vamos voltar.

“Um momento - observou Sutton, - desejo que antes você entre no cemitério, pois tenho que lhe apontar algo que você nunca esquecerá.

“Sua maneira parecia singularmente enfática e imperativa. Ele apontou para um ponto onde o portão foi movido pelo pilar de suporte. Ele se aproximou, puxou-a para si, abrindo espaço para uma pessoa passar; então ele me disse: pule para o outro lado. Eu obedeci automaticamente; mas hoje ainda me lembro, como se fosse ontem, que estremei ao pensar que ele tinha enlouquecido e me levado até aquele ponto, com a astúcia de um louco, me matar.

“Eu perguntei: Mas qual é o propósito de tudo isso?

«Eis aqui: eu sei que você gosta muito do maravilhoso. Bem: leia esta epígrafe.

“Abaixei-me e vi que meu nome, a data de meu nascimento e a data de minha morte estavam gravados na lápide; com isso que era muito curioso, tinha um pedaço de erva trepadeira que escondia o último dígito do milésimo em que minha morte ocorreria; milésimo que me pareceu 1907 ou 1909.

“Bem- observei- se for esse o caso, ainda viverei muito.

“Sim; você não pode reclamar do destino. Agora venha e leia a inscrição em meu túmulo.

«Vagueamos algum tempo entre as tumbas, e depois chegamos a uma cova recém cavada, perto da qual havia uma pedra sepulcral tombada sobre o monte de terra extraído da cova.

“Isso é para mim, ele observou, sorrindo ameaçadoramente.

«Disse-lhe: Ajuda-me a virar a pedra sepulcral; e nossos esforços combinados conseguiram com dificuldade.

“Meu amigo estava certo: seu nome, a data de seu nascimento, a data de sua morte estava gravada naquela pedra; e a inscrição parecia muito clara.

“Por Júpiter! Exclamei: Querido Sutton, você tem muito pouco para viver! “Abril de 1887!”.

“Qual dia do mês? Ele perguntou.

“Abaixei-me para limpar a sujeira da lápide que grudou na data; mas naquele preciso momento, acordei sobressaltado, encontrando-me na cadeira, em frente à escrivaninha, com um cachimbo apagado a meus pés. Peguei meu cachimbo, acendi-o novamente e olhei para o relógio: apenas dois minutos haviam passado da meia-noite! Essa circunstância me pareceu literalmente incrível, pois me lembrei que antes de adormecer tinha ouvido o relógio bater meia-noite! Por isso, dormi menos de dois minutos!...

«Logo de Amanhã contei o sonho macabro aos meus amigos jornalistas da “Fleet Street”, e entre eles, também Sutton, que me ouviu com alegria.

“Três anos se passaram; e vejam só, no mês passado chegou a notícia de que Sutton adoecera e que o médico tinha poucas esperanças de recuperação. Recordei com extraordinária vivacidade o sonho que tivera e que, pela primeira vez, me pareceu profético.

“Fui ver o meu amigo; e quando eu vi, fiquei impressionado. Ele parecia a sombra de si mesmo. Suas irmãs tinham vindo da província para ajudá-lo; mas eles, como o médico, haviam perdido todas as esperanças.

“É claro que sempre que fui vê-lo, evitei cuidadosamente iniciar conversas que pudessem relembrar o sonho que tive na memória do doente; mas quando chegou o fatídico mês de abril, e quando no dia 11 daquele mês eu estava ao lado da cama dele, distraíndo-o com anedotas profissionais, já que era uma forma de fofoca que ele gostava, ele esperou que eu me levantasse para ir

embora, e quando estendi minha mão para ele, ele murmurou solenemente, com perfeita calma: abril de 1887.

«Ele perguntou serenamente: E você não leu a data do dia?

"Não.

"Ele ficou em silêncio, apoiando a cabeça no travesseiro. Saí e nunca mais o vi, pois Arturo Sutton morreu no dia 15.

"E esta não é a parte mais maravilhosa do fatídico sonho.

"Os parentes dele, que ignoraram o meu sonho, resolveram enterrá-lo no cemitério de Nunhead, e eu com três ou quatro velhos amigos do falecido fomos ao funeral, pegando o trem para a estação Victoria. Ao longo do caminho, contei meu sonho a amigos, acrescentando que embora nunca tivesse entrado no cemitério de Nunhead, pois compartilhava com Sutton uma aversão especial por ele, que não sentia por nenhum outro cemitério, eu havia passado por várias vezes ao longo de seu recinto e ver o lugar onde o sonho macabro aconteceria.

"Um dos amigos perguntou: Quando passaremos pela cerca do cemitério, você deve apontar o ponto exato onde nosso amigo será enterrado, assim o seu sonho será convalidado de forma impressionante; ainda mais se considerarmos a imensidão do cemitério.

"Pouco depois chegamos ao morro que leva à igreja, onde fica o cemitério. Caminhando pela estrada de um lado dela, estava olhando para aquela imensa extensão de tumbas, quando de repente, em um canto bem longe de nós, reconheci o local do meu sonho, e sem hesitar exclamei: Nosso amigo será enterrado naquele local, ao lado do portão.

"Vinte minutos depois, estávamos todos reunidos em torno de uma cova onde foi baixado o corpo do meu amigo Sutton, e esse fosso foi cavado no local exato que indiquei aos amigos. "Todos estes últimos residem em Londres e se declaram prontos para prestar seu testemunho sobre o que eu afirmo."

É aqui que o relacionamento de Edgar Lee termina. Só que depois de mais 21 anos, a segunda parte da profecia sobre a data da morte do relator protagonista do sonho premonitório, passou a se realizar por sua vez. Na verdade, ele morreu em 14 de dezembro de 1908.

Como vimos, no sonho ele vislumbrou diretamente os três primeiros dígitos do milésimo de sua morte, e vislumbrou apenas o último dígito, escondido por um tufo de ervas trepadeiras, dando a impressão de que o ano fatal deve ter sido 1907 ou 1909. Em vez disso, foi o ano intermediário: 1908.

Do lado probatório, deve-se notar que o caso citado contém em si a melhor prova de sua autenticidade sobrenatural, e isso pela boa razão de que o sonho premonitório foi publicado pela primeira vez pelo repórter para solicitação de amigos em janeiro de 1890; isto é, **dezoito anos antes** que se realizasse a segunda profecia sobre sua própria morte.

Como indiquei no início, o episódio aqui narrado é um exemplo típico de muitos outros em que a profecia da morte, embora assuma várias formas simbólicas, apenas indica a data em que uma pessoa designada deve morrer. Agora observamos uma circunstância interessante e sugestiva a esse respeito: a de que no simbolismo premonitório é introduzido um detalhe que impede o vidente, ou o adormecido, de discernir a expiração precisa da hora de sua própria morte, ou da morte da pessoa designada. Quando este não é o caso, isto é, quando o dia da morte da pessoa designada é transmitido em termos explícitos, então observa-se que a pessoa destinada a morrer não está vinculada por relações afetivas com quem percebe.

Em meu volume anterior sobre "Fenômenos Premonitórios", relatei vários exemplos deste tipo, incluindo alguns que confirmam validamente as observações apresentadas, uma vez que deles aprendemos que quando a data do mês e do dia é dada, então a data do ano (caso LIV), e que quando a data é informada na íntegra, e a pessoa destinada a morrer está emocionalmente ligada ao destinatário, o nome da pessoa é silenciado (caso LVIII). Não há quem não veja como essas características das premonições em questão demonstram ainda mais e efetivamente a existência de uma intencionalidade encarregada de expressar os fenômenos premonitórios; e as **reticências** do tipo exposto, demonstram claramente como nas circunstâncias em questão esta intencionalidade se propõe a transmitir um pré-aviso da morte suficientemente precisa para não deixar dúvidas sobre sua gênese sobrenatural, mas ao mesmo tempo suficientemente obscuro ou reticente para não remover para ao predestinado, o benefício moral da incerteza quanto ao golpe da "Grande Hora" que o abate, ou abate uma pessoa querida por ele.

Não devemos esquecer que os episódios do tipo exposto constituem apenas um dos múltiplos grupos de fatos pertencentes a uma vasta categoria de manifestações premonitórias, das quais emerge a prova indubitável da existência de uma fatalidade encarregada de governar os eventos cardeais dos indivíduos, e povos; portanto, uma fatalidade relativa. E nem sempre

irrevogável mesmo que no domínio de competência, mas existente igual as leis fundamentais na evolução da Vida e no porvir da humanidade.

A esse respeito, já foi apontado que na categoria em questão existe um conjunto de episódios que são literalmente decisivos nesse sentido, e é o conjunto de premonições que **não salvam a pessoa designada da morte** pelas lacunas expressamente desejadas pelo vidente, o qual recorre muitas vezes ao expediente de obscurecer os acontecimentos em símbolos suficientemente obscuros para serem impenetráveis nas partes interessadas **até que o acontecimento se complete**.

Desta feita, observo que a existência da categoria em questão, nas quais consistem episódios precisos e indubitáveis no sentido indicado, não impede que seja contrastada por outra categoria de episódios os quais se demonstram precisamente o contrário; vale a pena dizer que em base a elas se aprende como se realizam numerosas premonições que **salvam da morte** a pessoa designada.

Não há dúvida de que essa alternativa de manifestações contrastantes constitui para o indagador um enigma que, a princípio, antes de tudo, o confunde; mas assim como os fatos são fatos, e uma vez que não pode haver contradições inerentes nas modalidades com as quais são expressos, as quais necessariamente devem resultar os efeitos de causas específicas, somos forçados a concluir que em tais contradições fenomênicas presumidas, na realidade, ótimas provas convergentes acumuladamente com as demais em relação a demonstrar a existência de uma lei transcendental colocada à serviço da palingênese humana; uma lei que não poderia deixar de ser inspirada por uma justiça suprema.

Para evitar uma objeção que é fácil de surgir na mentalidade de alguns pseudofilósofos ou pseudocientistas, que pressupõem que qualquer referência a um mistério transcendental na vida, demonstra naqueles que o formulam tendências deploravelmente místicas, que nada teriam em comum com ciência, declaro que as conclusões expostas são formuladas com base nos métodos de investigação experimental que fundamentam qualquer ramo da ciência, que consistem na aplicação dos processos de **análise comparativa e convergência das evidências aos fatos**; processos que pelo escritor foram aplicados a milhares de fatos. Portanto, repito que com base nisso, uma primeira conclusão fundamental pode ser considerada alcançada, e é que os fenômenos precognitivos, considerados como um todo, provam a existência de um padrão

pré-estabelecido na vida dos indivíduos, que é em parte **extrínseco** a eles, e em parte **intrínseco** (isto é, que no último caso seria determinado pela personalidade integral subconsciente); esquema pré-estabelecido ao qual toda existência individual deve se submeter. Daí outra inferência inevitável, e é que esse esquema pré-estabelecido não teria propósito se não fosse expresso em vista da sobrevivência da individualidade espiritual humana com a morte do corpo; e esta última conclusão parece ser necessária em face das maneiras pelas quais os fenômenos paranormais são expressos, que somente sob a condição de admiti-la é possível triunfar sobre todas as dificuldades teóricas. Aqueles que não admitem nunca conseguirão superá-los.

* * *

Omiti, não sem pesar, seguir exemplos de premonições **que salvam da morte** o sujeito ou outras pessoas designadas (premonições **tutelares**), já tendo citado exuberantemente na monografia a que pertencem, que é a dos "Fenômenos Premonitórios".

Limito-me, portanto, a algumas outras poucas citações de eventos diferentes que não envolvem a morte, cuja natureza incomum se presta a considerações teóricas instrutivas.

* * *

CASO XLII – Começo com um acidente de carro previsto por um menino de quatro anos.

A Sra. Netta Schoelmer relata o seguinte episódio à revista francesa **Psychica**:
«Moro com a minha sogra num edifício perto de Lilla. Como sempre há recepção em minha casa à noite, tenho o hábito de colocar meu filho de quatro anos para dormir cedo e deixá-lo sozinho assim que adormece. Ele nunca manifestou nenhum tipo de medo.

«Numa dessas noites, para meu grande espanto, ouvi ele chorando. Corro até ele e o encontro de pé em sua cama, com grande agitação. Eu pergunto a ele o motivo de suas lágrimas, e ele responde:

« “Eu vi papai, mamãe, vovó e tia Carolina no carro. Giovanni não estava (Giovanni é o nosso criado, que sempre nos acompanha nas viagens). Os carneiros cercaram o carro, e o carro caiu na água...”.

“Tentei acalmá-lo. Eu o fiz recitar uma oração e ele logo adormeceu novamente.

«A mesma cena repetiu-se na noite do dia seguinte: começou a chorar; eu corri e descobri que ele teve o mesmo sonho vividamente; e para ele tal visão era aterrorizante.

“No terceiro dia houve uma festa na aldeia vizinha. Partimos nessa altura, numa carruagem de dois cavalos, conduzida pelo nosso cocheiro. Éramos: o pai, a mãe, a avó, a tia Carolina e o criado Giovanni.

“Correu tudo bem: não houve nenhum acidente. Às dez e meia, minha mãe expressou seu desejo de ir para casa, deixando-nos para aproveitar novamente aquele feriado; mas dissemos que queríamos voltar para casa. Nesse ponto, o sonho do meu filho voltou à minha mente; e isso porque, achando-nos muitos para uma carruagem, decidimos que Giovanni voltaria para casa a pé; mas imediatamente me tranquilizei, pensando que meu cunhado estava conosco, que não tinha sido citado pelo meu filho.

“E eis que assim que chegamos às portas da cidade, meu cunhado de repente se lembra que tinha um conselho administrativo amanhã de manhã, e imediatamente sai do carro.

«Um pouco mais à frente vem um bando de carneiros em nossa direção, bloqueando literalmente a estrada, obrigando-nos a parar. Os cavalos começam a relinchar e ficar agitados; então eles escurecem e dão um passeio selvagem. Quando chegamos ao canal que passa ao lado da estrada, a carruagem vira e todos caímos na água. Havia muita água no canal e as pessoas que correram para lá lutaram para nos resgatar de uma situação grave. *

«O sonho do meu filho foi plenamente realizado! Por duas noites seguidas, ele testemunhou em sonho o grave acidente que ameaçaria a vida de seu pai, mãe, avó e tia; visualizando o bando de carneiros, o carro que caiu na água, e também sinalizando a ausência do criado Giovanni; particularmente este último que nos parecia improvável, já que Giovanni sempre nos acompanhava em nossas viagens.

"Por último, deve-se acrescentar que na noite do acidente, meu filho, que havia sido confiado à governanta, acordou mais uma vez às dez e meia, nas garras do susto de sempre por uma terceira repetição do dramático sonho, que desta vez ele poderia se considerar telepático. Ao mesmo tempo, a governanta ouvia nossos gritos da rua". (Assinado: **NETTA SCHOELMER**).

O episódio relatado parece teoricamente interessante. Aqui está um menino de quatro anos, que sonha por três noites consecutivas em testemunhar um acidente de carro muito marcante, do qual seus pais e familiares são vítimas;

acidente que é realizado dois dias depois. A circunstância da repetição de um sonho idêntico por três noites consecutivas, uma circunstância comum em muitos sonhos premonitórios - indica no agente informante (seja ele quem for) a intenção precisa de relatar um fato a alguém; e uma vez que, em nosso caso, isso não poderia se referir à criança receptora, deve-se dizer que o relato se destinava à família da criança. Mas, uma vez que essa sinalização premonitória não tinha caráter **protetor** em si mesma, e parecia apenas notável por ser um excelente exemplo de clarividência no futuro de uma ordem **acidental**, portanto imprevisível, isso concluiria que o informante havia proposto apenas para atingir a imaginação de os vivos apresentando-lhes, por meio de uma criança inocente, um episódio paranormal com a intenção de sacudir sua inércia mental, e levá-los a refletir sobre os mistérios transcendentais do espírito humano (lembre-se que esta é a explicação dada em circunstâncias semelhantes por personalidades mediúnicas). Nesse caso, certamente não se poderia falar da origem subconsciente da premonição em questão, visto que a personalidade integral de um menino de quatro anos não poderia demonstrar prova de elevado propósito.

A única forma de evitar o obstáculo teoricamente intransponível seria negar qualquer intencionalidade ao fenômeno paranormal em questão, supondo que as faculdades subconscientes da criança, tendo entrado esporadicamente em exercício, tenham percebido por puro acaso o infeliz acontecimento que dominou os familiares da própria criança. Exceto que a teoria do "puro acaso" parece literalmente irreconciliável com a circunstância do incidente premonitório que se repetiu por três noites consecutivas, e ao mesmo tempo em que ocorreria o fato; o que demonstra de maneira decisiva a existência de qualquer intencionalidade na manifestação paranormal que ocorreu. Sem falar que ainda falta responder: como se deu a percepção do evento? **Na forma ativa ou passiva?** Na hipótese de intervenção de uma entidade espiritual consciente do que estava para acontecer, a resposta seria fácil, pois bastaria supor uma transmissão telepática da imagem cinematográfica verídica vista pela criança; mas no caso de uma presumida percepção **ativa** ou direta de um fato que ainda não ocorreu, como resolver a questão? Por se tratar do subconsciente de uma criança de quatro anos, certamente não se poderia recorrer à hipótese de "inferências de causas existentes no presente" e, fora dessa hipótese, apenas à hipótese oculta da existência de "os clichês astrais" permaneceriam, segundo os quais "os eventos futuros projetariam suas sombras antecipadamente em um

ambiente transcendental"; mas, como podemos ver, é uma hipótese puramente metafísica, muito estranha, muito improvável, que sem dúvida nada mais é do que uma expressão verbal pura desprovida de significado. Quem quiser adotar, desde que reconheça que a hipótese em questão é indemonstrável, e que não haja sequer a sombra de uma prova indutiva direta ou indireta a seu favor, nem mesmo que haja apenas um argumento mais ou menos lógico a seu favor, desprovido de qualquer valor científico e, conseqüentemente, jamais avançará nosso conhecimento sobre o assunto, uma vez que o conhecimento não se baseia em "atos de fé".

Concluindo: Os fenômenos sensitivos que têm como protagonistas crianças em idade muito tenra, são sempre teoricamente importantes, pois são utilizados para eliminar as hipóteses que podem ser legitimamente propostas para elucidar os fatos sem fugir dos poderes do subconsciente, obrigando uma vez mais para reconhecer a grande verdade de que muitas manifestações desse tipo são de origem extrínseca, mesmo quando não há circunstâncias que tendem a demonstrá-lo.

* * *

CASO XLIII – Esse outro episódio se refere a uma previsão interessante, segundo a qual o consultante deveria dentro em breve, hospedar-se em um antigo castelo, de cuja existência lhe era ignorada.

O conhecido escritor inglês Robert Hichen narra na edição de 13 de julho de 1919 do periódico inglês **The Weekly Dispatch**, um episódio notável, de cunho particular, de "visão no cristal", com um desenvolvimento precognitivo, visão essa que se concretizou de uma forma incrível.

Ele informa que há alguns anos, estando em companhia de um amigo que possuía a faculdade de "ver no cristal", convidou-o a exercer a sua clarividência em seu nome; e ele, olhando para o cristal, falou assim:

« "Eis aqui o que se me manifesta: vejo um antigo castelo, algumas partes das quais são muito antigas. Fica em um lugar solitário, muito longe de qualquer outra residência. É dotado de torres, rodeado por muros muito altos, e no interior existe um grande pátio. Foi outrora um convento de frades, mas há muito que eles não aí residem. Um rio corre perto do castelo. Lá dentro, vejo um longo corredor, que é assombrado por um fantasma que se manifesta andando de um lado para o outro... O castelo é cercado por montanhas, uma das quais aparenta ser altíssima...

“Impressionante.... Há algo nele que inspira terror..., mas você, sabe alguma coisa sobre tudo isso?” “Respondi que a visualização dele não me lembrava nada.

“Então você nunca esteve neste castelo? É dominado por uma terrível montanha alta...

“Eu balancei minha cabeça negativamente.

“Bem, se for assim, significa que você terá que ir para lá: e isso vai acontecer em breve. “Eu perguntei: onde fica este castelo? Talvez na Inglaterra?

“Ah não! Muito longe daqui. Muito, muito, ao sul. Em um deserto. Mas não posso dizer exatamente a localização.

“Ele está localizado na Europa?

“Eu diria sim; mas, em qualquer caso, quase nos limites extremos da Europa. Lembre-se: um castelo com torres; um rio que corre perto dele; um grande pátio; um corredor assombrado por um fantasma; lá viviam monges... Algum dia, ainda este ano, vocês ficarão neste castelo... Eu sei que vocês ficarão neste castelo... Quando isso acontecer, faça-me o favor de me informar sobre isso”.

“Algumas semanas depois, fui convidado para um banquete de caminhantes e por acaso me sentei ao lado de um conhecido proprietário de terras inglês, que eu nunca havia conhecido antes. Entre outras coisas, ele possui vastas terras na Sicília, onde reside a maior parte do ano.

«Ele me disse: “Se você vier para a Itália, deve ir até a Sicília. No outono estarei lá e ficarei feliz em mostrar os lugares mais interessantes da ilha. Se você decidir fazer isso, não se esqueça de me avisar.

“Agradei, prometendo-lhe que lhe escreveria.

“Aconteceu que no outono tive que ir para a Itália; então eu tive o desejo de ir tão longe quanto a Sicília. Escrevi, portanto, ao meu amável companheiro de mesa, que respondeu telegrafando que me esperava em sua casa.

“Quando cheguei ao local, percebi que ele vivia num antigo castelo, que ficava no meio de uma montanha, mesmo ao pé do majestoso vulcão Etna. Um rio corria perto das altas muralhas do castelo, que era dotado de torres, com um grande pátio interno. Meu quarto dava para um longo corredor que, segundo me disseram, era assombrado por um fantasma; embora eu nunca tenha visto o fantasma e nunca tenha ouvido seus passos. O proprietário confirmou-me que, nos tempos antigos, aquele castelo tinha sido um convento de monges.

“Fiquei tão impressionado com a ocorrência que no dia seguinte em que cheguei escrevi ao meu amigo clarividente para informá-lo de que sua

premonição havia sido plena e maravilhosamente realizada, e que naquele momento eu estava no castelo que ele visualizou no cristal" (Assinado: **ROBERT HICHENS**).

Os fenômenos precognitivos são tão multiformes, e assumem aspectos tão díspares e contraditórios, que confundem o critério de quem os tenta interpenetrar. Sempre novas, inesperadas e formidáveis perplexidades surgem diante do investigador, no sentido de que muitas vezes o que é válido para elucidar um episódio não vale mais para outro intrinsecamente semelhante, ou mesmo aparece em contraste com ele. O que fazer com isso? Resta perseverar tenazmente para sempre analisar e comparar fatos e outros fatos; nisso, amparados pela firme confiança de nos encontrarmos no caminho certo e, conseqüentemente, confortados pela esperança de um dia chegar ao limite do véu impenetrável que esconde o semblante da grande esfinge precognitiva.

No episódio anterior foi apontado que a hipótese de "inferências de causas existentes no presente" não poderia se aplicar ao subconsciente de uma criança de quatro anos, concluindo com uma presumível intervenção espiritual na manifestação do próprio episódio, mesmo que nada emergisse dos fatos que ele tendesse a sugerir. Para este outro episódio, o que se pode concluir? O fato é que desta vez eles são adultos e não mais crianças; mas, em qualquer caso, a hipótese de que se presume que o subconsciente de um sensitivo penetre no futuro com base em "inferências de causas existentes no presente" deixa de se provar plausível assim que certos limites irreconciliáveis com os atributos essenciais são excedidos, normal e potencial, de uma mentalidade **finita**, como a humana; Considerando que alguns defensores, a qualquer custo, da solução subconsciente de toda casuística metapsíquica, não hesitam em conferir-lhe a onisciência divina; o que de um ponto de vista psicológico e filosófico é uma heresia absurda. Agora, no caso exposto, a complexidade das circunstâncias acidentais que levaram à realização da profecia, e a admirável veracidade de numerosos detalhes secundários teoricamente muito importantes (como, por exemplo, o detalhe do fantasma assombrado), tornam contrária à lógica e ao bom senso a hipótese explicativa em questão.

Dito isso, surgiria a outra hipótese ocultista dos "clichês astrais", que precederiam em um ambiente transcendental os eventos que estão amadurecendo no ambiente terreno; mas, como já disse - essa hipótese parece tão gratuita, além de fantástica e incompreensível, que qualquer investigador com intenções científicas deve recusar-se a discuti-la.

Sendo assim, que outra hipótese podemos usar? No que diz respeito às "premonições insignificantes e praticamente inúteis", já foi assinalado que delas emerge uma intencionalidade que, consoante o caso, devia ser atribuída ora ao subconsciente integral, ora ao espiritual, que primeiro todos transmitidos telepaticamente ao sensitivo, em forma de visões oníricas ou de outras formas, uma dada situação futura em que eles ou outros deveriam ter se encontrado, para então tentar provocar sua realização em virtude de sugestões telepaticamente exercidas sobre os sensitivos ou outras partes interessadas. Como observei na época, essa hipótese era a única inabalavelmente fundada em fatos positivos e indiscutíveis; e, conseqüentemente, também a única que poderia ser considerada cientificamente demonstrada em caráter experimental; sem prejuízo, no entanto, da extensão teórica que lhe seja conferida. Em outras palavras, apenas aqueles episódios que contivessem em si a prova indiscutível de sua origem extrínseca no sentido considerado deveria ser considerada como tais, ou aquela explicação deveria se estender aos numerosos episódios do tipo inexplicável com outras hipóteses, embora no contexto do mesmo nada emerge nesse sentido? Observo que, de um ponto de vista estritamente racional, deve-se concluir em favor da última solução; exceto que a falta de dados que possam justificá-la se transforma em um grave inconveniente, já que nada de concreto pode ser afirmado a esse respeito, a própria solução permanece desprovida de eficácia teórica.

No entanto, observo que, com base em uma análise mais aprofundada do caso em questão, deve-se, em vez disso, admitir que nele se encontra um detalhe fenomenal que valida a hipótese de uma intervenção extrínseca no sentido que acabamos de expressar; e este detalhe é o do sensitivo que informou que o castelo que ele descreveu estava assombrado por um fantasma. Ora, uma vez que o sensitivo não poderia ter se familiarizado com ele **psicometricamente**, visto que na ausência de um objeto vindo do castelo em questão ele não poderia ter entrado em uma "relação psíquica" com o próprio ambiente, assim como não poderia ter alcançado através do consultor, visto que este desconhecia a existência do castelo e ainda não conhecia o seu dono (duas circunstâncias que, se fossem conhecidas por ele, teriam proporcionado ao sensitivo a indispensável "relação psíquica" para tal propósito), segue-se que o sensitivo não poderia de forma alguma se familiarizar com os detalhes abstratos relativos ao "fantasma assombrado", **exceto se ele tivesse sido telepaticamente informado disso por uma entidade espiritual**; e aqui

estamos em uma convalidação adequada, com base nos fatos, da única hipótese racional capaz de interpretar o caso em discussão.

* * *

CASO XLIV – Retiro o seguinte episódio do livro muito importante do rev. C. L. Tweedale: **Man's Survival after Death** (p. 242 - 245), e refere-se a uma premonição de casamento.

O rev. Tweedale informa que o relato do episódio foi escrito pelo protagonista dos acontecimentos, que por muitos anos foi missionário nas Índias e hoje é Vigário Geral na Inglaterra. Ele também é graduado pela universidade e um astrônomo renomado. Por motivos familiares, o relator não deseja que seu nome seja publicado. Esta é a relação dos fatos:

“Em setembro de 1892, eu estava sendo tratado em uma pequena cidade no norte do país de Gales. Já estava lidando com astronomia com imenso amor, e naquele momento estava totalmente absorvido nas questões técnicas relacionadas ao telescópio. Eu havia passado a noite com amigos e, entre as onze e a meia-noite, estava voltando para casa, sempre refletindo sobre minhas questões telescópicas. Quando cheguei ao limiar da minha acomodação, vi o planeta Júpiter surgir no oriente e decidi observá-lo. Peguei o telescópio, que estava localizado no hall de entrada; depois fui buscar seu tripé de apoio, que ficava em uma sala ao lado que estava vazia, contando apenas com uma mesa e algumas cadeiras. Caminhava tateando, com as mãos estendidas para a frente. De repente, sob meus braços estendidos, vi uma cama de ferro, com todo o estoque. Estava anormalmente baixa, mal alcançando o nível do meu joelho. Eu podia ver claramente a cabeça, mas na direção dos pés ela parecia se dissipar na escuridão. Embora a sala estivesse imersa na escuridão, eu a distinguia claramente, mas não me ocorreu maravilhar-me com essa circunstância improvável.

“Aquela cama estava ocupada. Eu podia ver claramente os travesseiros brancos e os lençóis brancos dobrados cuidadosamente e ainda alinhados, como se o ocupante nunca tivesse feito nenhum movimento. Eram dobrados incomumente curtos, pois chegavam na metade do peito da pessoa adormecida, e essa pessoa era uma jovem, com idade aparente de vinte e dois ou vinte e três anos. Ela tinha feições regulares e atraentes, que percebi claramente. Suas sobancelhas escuras e seus cabelos negros destacavam-se fortemente sobre as franhas alvas. Ela estava deitada de costas, mas seu rosto estava inclinado para

um lado e seu perfil estava delineado na minha frente com muita clareza. Seu braço esticado fora dos cobertores na beira da cama ao meu lado. O antebraço era longo e elegante, mas a mão acima de tudo atraía os olhos, especialmente na posição em que se encontrava. Era uma mão extraordinariamente pequena em relação ao braço, moldada com uma delicadeza aristocrática indescritível. Aquela mão era excepcionalmente bela, como eu nunca tinha visto a mesma; mas o que mais atraiu a atenção nela foi o detalhe de que a linha pela qual se unia ao pulso abruptamente formava um ângulo de recuo literalmente incomum. Eu tinha observado tudo isso em poucos segundos; então me retirei rapidamente, fechando a porta suavemente e chegando ao meu quarto no andar de cima, seriamente aborrecido com a dona da casa; irritação que fui desabafar com o meu colega, que dormia ao meu lado, dizendo-lhe: “Aquela mulher estúpida (era uma senhora muito digna e boa) colocou uma nova hóspede para dormir no quarto vazio do andar térreo sem me avisar; e então aconteceu que por muito pouco eu quase caí em cima dela”. Trocamos alguns comentários críticos sobre os proprietários da casa em geral e depois fui para a cama.

«Ao amanhecer, perguntei genericamente à empregada se havia novos hóspedes no quarto de baixo. Ela me olhou espantada, acreditando que eu estava brincando. Pouco depois, fiz a mesma pergunta à senhoria, que parecia mais surpresa do que nunca com a curiosa pergunta. Aí falei com clareza, dizendo a ela que ela havia colocado uma pessoa para dormir naquele quarto, sem me avisar; dizendo a ela o que tinha acontecido comigo por sua negligência. Ela, mais espantada do que nunca, negou categoricamente, convidando-me a ir ver, bem como a dar a volta na casa para me certificar de que a cama que descrevi não existia em parte alguma. Fiz isso, descobrindo que a cama incomum que vi não existia realmente naquela casa. Eu, portanto, tive que me convencer de que a Sra. Hughes estava falando a verdade e, conseqüentemente, que a cama que vi no quarto vazio não era uma cama material, e que a figura de uma jovem desconhecida por mim visualizada não era objetiva, não era real...”

O palestrante informa que foi às Índias pouco depois como missionário; que durante sua permanência lá ela iniciou uma correspondência ativa com uma jovem na Inglaterra, uma candidata a trabalhos missionários. Esta correspondência levou as partes a um pedido de casamento romântico, e em 1897 a jovem foi para as Índias para se casar com o missionário, o qual nunca a tinha visto. Assim que ela chegou, o casamento foi celebrado.

Após essas informações, ele continua da seguinte forma:

“Alguns dias depois do nosso casamento, entrei no quarto voltando de uma caminhada. Minha esposa estava deitada na cama, dormindo. Fiquei pasmo ao olhar para ela: estava na mesma posição em que eu havia observado a garota em minha visão. Ela estava deitada de costas com o rosto inclinado para um lado, contra a luz, e seu braço esquerdo estendido para fora dos lençóis, na beira da cama ao meu lado. O antebraço parecia longo e elegante, e a mão, extraordinariamente pequena em relação ao braço, era modelada com uma delicadeza aristocrática que não pode ser descrita. O que se destacou acima de tudo foi o detalhe daquela mão excepcionalmente bela que se juntou ao pulso abruptamente completando um ângulo de recuo literalmente incomum. Também havia cabelo preto e sobrancelhas grandes e pretas, assim como o perfil do rosto absolutamente idêntico ao da minha visão. Nenhuma diferença em particular. Percebo que nem antes, nem depois, observei uma mão e um antebraço semelhantes aos aqui descritos ».

Esta é a parte substancial do relatório interessante. O rev. Tweedale assim comentou:

«Foi um casamento que pode ser definido como: 'um casamento arranjado no céu'. Acontece que isso foi previsto cinco anos antes que as partes interessadas se conhecessem. Eu acrescentaria que um dos casamentos mais felizes e exemplares que conheço foi bem-sucedido”.

Noto como a expressão do rev. Tweedale que, ou seja, daquele casamento poderia ser dito que foi "combinado no céu, corresponde exatamente ao que foi exposto anteriormente a respeito dos episódios preditos e então realizados por personalidades mediúnicas ou por personalidades subconscientes. Vale dizer que também neste caso, o qual já não se trata de predizer um acontecimento insignificante e praticamente inútil, mas de um acontecimento entre os mais importantes na vida, deve-se reconhecer que houve intervenção de entidades extrínsecas, que, antes de tudo, transmitiram telepaticamente uma visão premonitória de uma situação futura em que o observador deveria se encontrar, a fim de então se esforçar para provocar sua realização por meio de sugestões telepáticas exercidas sobre as pessoas envolvidas. Daí decorre necessariamente que, para obter a realização da situação telepática, as mesmas inteligências operantes teriam também que preparar os acontecimentos que a conduziram, começando pela correspondência entre os dois predestinados, terminando com o pedido de casamento e com o casamento. Em outras

palavras: tudo isso nada mais seria do que um episódio ilustrativo do que se chama "O Destino" ou a "Fatalidade" na sucessão dos acontecimentos humanos; e a maravilhosa realização, nos mínimos detalhes, das manifestações precognitivas, seria então explicada pelo fato de que os sensitivos teriam tido a visão telepática de um fragmento **preordenado** da vida individual, ambos pela vontade das hierarquias espirituais responsáveis de governar os destinos humanos, e por efeito de uma "relação psíquica" aleatória brevemente estabelecida entre a personalidade subconsciente integral do sensitivo e uma personalidade espiritual consciente dos eventos futuros relativos a um determinado indivíduo.

Chegaríamos, portanto, a mais uma confirmação da concepção fatalista da vida, uma concepção tão antiga quanto a humanidade; não, porém, no sentido de **Fatalidade absoluta**, mas sim de **Fatalidade relativa**, pois dos fatos aqui considerados emergiria a confirmação de outra grande concepção complementar daquela exposta, e é que Necessidade e Liberdade resultariam igualmente divididas nos assuntos dos indivíduos, e isso na medida do grau evolutivo por eles alcançado. Do ponto de vista aqui contemplado, é especialmente útil tomar nota do fato de que a existência de uma **fatalidade relativa** pressupõe necessariamente a existência de hierarquias espirituais propostas ao governo dos assuntos humanos: uma conclusão muito capital quanto à solução do formidável quesito que contempla a gênese de grande parte dos fenômenos precognitivos.

* * *

CASO XLV – Retiro os dois casos que seguem do livro de um diplomata: o Conde Chedo Mijatovich, que já apresentei aos leitores nos comentários do caso XVIII. Recentemente, ele publicou um livro de memórias autobiográficas, intitulado: **The Memoirs of a Balkan Diplomatist**, no qual existem dois episódios muito interessantes de natureza clarividentes. Sobre o primeiro deles, ele escreve:

“Um dia, quando eu tinha quinze anos, minha mãe me chamou à sala, onde a encontrei na companhia de um homem de meia-idade, que estava sentado com uma cesta cheia de chinelos no colo. Então minha mãe me disse: “Este meu amigo Yefta, vendedor de chinelos, mas cuja verdadeira profissão é a de vidente, palavra que quer dizer que ele vê o futuro das pessoas que o

consultam. Quero que estenda a mão a ele, para que ele revele os acontecimentos futuros da sua vida”.

«Para agradar a minha mãe, já que não tinha curiosidade de saber o meu futuro, dei a minha mão a Yefta Papujiya, o vendedor de chinelos. Ele olhou para as linhas da minha palma por um longo tempo, depois fechou os olhos e, segurando minha mão com força na sua, falou assim:

“Você parece frágil e doente, mas há uma forte vitalidade em você e viverá relativamente muito tempo. Em breve você estará viajando, para visitar universidades estrangeiras. Em uma dessas grandes escolas, você encontrará uma jovem muitos anos mais velha que você e você se casará com ela. Você se tornará pregador ou professor, visto que o vejo falando para um grupo de jovens. Agora vejo que você será recebido nas cortes europeias, e vejo você apertando a mão de reis e rainhas. Grandes oportunidades se apresentarão a você para ganhar dinheiro, mas você não vai tirar proveito delas. O dinheiro que você ganha vai dividir com outras pessoas que você nem conhece, e você continuará pobre pelo resto da vida. Em sua carreira política, você cometerá dois erros, que o impedirão de se tornar o líder dos destinos de sua nação; o que certamente teria acontecido de outra forma. Você vai morar no exterior por muitos anos; mas vejo se aproximando o dia em que o governo de sua pátria ligará de volta, oferecendo-lhe um cargo mais importante do que você jamais ocupou. Você hesitará, mas acabará aceitando e, ao fazê-lo, estará prestando serviços sinalizados ao seu povo. Você vai morar em uma casa grande, que até me parece um palácio, com uma grande escadaria na entrada.... Agora vejo dois indivíduos, com largos cintos vermelhos, subindo a grande escadaria. Você os receberá na sala de audiência. Eles o atacam traiçoeiramente, segurando facas e revólveres, e o matam. Sim, morrerás assassinado e, depois da tua morte, o povo sérvio vai prestar-te grandes honras”».

O conde Mijatovich continua:

“Ouvindo essa descrição fantástica de eventos, fiquei imediatamente convencido de que Yefta estava tagarelando mentiras impossíveis. Por que eu teria que partir logo em uma viagem para visitar universidades estrangeiras, quando eu sabia que meu padrinho não tinha meios para me fazer viajar? E como era absurda a previsão de que me casaria com uma estrangeira vários anos mais velha do que eu! Isso certamente nunca se tornaria realidade. E então.... Eu, filho de um pobre professor sérvio, vou às Cortes Europeias apertar a mão de reis e rainhas? Delírios loucos! Até minha mãe, que tinha uma fé cega

nas faculdades proféticas de Yefta, desta vez ficou muito perplexa e envergonhada em face à eventos muito rebuscados para serem levados a sério.

“Ainda assim, três anos depois, o governo sérvio me enviou para estudar em universidades estrangeiras às custas do estado. Pouco tempo depois, casei-me com uma senhora estrangeira vários anos mais velha do que eu e, na minha qualidade de professor, falava diariamente em grandes reuniões de estudantes na Escola de Ensino Médio de Belgrado. E no devido tempo aconteceu que eu realmente fui para os tribunais europeus, onde apertei a mão de reis e rainhas. Segue-se que, tendo visto todos esses eventos improváveis sobre a minha pessoa acontecer, espero agora morrer assassinado, vítima de uma conspiração política”.

E não se pode negar que o conde Chedo Mijatovich tem boas razões para acreditar na realização da última profecia de Yefta, o vendedor de chinelos; embora também possa ser que a profecia não acontecesse e isso está de acordo com o que foi observado no primeiro capítulo desta obra no que diz respeito aos videntes, que às vezes estão sujeitos a seguir "pistas falsas", no sentido em que se manifesta se a eles a visão do que teria acontecido ao consultor se ele tivesse continuado na ordem de atividade em que foi iniciado, e lhes escapa que, em determinado momento, ele teria mudado abruptamente de orientação para sua existência ativa. A este respeito, apontei como esses supostos erros dos videntes, que são principalmente explicados pela irrupção de fantasias subscientes oníricas que perturbam o curso de visões genuinamente proféticas, são muitas vezes sequências verdadeiras de causas e efeitos existentes **em potencial**, mas que não eram percebido, mas que não se realizavam enquanto que os acontecimentos, tendo atingido o ponto crítico da "bifurcação" (que no nosso caso implicava perseverar na carreira diplomática, ou desistir dela, por parte do consultor), tomassem um caminho diferente daquele visualizado pelo sensitivo, determinando uma sucessão diferente de causas e efeitos. Recordo mais uma vez que esta hipótese não se baseia em induções livres, mas sim em fatos, como demonstrei num longo capítulo dos "Fenômenos Premonitórios", que se intitula: "Premonições em que se detecta um elemento de variabilidade teoricamente importante".

Finalmente, observo que as considerações acima se harmonizam plenamente com o que foi dito anteriormente sobre a existência de uma fatalidade que não seria **absoluta**, mas relativa; caso em que se entenderiam quantas vezes acontece ou se permite que a vontade dos homens exerça sua própria influência

modificadora sobre os acontecimentos; e isso na medida do grau evolutivo alcançado pelos indivíduos no desempenho de suas atividades terrenas.

* * *

CASO XLVI - Este é o segundo episódio relatado pelo Conde Chedo Mijatoviche, episódio que não perde nada para o primeiro pelo valor teórico.

Ele presume que em 1886 foi Ministro das Finanças no Gabinete Garashinin. Em junho daquele ano, a rainha Natália mandou chamá-lo, implorando-lhe um favor pelas obras de caridade a que ela se dedicava. O conde Mijatovich rapidamente encontrou emprego para a pessoa que lhe foi recomendada; e no dia seguinte ele foi ao tribunal para informar a rainha. Neste ponto, o palestrante continua da seguinte maneira:

"A rainha Natália ficou muito satisfeita com isso e me disse:" Agora que você teve a gentileza de usar imediatamente o meu recomendado, quero contar-lhe um episódio, da minha infância, que contribuirá para aumentar o número de suas experiências em ocultismo. Eu o provoco gentilmente às vezes por suas crenças ocultas, mas eu mesmo tenho meus bons motivos para acreditar pelo menos na clarividência no futuro".

"Depois disso, a rainha narrou que quando ela era uma menina de seis anos, ela foi com sua mãe visitar sua tia, Princesa Moroussi, em Odessa. Certa manhã, sua mãe mandou chamá-la e assim lhe falou: "Venha comigo para a sala de estar e não tenha medo se uma cigana segurar a sua mão."

"Na sala de estar ela encontrou muitas senhoras da alta sociedade, que se sentavam em círculo nos sofás e poltronas, enquanto, no meio delas, uma cigana estava agachada no tapete. A velha bruxa examinou as linhas da mão da criança por um momento e depois exclamou: "Louvado seja Deus! Esta menina um dia se tornará uma czaritsa! Eu a vejo usando uma coroa!"

"Esta previsão surpreendente foi saudada por uma risada geral alegre, e uma senhora voltando-se para a cigana, disse:" Ó velha bruxa, como você quer que entendamos que a filha de Madame Ketchko um dia usará a coroa! "A cigana retrucou gravemente: "Não sei como isso vai acontecer, mas garanto que esta menina um dia se tornará uma czaritsa, ou uma rainha, ou uma princesa. Em suma, algo que lhe permite usar uma coroa na cabeça. No entanto, agora vejo que quando ela atingir seu vigésimo oitavo ou vigésimo nono ano, ela perderá a coroa. Não vejo com clareza como os acontecimentos se desenrolarão, mas uma

árvore, ou uma pilha de madeira, será a causa (a cigana usava a palavra russa **Dryevo**, que significa tanto **árvore quanto madeira**)”.

«A rainha continuou assim: “Agora, uma vez que a primeira parte da profecia, por mais improvável que pareça, foi plenamente realizada, sinto-me angustiada com o medo de que a segunda parte dela se realize. Os anos críticos para mim são iminentes e, conseqüentemente, quando minha carruagem cruzar o parque de Koshutnack (uma cidade perto de Belgrado), não posso deixar de gritar para o cocheiro: "Cuide dos cavalos!". Isso porque temo que os cavalos tenham de correr soltos e loucos pela floresta, com o perigo de alguns galhos baixos me atingirem e matarem. Imagino que seja assim que a segunda parte da profecia será cumprida.

«A conversa exposta ocorreu em junho de 1886. Em setembro de 1888, o rei Milan divorciou-se da rainha Natalia, de modo que ela virtualmente perdeu a coroa; e a causa do divórcio foi D. Artemisa Christich, filha de um **madeireiro**».

Esta é a narração do conde Chedo Mijatovich. Como vimos, a cigana profetizou à criança acontecimentos que, embora parecessem literalmente improváveis, ocorreram de maneira impressionante. A cigana havia interpretado com sua própria inteligência consciente as visões simbólicas que passavam antes de sua percepção subjetiva e, de conseqüência, ela não sabia, ou melhor, não tinha sido capaz de relatar com precisão os detalhes secundários dos acontecimentos profetizados. Assim, por exemplo, ela presumiu que a causa pela qual a futura rainha perderia a coroa era uma árvore, ou melhor, uma pilha de madeira. O que se revelou impreciso do ponto de vista concreto, parece ser exato de forma surpreendente do ponto de vista simbólico, uma vez que as pilhas de madeira entravam por algum motivo na decadência do assento real da futura coroa. Argumentando assim, já é claro que não me refiro apenas ao caso exposto, mas ao complexo de casos desse tipo (como foram analisados por mim no volume sobre "Fenômenos Premonitórios"), nos quais o simbolismo transmitido ao vidente é claro e inquestionavelmente concebido de modo a atingir o propósito de transmitir o que se acredita ser apropriado tornar conhecido, e ocultar o restante em um simbolismo para um sinal tão sábio que seja imediatamente impenetrável ao vidente e o consulente, mas, pelo contrário, resulta claro e indubitável **o evento realizado**. Ora, tal fato prova como a inteligência operante não possa se justificar com a personalidade integral subconsciente do sensitivo-vidente, a qual não teria para esconder em símbolos impenetráveis até que o evento fosse concluído, o que ela conhece em relação ao futuro do

consulente; ainda mais se os detalhes por ela conhecidos fossem de natureza a salvar o consulente de uma grave desgraça ou da morte. Somente uma inteligência extrínseca ou espiritual teria motivos para ocultá-los. Novamente, então: direta ou indiretamente, é uma questão de lógica orientar-se novamente e sempre para a hipótese fatalista.

Termino assinalando que, do ponto de vista probatório, o episódio exposto pertence a casos clarividentes que vieram ao conhecimento de terceiros antes que ocorressem os eventos previstos; particulares teoricamente muito importante, uma vez que os torna invulneráveis a qualquer objeção que tenda a minar seu significado clarividentes. De fato, nota-se que a segunda parte da profecia exposta ocorreu dois anos e três meses após a rainha Natália ter confidenciado o seu segredo ao conde Chedo Mijatovich.

Tendo estabelecido isso, a profecia em questão assume um valor teórico muito considerável, pois foi formulada vinte e três anos antes de sua plena realização! A razão humana se perde diante do perturbador mistério implícito nas profecias de longo prazo; um mistério que filosoficamente se estende, se complica, se eleva incomensuravelmente, a ponto de se identificar com o mistério do Ser, com o enigma do universo, com a onisciência e a onipresença. Divina.

* * *

CASO XLVII - Nos livros de memórias autobiográficas publicados por "homens de ação" quase sempre contêm incidentes premonitórios ou previsões que os dizem respeito pessoalmente; e este é um detalhe muito notável, que se prestaria a considerações sugestivas sobre a tarefa que o Destino confia aos "homens de ação". Numerosos incidentes desta natureza encontram-se nas minhas classificações, que atestam a favor da legitimidade das considerações formuladas. Eu me induzo a citar outro exemplo desse tipo.

Sob o título: **The Story of my Life**, foram publicadas recentemente na Inglaterra as memórias do agora falecido coronel Philip Meadows Taylor, o herói da guerra do motim indiano.

Ele relata que em 1853 foi nomeado governador-comissário de uma província a oeste de Bombaim. No dia da sua chegada a Tuljapur, local que fora o local preferido de sua residência no ano de 1825, ele, após o café da manhã, estava sentado em sua tenda, com o cotovelo apoiado na mesa, quando viu um velho

brâmane vindo em sua direção. Dito isso, o Coronel Taylor continua nestes termos:

"Vendo-me sozinho na tenda, o brâmane foi até a mesa em que eu estava apoiado e, reclinado em sua bengala, olhou para mim, dizendo:" Você é então o sahib Taylor, que ficou aqui muitos anos atrás?"

«Respondi afirmativamente, e ele tirou de debaixo da capa um maço de papéis amarelados pelo tempo, perguntando-me se me lembrava deles. Peguei-os e olhei para eles, observando que coloquei minhas iniciais em cada um desses documentos; mas, por enquanto, não me lembrava para que propósito tinha feito isso.

"Então o velho brâmane falou assim:" Esqueceste-te, ó meu sahib, que há muitos anos desenhei o teu horóscopo e que, entre outras coisas, previ que tu voltarias para nos governar muitos anos? Bem, você vê: você está de volta. Eu havia profetizado a verdade. E há muito pouca diferença entre a data que previ e sua chegada. Eu previa que você viria para nos governar depois de 25 anos, e a pequena diferença que ocorre se deve ao fato de que naquela época você não sabia como me dar a data que eu havia pedido.

"Tudo isso era muito verdadeiro; como era verdade que eu estava voltando para aquela região na qualidade de governador. E coincidindo com o fato curioso, então me lembrei da minha surpresa quando soube que o governo de Bombaim mudou abruptamente, e sem motivo, a minha destinação, que deveria ter sido Berar, e me enviou para governar este distrito ocidental.

«A previsão do brâmane, que já parecia muito estranha, foi estranhamente cumprida mesmo na data predeterminada.

"O brâmane continuou: "Eu previ que nesse ínterim você se tornaria um **Rajá** e governaria um grande país por dez anos. E tudo isso está escrito aqui. Olha, meu sahib". E ele me entregou um documento, apontando com o dedo para o parágrafo onde a profecia foi escrita. "Nem mesmo nisso, meu sahib, cometi um erro."

«Observei-o a rir: "Na verdade não fui propriamente um **Rajá**, mas sim o governador do estado de um **Rajá**, até quando este não atingiu a maioridade".

«'Faça o mesmo, meu sahib, você era igualmente onipotente, como se fosse um **Rajá**. E a você, meu sahib, tocaram os infortúnios que profetizei. Você se casou nas Índias e, neste momento, sua esposa e seus filhos estão mortos. Fui informado esta manhã. Bem, meu sahib, leia aqui: eu previ isso. Eu tinha visto tudo isso claramente e aqui está escrito. Também me disseram que você não é

rico, embora muitos sacos de **rúpias** tenham passado por suas mãos. Bem, meu sahib, eu não previ isso? Leia aqui”.

“É realmente verdade”, respondi, “você adivinhou isso também. Eu não sou rico; aliás: muito pelo contrário, e tive de passar por grandes infortúnios, como o senhor previu”.

O brâmane observou: “Meu sahib, tudo isso não poderia ser evitado por você; e é por isso que o descobri há vinte e cinco anos. Você nasceu para a ação; riquezas e felicidade doméstica não foram feitas para você. Se você desejar ter de volta esses papéis, eu vos entregarei, mas se você não precisar deles, permita-me ficar com eles”.

Eu não precisava desses documentos e deixei que o brâmane os guardasse para si.

“Não faço comentários, limitando-me a observar que não posso explicar a mim mesmo como é possível que todas essas profecias se realizaram”.

Observo, em primeiro lugar, como essa outra profecia notável foi formulada vinte e cinco anos antes de sua plena realização, ao mesmo tempo que também se refere ao desenvolvimento subsequente dos principais eventos que teriam caracterizado uma existência individual inteira.

Do ponto de vista probatório, convém notar que desta vez se trata de uma sequência de profecias estritamente documentadas, pois foram escritas na época em que foram formuladas, e devidamente marcadas, uma após a outra, pelas iniciais do Coronel Taylor.

O detalhe teoricamente mais importante nelas contido consiste na observação final que o brâmane fez ao coronel: “Tudo isso não poderia ter sido evitado por você, e é por isso que o descobri há vinte e cinco anos”; declaração literalmente fatalista no sentido que defendi para a explicação de manifestações proféticas que são muito complexas e muito distantes no tempo. Em outras palavras: se foi possível ao vidente ler um futuro distante do Coronel Taylor, isso devia-se ao fato de que os principais eventos de sua existência futura estavam inexoravelmente predeterminados. Quanto ao ambiente transcendental, havia Inteligências que os conheciam, com os quais o brâmane chegou a estabelecer uma “relação psíquica”

Há também um profundo significado transcendental e filosófico na segunda consideração com a qual o brâmane terminou sua declaração. Ele observou: “Você nasceu para a ação; a riqueza e a felicidade doméstica não são feitas para você”. Do que se deve inferir que a missão do Coronel Taylor na vida, sendo a

de ação, se equivocou ao constituir família; para que as Inteligências espirituais encarregadas do governo dos povos corrigissem esse erro tirando suas esposas e filhos. O que, do ponto de vista das criaturas sacrificadas, demonstraria o valor insignificante que uma única fase da existência corporificada representa em face da evolução indefinida do espírito através de inúmeras fases de existências corporificadas. Nesse caso, dessa concepção mais ampla do ser, emergiria um ensinamento, que teria o efeito de atenuar o horror em nós suscitado pelas guerras, pestes, cataclismos que afligem a humanidade. De fato, por um lado, deve-se inferir que tais flagelos são na realidade comparáveis a eventos insignificantes de um momento na palingênese ascensional do espírito; enquanto, por outro lado, eles devem ser reconhecidos como tendo um propósito benéfico em relação à evolução posterior da espécie; assim como a morte dos parentes do Coronel Taylor teve que reconhecer um propósito utilitário em relação a um episódio nas fases evolutivas de um povo; um episódio que exigia que um "homem de ação" se tornasse totalmente senhor de si mesmo. Concluindo: Tudo contribuiria mais uma vez para demonstrar a sabedoria profunda de um postulado da filosofia oriental: "O mal é um bem que não conhecemos".

* * *

CASO XLVIII – Retiro esse caso do conhecido livro da Sra. Katharine Bates: **Do the Dead Depart?** (P. 106 - 112), e é um episódio que se refere a um objeto perdido e reencontrado com a ajuda de uma médium sensitiva-vidente, episódio maiormente interessante porque é assistido por faculdades clarividentes extrínsecas, as quais se estendem ao mesmo tempo no passado, no presente e no futuro. A Sra. Katharine Bates relata o seguinte:

"Eu tinha ido a Londres para visitar uma família amiga que residia em Evelyn Gardens e encontrei todos impressionados com um incidente ocorrido envolvendo um amigo próximo deles, que eu não conhecia na época, mas que, por uma combinação curiosa, conheci naquela mesma noite. Poucos dias antes, esta senhora havia perdido um rubi muito grande, de valor inestimável, que ela usava em seu dedo incrustado em um anel. Esta pedra maravilhosa foi um presente que um grande "Rajá" das Índias deu ao avô da senhora em questão. Isso remonta aos tempos em que a "Companhia das Índias" ainda funcionava, e aquele rubi era considerado na família como um verdadeiro "tesouro

hereditário", não só pelo seu grande valor, mas sobretudo pelas associações históricas com que tinha para a família.

"A senhora morava perto de 'Elm Park Gardens'. Ela tinha saído em uma manhã muito chuvosa e muito lamacenta; e ao entrar na igreja, ela havia tirado as luvas para não as recolocar novamente; então ela comprou em várias lojas próximas. Quando ela voltou e tocou a campainha, enrolada em sua capa impermeável, as mãos entulhadas de pacotes e o guarda-chuva pingando água, seu olhar pousou na mão direita e, para seu horror, viu que o enorme rubi havia desaparecido do anel, onde o círculo de diamante no qual foi colocado permaneceu intacto. Ele depositou os pacotes em casa, e refez o caminho, entrando para as devidas averiguações nas lojas visitadas anteriormente, mas sem sucesso. Ela voltou para casa desolada, e como havia convidados para o almoço naquele dia, teve que se esforçar para esconder seu estado de espírito.

"Assim que ficou livre para sair, foi direto das amigas que moravam em Evelyn Gardens, informando-as do ocorrido e implorando que consultassem uma clarividente sobre o assunto. Ela não queria ir pessoalmente, porque acreditava que tais práticas eram condenadas pela igreja e, portanto, pelo que parece, preferia que os outros correrem o risco moral. No entanto, as amigas prometeram à Srta. X. (a dona do rubi) que fariam o que ela desejava.

"A pedra preciosa havia se perdido numa quinta-feira, e, no outro dia, sexta-feira, as minhas amigas, foram até a vidente Sra. Chester (o endereço desta última eu havia fornecido). Elas se abstiveram de contar o incidente, limitando-se a informar que vieram consultá-la em torno de um "objeto perdido"

"A clarividente comentou imediatamente: "Não preciso de mais nada. Já posso ver no cristal o que é: trata-se de uma pedra preciosa caída do anel no qual estava incrustada". Em seguida, voltou o olhar para as clientes, observando: "Mas não foram vocês que a perderam. A pessoa que perdeu deveria ter se apresentado pessoalmente. Do jeito que as coisas estão, será mais difícil para mim estabelecer uma relação com ela".

"Seja como for, ela pareceu entrar prontamente na atmosfera psíquica da Srta. X, pois que começou a descrever uma mesa de jantar característica, com os cantos artisticamente esculpidos, uma mesa que as amigas imediatamente reconheceram como a da sala de jantar da casa da Srta. X.

Então, ela observou: "A pedra preciosa foi recolhida por um homem honesto, que não sabe o que fazer com ela. Ele é um artesão, usa um boné branco e uma jaqueta de trabalho. A princípio ele julgou que o objeto que coletou era um

pedaço de vidro colorido, já que lhe parecia ser muito grande para um rubi. De qualquer forma, ele o levou para casa. Eu vejo o interior desta casa, e vejo uma pequena prateleira, na qual ele colocou a pedra preciosa, fechada em uma caixa de comprimidos. Vocês devem publicar imediatamente um aviso de extravio da pedra preciosa, a fim de que ele possa ler e poder restituí-la ao endereço indicado. Mas você tem que pendurar o aviso nas vitrines das lojas próximas ao local onde a pedra preciosa foi perdida, porque se vocês publicassem nos jornais, ele não leria”.

“Então a Sra. Chester afirmou positivamente que o rubi seria devolvido; e isso, provavelmente, dentro de cinco dias. A este respeito, ela se expressou assim: "Vejo um grande 5; portanto, deve tratar-se de cinco dias, ou cinco semanas, ou cinco meses; mas é mais provável que dure cinco dias, visto que a cena que vejo, e que se refere ao momento em que o rubi é devolvido, a vejo muito clara e muito próxima. Aqui está o que se apresenta a mim: vejo uma senhora idosa sentada à mesa que descrevi anteriormente. Ela tem cabelos brancos e usa um fone de ouvido branco na cabeça. Um servo e um trabalhador estão com ela na sala. Este último segura nas mãos a caixa de comprimidos que já vi na pequena prateleira que descrevi. Ele tira uma bola de algodão da caixa, dentro da qual está o rubi. Alguém entra na sala trazendo em mãos o anel em que o rubi estava incrustado, pois que antes de entregá-lo, o operário queria assegurar-se que se adaptaria perfeitamente no anel que antes o continha”.

'Com isso a sessão de clarividência no cristal terminou, e as amigas foram embora, dizendo à Sra. Chester que deveriam imprimir os avisos de perda, colocando-os nas vitrines das lojas, conforme as instruções recebidas...

"Na terça-feira seguinte, antes do café da manhã, a Srta. X., voltando para casa, encontrou a porta da sala de jantar aberta, onde foi apresentada a cena idêntica vista cinco dias antes pela vidente Sra. Chester. Lá estavam sua mãe, o operário e o empregado da casa, que fora buscar no andar de cima, o anel que faltava o rubi.

“O operário disse que havia recolhido o rubi a poucos passos da soleira da igreja, no meio da água e da lama, julgando ser um pedaço de vidro colorido, sem valor. Desta forma, o levou para casa. Depois de limpá-lo, ficou surpreso com sua cor deslumbrante; e, portanto, o colocou em uma caixa de remédios, esperando ler algum aviso de perda sobre ele. No entanto, ele havia declarado à Srta. X. que antes de entregá-lo, gostaria que lhe mostrassem o anel no qual ele estava incrustado. Ora, essa foi a cena da identificação que ocorreu mediante à

Srta. X. quando ela entrou na sala de jantar, como já havia sido previsto antes pela Sra. Chester, com o auxílio da "visão no cristal".

"O operário recebeu, com expressão de júbilo, as cinco libras esterlinas que lhe eram devidas por ter encontrado e devolvido o rubi, e a família da Sra. X. ficou ainda mais satisfeita com a recuperação do seu precioso "tesouro hereditário".

"para mim, uma última coincidência curiosa aconteceu depois do almoço. Assim a minha amiga acabou de me contar o episódio interessante, o criado abriu a porta, apresentando a Srta. X.! Assim sendo, tive a oportunidade de conhecê-la, de observar o rubi mágico, e de obter a confirmação plena da história que acabara de escutar».

Esta é a narrativa interessante da Sra. Bates. Como já assinalado, o episódio exposto é mais interessante porque nele assistimos ao giro de um fenômeno de clarividência que começou no passado, atravessa o presente e avança para o futuro. Com isso, demonstra-se uma vez mais que essas três formas de clarividência, que, a nosso critério parecem radicalmente distintas e fundamentalmente diferentes umas das outras, se expressam através do trabalho de uma mesma faculdade paranormal muito misteriosa, pois é capaz de percorrer em qualquer direção o domínio de um dentre os fatores essenciais pelos quais o universo existe, um fator por nós denominado o "Tempo".

Do ponto de vista da gênese do episódio em questão, é legítimo supor que se deva exclusivamente às faculdades subscientes paranormais da sensitiva, faculdades que representam os sentidos espirituais existentes em estado latente no subsciente humano, à espera de emergir e ser exercido no ambiente sobrenatural após a crise da morte. Portanto, nada impede que essas faculdades emergentes nos médiuns, espontaneamente ou com o auxílio de práticas especiais destinadas a provocar seu surgimento, possam "inferir das causas existentes no presente" os eventos de realização iminente. Nesse caso, deve-se dizer que, no episódio exposto, a vidente tendo entrado em uma "relação psíquica" com a dona do rubi perdido, leu a história do evento em sua mente; enquanto aquela pedra preciosa, saturada com o fluido de quem a usava no dedo, servia para relacioná-la com o indivíduo que a encontrou, de cujo subsciente ele aprendeu a história da descoberta, sob a forma de objetivos cinematográficos, enquanto com base nas informações adquiridas, suas faculdades paranormais chegaram a inferir a concatenação dos eventos que aconteceriam até que o objeto perdido fosse devolvido; inferências bastante

simples e, eu direi, racionais para serem adivinhadas pela curta sucessão de causas e efeitos. Para nós, é claro, essa possibilidade permanece misteriosa e improvável, dada a coincidência perfeita nos detalhes secundários de uma situação prevista; mas não podemos recusar concedê-lo às faculdades subconscientes paranormais. No entanto, temos o cuidado de não exorbitar em concessões neste sentido, pois certamente não se poderia argumentar que as mesmas faculdades subconscientes venham a conhecer de antemão, a partir de inferências de causas existentes no presente, os eventos acidentais que deverão ocorrer a particulares a distância de vinte e cinco ou mais trinta anos, como é o caso dos episódios acima mencionados.

No entanto, reconheço que tudo isso não nos impede de assumir legitimamente que os mesmos eventos poderiam ser acessíveis - e sempre em virtude de inferências de causas existentes no presente para entidades espirituais hierarquicamente elevadas; e isso para a consideração de que, se a onisciência Divina deve ser postulada filosoficamente, então deve-se concordar que as hierarquias espirituais têm que se provar cada vez mais que enxergam tudo à medida que sobem na escada espiritual. Essa seria a chamada hipótese da "onisciência das causas", que só seria aplicável às altas hierarquias espirituais, e de forma alguma excluiria a hipótese "fatalista", sempre necessária se queremos explicar as mais importantes categorias de fenômenos clarividentes.

* * *

CASO XLIX – Termine este capítulo com um episódio análogo àqueles com os que iniciei, exceto pela notável diferença de que os episódios que se tratou no início aparecem muito bem telepaticamente determinados por personalidades espirituais, mas se referem a eventos insignificantes e praticamente inúteis. No episódio que estou prestes a expor, há um detalhe presumivelmente determinado telepaticamente por uma personalidade espiritual a fim de salvar a vida da pessoa designada.

Trago revista trimestral inglesa **Psychic Science** (abril de 1926, p. 38). O orador é o major de artilharia C. C. Colley, filho do conhecido arquidiácono Colley, o grande propagandista do espiritualismo, que infligiu a memorável, triste e cara humilhação ao famoso mago inglês Maskeline.

O Major Colley relata o seguinte:

“Tínhamos que ir para as manobras de campanha e estávamos muito ocupados nos preparando para a marcha. Eu era novo na minha seção de homens e cavalos. Além disso, o novo canhão “Dezoito” havia chegado à Índia, e nossa bateria foi a primeira a ser armada com ele; de forma que fiquei totalmente absorvido na tarefa de ensinar aos meus homens os detalhes deste novíssimo equipamento.

“Para aumentar minhas preocupações daquele momento, chegou um telegrama de meu pai de Londres, assim concebido: 'Sua vida está em perigo. Cuidado com a munição’. Sabendo bem como meu pai tinha a mente equilibrada, me convenci de que ele certamente não teria arcado com as despesas de um telegrama de Londres para as Índias, para me avisar de que minha vida estava em perigo, se ele não tivesse seus bons motivos. Portanto, me propus tomar as devidas precauções quando fosse disparar com os novos canhões; e, pelo enquanto, procurei tirar do meu pensamento o pré-aviso.

“ Veio uma ordem do Ministério de Guerra para que minha Bateria fizesse uma prova de resistência em relação ao seu equipamento; isto é, era preciso fazer uma longa corrida, alternando uma milha a trote com uma milha a galope, até que fosse alcançada a metade; e isto para testar a resistência das rodas, que em vez da habitual madeira de faia, foram construídas com madeira de “Teak”; por isso permanecia a dúvida de que não fossem suficientemente resistentes ao peso dos novos canhões. Para fazer o teste, destaquei uma seção de dois canhões, que deveria avançar um dia antes, e eu deveria acompanhá-la para supervisionar o teste.

“E aqui está que dois dias antes da partida, meu comandante manda me chamar, e sem motivo aparente, ele me pergunta se eu gostaria de cinco dias de licença, acrescentando que eu poderia alcançar a Bateria em Sangar depois de três dias de marcha, por Jubblepore. Foi um acontecimento incrível: esse homem rude, que não dava licença a ninguém, espontaneamente me ofereceu cinco dias de licença! É claro que aceitei agradecendo e corri direto para meus camaradas para contar sobre o acontecimento sem precedentes. Isso me pareceu ainda mais surpreendente, considerando que os meus camaradas é que tinham suportado o cansaço e o calor de todos os preparativos, enquanto que eu chegava bem descansado da Inglaterra. E, mesmo assim, fui eu quem deveria ir descansar nas frescas colinas de Bombay!

Parti imediatamente, enquanto a seção das duas armas que eu havia preparado iniciava a manobra sem mim. Três dias depois, enquanto estava

lendo o jornal no hotel, soube que um canhão de minha bateria havia explodido, aparentemente devido à munição que havia fermentado nas caixas de aço em que estavam trancados. Dois cavalos morreram na explosão e o condutor ficou gravemente ferido. Um dos canhões que eu mesmo deveria ter supervisionado pessoalmente explodiu.

“Na época, recebi cartas de casa, nas quais meu pai me informava que seu telegrama havia sido determinado por uma mensagem mediúnica de minha falecida mãe, que recomendou que eu fosse imediatamente me advertido que deveria monitorar cuidadosamente as munições dos meus canhões.

“Esta me parece ser uma prova contundente da existência dos fenômenos premonitórios, pois se eu tivesse na minha seção, teria que monitorar o funcionamento das rodas de canhão nas difíceis estradas percorridas, sendo vítima da explosão”

Este é o relatório do Major Colley; a esse respeito, observo que ele aponta que o incidente protetor que lhe ocorreu contém evidências claras de um fenômeno premonitório que salvou sua vida, mas se esquece de explicar como isso aconteceu; ou, mais precisamente, como se presume que tenha acontecido.

Ou seja, deveria ter assinalado que sua salvação se devia exclusivamente ao fato de seu comandante ter lhe concedido espontaneamente uma licença não solicitada; o que é até surpreendente pelas seguintes considerações: primeiro, porque era um superior carrancudo, que nunca concedia licenças a quem as pedia, e agora as concedia espontaneamente a quem não as pedia; em segundo lugar, porque os regulamentos militares proibiam a concessão de licenças quando os oficiais estavam no campo para manobras; em terceiro lugar, porque, de qualquer forma, a licença deveria ter sido concedida aos camaradas de Colley, que há muito estavam cansados e excitados com os preparativos para a expedição, onde o Colley chegava recém-chegado da Inglaterra. Agora, se considerarmos tudo isso em conjunto com o fato da mensagem premonitória anterior em que Colley foi alertado de um perigo que o ameaçava em relação à munição, deve-se racionalmente inferir que a entidade espiritual que transmite a mensagem, prevendo que a explosão não poderia não ser evitada, influenciou telepaticamente o Comandante da Bateria no sentido de que concedesse uma licença extraordinária ao Major Colley, salvando assim sua vida. Uma solução que, se considerada em sua relação indiscutível com os episódios semelhantes anteriormente relatados enquanto às manifestações premonitórias de origem

insignificante e praticamente inútil, parece, sem dúvida, a única solução provável no que diz respeito ao evento em questão.

* * *

Chegado a este ponto, observo que esta monografia, por ser complementar a outra intitulada: **Dos Fenômenos Premonitórios**, não envolve uma síntese própria e conclusiva, pois esta síntese não poderia deixar de ser uma paráfrase daquela com a qual termina, esta monografia é o complemento daquela.

Refiro-me, portanto, ao capítulo final desta última para um resumo adequado das importantes conquistas teóricas conseguidas, lembrando a este respeito como a monografia em questão consiste em uma classificação exaustiva e comentada de todas as maneiras pelas quais a "clarividência no futuro" é expressa, considerada em relação aos eventos futuros de indivíduos singulares, enquanto que nesta segunda monografia complementar à outra consideram-se as manifestações sensitivas estendidas aos eventos coletivos dos povos, isto é, àquela classe de manifestações do gênero os quais são conhecidos pelo nome de "profecias".

Este é o tema fundamental deste trabalho, que foi seguido, a título de apêndice, por alguns capítulos nos quais se contemplam os episódios curiosos e teoricamente interessantes de premonições da "cadeira vazia", bem como certas outras variedades de premonições altamente sugestivas sob aspectos diferentes, que convergem todos para a demonstração, a partir dos casos, de uma grande verdade metapsíquica que consiste em reconhecer que os fenômenos premonitórios em geral, como em qualquer outra categoria de manifestações paranormais, confirmam, reafirmam, reiteram a tese metapsíquica fundamental aqui defendida, segundo a qual todas as manifestações paranormais possam resultar, dependendo das circunstâncias, por vezes Anímicas e por vezes Espíritas; o que vale a reconhecer que o Animismo é o complemento necessário do Espiritismo, e isso a tal ponto que sem o Animismo, o Espiritismo não teria base; ou seja, se queremos demonstrar experimentalmente que o homem é um espírito já encarnado, não se pode fazer sem os fenômenos Anímicos. Se eles não existissem, o homem não sobreviveria à morte do corpo. Deve-se acrescentar que as assertivas teóricas enunciadas aparecem indiretamente validadas pelo fato de que somente na condição de aceitar a tese metapsíquica aqui defendida é possível explicar todo o complexo

da casuística metapsíquica. O que significa que aqueles que não aceitam, nunca serão capazes de dar uma razão geral para isso.

Feito isso, concordo que os argumentos expostos, embora sejam praticamente invulneráveis, estão bem longes de ser aceitos pelos representantes da ciência oficial, e isso porque suas mentalidades ainda demonstram irreduzivelmente impregnadas pelo preconceito pseudocientífico segundo o qual tudo contribui para demonstrar que “o pensamento é função do cérebro”; um preconceito difícil de eliminar, pois que assume um aspecto estritamente experimental, e uma aparência logicamente inevitável.

Não há dúvida, de fato, que se na realidade as investigações realizadas no cérebro humano por fisiologistas e histologistas bastassem para legitimar, com base nos fatos, tais conclusões desoladoras em contraste com a intuição de todos os povos existentes e que existiram em nosso mundo, sem dúvida eu digo - que se fosse esse o caso, teríamos apenas que esperar resignadamente por nosso turno final de aniquilação. Só que, mesmo *a priori*, sempre surgiu na mente dos pensadores a dúvida de que esses resultados da investigação histológica não fossem definitivos. Também, que algum fator da grande questão a ser resolvida havia escapado à atenção dos eminentes especialistas em discurso, e que, se assim não fosse, e se as conclusões da histologia fossem definitivas, então do ponto de vista filosófico dever-se-ia inferir que o universo criado, com a existência de mundos, a evolução da Vida nos mundos e a Inteligência na Vida, não teriam nenhum propósito. Neste caso, talvez tenha razão o rev. Burton, pastor anglicano de Manchester, que diz: “Sem sobrevivência, mesmo a existência de Deus se tornaria uma hipótese inútil”. Precisamente assim; mas se entende que tudo isso não pode ser.

Quantas vezes, em polêmica, tentei em vão explicar aos eminentes opositores em boa-fé aqui considerados, por quais razões de natureza igualmente experimental, suas conclusões sobre o "pensamento em função do cérebro" devem ser consideradas fundadas em uma aparência pura, que tinha por causa sempre o mesmo erro de chegar a conclusões gerais com base nas investigações parciais! Erro que em nosso caso tinha como atenuante a circunstância de que os representantes da ciência especializada nessa temática, ignoravam em massa a existência das faculdades paranormais no subconsciente humano, independentes das funções do órgão cerebral, bem como independentes das leis da evolução biológica, faculdades que constituíam os sentidos espirituais de um "corpo etérico" imanente no "corpo organizado";

circunstância de fato esta última a qual subentendia necessariamente a existência de um "cérebro etérico" imanente ao "cérebro orgânico". Ora, essa outra revelação da psicobiologia resultava uma aquisição experimental muito eloquente no que tange a questão aqui considerada. Por isso foi eficaz de eliminar de uma vez as perplexidades que sempre impediram os fisiologistas de admitir a existência de um espírito sobrevivente à morte do corpo, perplexidades que se resumiam em uma circunstância factual indubitável: a da existência de um paralelismo psicofísico nos fenômenos do pensamento, que inevitavelmente levaram a inferir a extinção do espírito com a dissolução do órgão pensante.

Nenhuma dúvida, repito, que nos limites de seus conhecimentos especializados, os fisiologistas e os histologistas estavam certos em concluir neste sentido, e isso resulta logicamente inevitável, que neste sentido, o escrevente também havia concluído no período filosófico de suas próprias investigações sobre nesse mistério, o mistério do Ser; mas não seria mais assim se os eminentes oponentes em questão, à maneira do escrevente, se decidissem estender os processos de análise comparativa à fenomenologia sobrenatural investigada pela metapsíquica; caso em que, por sua vez, deveriam reconhecer a existência indubitável de um "cérebro etérico" imanente ao "cérebro orgânico", com as consequências teóricas que dele derivam, as quais podem ser resumidas observando que a partir do mesmo deve-se inferir que o "cérebro orgânico" é apenas um dispositivo receptor das "vibrações físicas" específicas que chegam a ele do mundo externo por meio dos sentidos, e as transforma - em um segundo tempo - em "vibrações psíquicas", de modo à torna-las perceptíveis ao espírito imanente no "cérebro etérico".

Dito isso, segue-se que com a ajuda da nova concepção do Ser (concepção não mais parcial, mas totalitária), a qual emerge radiante em base à investigação das manifestações paranormais, se explicaria muito melhor por qual motivo um indivíduo perde temporariamente a razão sob a influência de uma bebida alcoólica, e não mais raciocina como deveria se o cérebro orgânico funciona em desordem, como na demência. Em outras palavras, ficaria claro que se o aparelho que transforma as **vibrações físicas** em **vibrações psíquicas** reage desordenadamente, o "cérebro etérico", sede do espírito, não será mais capaz de receber percepções exteriores corretas, muito menos de agir à periferia com pensamentos e atos apropriados, os quais continuarão a ser transmitidos, mas

o aparelho transformador irá deturpá-los e irá distorcê-los em representações desconexas.

Concluo informando que a existência de um "corpo etérico" no organismo humano, e conseqüentemente de um "cérebro etérico" imanente ao "cérebro orgânico", é demonstrada com base em fatos, de forma incontestável, pelas manifestações sobrenaturais inerentes às funções do corpo etérico, o qual podendo se externalizar temporariamente do organismo corporal, tanto espontaneamente quanto no sono fisiológico, no êxtase, no desmaio e no coma, seja experimentalmente no sono sonambúlico e no sono mediúnico; ele se presta a ser investigado cientificamente.

Uma vez que não é possível demonstrar tudo o que foi exposto em uma síntese conclusiva, sugiro aos leitores que desejam se aprofundar nesse tema tão importante, a minha monografia intitulada: **Dei fenomini di Bilocazione. (Dos Fenômeno de Bilocação).** (1).

(1). Este livro foi publicado em poucas cópias pela Editora Dante da Città della Pieve (Perugia). A edição é de 1934; p. 132. Será por nós reimpresso, com algumas modificações que o Mestre nos recomendou, em algum momento, nesta série. [G. D. B.]

Prosseguindo, esta monografia traz também um novo contingente de fatos em demonstração do que foi discutido em profundidade no capítulo final da monografia anterior, a respeito do tema concernente à existência de um Fatalismo colocado para reger os assuntos humanos individuais e coletivos. Tema formidável e perturbador que, no entanto, em base aos processos de análise comparativa, foi possível penetrar o suficiente para circunscrevê-la nos devidos limites. E desta vez foi alcançado com base em fatos, não através da formulação de postulados metafísicos impotentes, como os que por trinta séculos vão se acumulado nos pesados sistemas metafísicos dos grandes pensadores, sem concluir nada. Desta vez, porém, com a ajuda da Metapsíquica, que se encontra em condição de demonstrar experimentalmente que se existem categorias de manifestações premonitórias que comprovam de forma indiscutível a existência de um fatalismo sobre os eventos humanos individuais e coletivos, ao contrário, existem outras categorias de manifestações deste tipo em que existem elementos de variabilidade oriundos da iniciativa individual, os quais estão indicando que nos assuntos dos indivíduos e dos povos, existem outros acontecimentos inexoravelmente pré-ordenados por um poder extrínseco imperscrutável. Também existem outros eventos os quais provam a existência de uma relativa liberdade de escolha em assuntos individuais e

coletivos; relativa sim, mas suficiente do ponto de vista filosófico da ascensão espiritual humana, e ainda mais porque resultaria em uma relação matemática com o grau de evolução espiritual alcançado por cada indivíduo.

Observo a esse respeito que essas conclusões, baseadas nos dados experimentais da análise comparada, fornecem confirmação válida à brilhante concepção metafísica do Professor William James, segundo a qual existiriam para cada individualidade humana "múltiplas possibilidades de vida", às quais poderão ou não se realizar seja por conta da vontade, seja contra a vontade do próprio indivíduo. No primeiro caso demonstrando a existência no indivíduo de uma "relativa liberdade de escolha"; no segundo, a existência de uma "fatalidade relativa"; de maneira que o segundo fator resultaria complementar do primeiro, e ambos seriam indispensáveis a modelar uma alma, assim como no mundo dos viventes o Mal resulta complementar do Bem, e ambos são indispensáveis à evolução das espécies; ou como o pólo negativo é complementar ao polo positivo em todas as aplicações elétricas, e ambos são indispensáveis para a criação de energia.

Em outras palavras: Fatalidade e Liberdade seriam os dois fatores contrastantes sobre os quais cada existência humana depende; assim como o progresso humano depende do contraste social de interesses e das ideias. E assim como, no domínio da física, a transformação da energia elétrica em luz radiante depende do contraste de duas correntes: positiva e negativa. Essa é a lei imperscrutável que governa todo o universo, do átomo ao astro, da bactéria ao homem. (1)

(1) As considerações apresentadas, que resultam numa síntese muito limitada do que emerge da exposição dos fatos e das considerações sugeridas pelos fatos contidos na monografia sobre "Fenômenos Premonitórios" (), convida todos aqueles dentre os leitores que desejam avaliar sua eficiência real no sentido considerado, desejar ler e ponderar os dois últimos capítulos da monografia em questão.*

() **Luzes no Futuro** (Fenômenos Premonitórios) dois volumes de um total de 500 páginas. Casa Ed. Europa, Verona, 1947. [G. D. B.]*

